

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
CENTRO DE ESTUDOS GERAIS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

A ÁFRICA NA IMPRENSA NEGRA PAULISTA

(1923-1937)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, sob orientação do Prof. Dr. Marcelo Ivair Pinto Bittencourt, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em História.

RAEL FISZON EUGENIO DOS SANTOS

NITERÓI/2012

A ÁFRICA NA IMPRENSA NEGRA PAULISTA
(1923-1937)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, sob orientação do Prof. Dr. Marcelo Ivair Pinto Bittencourt, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em História.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcelo Bittencourt – Orientador
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Amilcar Pereira - Arguidor
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof^a Dr^a Mônica Lima – Arguidora
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dra Andrea Marzano. – Arguidora (suplente)
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

S237 Santos, Rael Fizon Eugenio dos.

A África na imprensa negra paulista (1923-1937) / Rael Fizon Eugenio dos Santos. – 2012.

182 f.

Orientador: Marcelo Ivair Pinto Bittencourt.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2012.

Bibliografia: f. 175-182.

1. Imprensa. 2. Jornalismo. 3. Getulinho (Jornal). 4. Progresso (Jornal). 5. Clarim (Jornal). 6. Voz da Raça (Jornal). 7. Relações raciais. 8. Etiópia. 9. Negro. 10. Etnia. 11. Nacionalismo. I. Bittencourt, Marcelo Ivair Pinto. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. III. Título.

CDD 070

Resumo

Analisamos nesta dissertação as referências à África em quatro importantes jornais da *imprensa negra paulista* da primeira metade do século XX (*Getulino*, *Progresso*, *Clarim da Alvorada* e *Voz da Raça*). Para tanto, nos debruçamos primeiramente sobre a análise das relações raciais, da situação do negro e da formação desta imprensa no pós-abolição.

Em termos gerais, constatamos que as discussões sobre o negro na *imprensa negra* estavam marcadas, em grande parte, por certo nacionalismo que frisava a importância do negro para a formação nacional brasileira e por certo ideal de modernidade, muitas vezes transnacional, ligada à disciplina, ao trabalho, ao esporte, à educação e à música. Também constatamos que, apesar da África não aparecer como elemento central na luta política desses sujeitos, ela não está ausente. Em termos gerais, há referências à África sobretudo quando se trata da origem do negro brasileiro e, no que se refere às notícias do continente africano, ganha destaque as referências à Etiópia/Abissínia.

Abstract

In this paper we have analyzed the references to Africa in four of the most important newspapers of “black press of São Paulo” at the first half of the 20th century (*Getulino*, *Progresso*, *Clarim da Alvorada* e *Voz da Raça*). In order to do that, at first, we have focused on interracial relations of black people and the raising of the “black press of São Paulo” after the abolition.

Generally speaking, we have found that the discussions about black people at this “black press” were, mostly, around a certain nationalism that marked the importance of the black people for the raising of the Brazilian culture and a certain ideal of modernity, most of time transnational, connected to discipline, to work, to sports, to education and to music. We have concluded that despite Africa is not a central element at politic struggle of this people, it is not aware of it either. Therefore, there are references to Africa especially when the subject is the origins of the black people of Brazil, and when it is about African continent what is highlighted is Ethiopia/Abyssinia.

Agradecimentos

Agradeço à minha mãe Anita, ao meu pai Eugenio, à minha irmã Feiga e minha companheira Larissa (a Lalá), pelo apoio material e afetivo.

Agradeço ao meu orientador, Marcelo Bittencourt, que sempre se mostrou presente e disposto a ajudar quando precisei.

Aos professores e funcionários do Colégio de Aplicação da UFRJ, que foram fundamentais em minha formação acadêmica e na formação de meu círculo de amizades. Agradeço especialmente à equipe de História do CAp, que, sem dúvida, faz parte de minha formação e de minha opção acadêmica. Obrigado aos professores Mônica, Manuela, Laura, Ceará, Américo e Fábio.

A partir do CAp, pude conhecer o grupo que agradeço a seguir:

Meus amigos Fábio (o Bito), Hermano, Bernardo (o Beni), Reinaldo (o Regi), Leonardo (o Kissi), Ary e Daniel (o Pará), por fazerem parte de minha vida e colaborarem com minha formação, através da amizade, de diversões, peladas, debates etc.

Agradeço aos amigos feitos mais recentemente e que estavam comigo durante o período da pesquisa: Cristiane, Graciella, Dayanne, Daniele, Pedro, Giovanna e Bárbara.

Ao Jair Labres, que me ajudou a entender um pouco mais sobre “música negra” e com quem escrevi um artigo, apresentado na ANPUH-2011, sobre os jazz-bands no Brasil na década de 1920.

Agradeço ao amigo e mestre Geraldo Moreira Prado, por seu exemplo de vida, por ter me iniciado nas pesquisas históricas e mostrado como um intelectual pode e deve unir a seus estudos intervenções que busquem melhorar a sociedade em que vivemos. Geraldo, após muito esforço, liderou a construção do que é considerada a maior biblioteca comunitária rural do mundo, em Paiaiá, interior baiano, sua terra natal. Biblioteca que hoje é um polo de conhecimento e cultura em pleno sertão.

Agradeço à amiga Jussara, que é um marco no meu interesse pela História. Lembro-me quando ela me presenteou, um pouco antes do vestibular, com o livro *Era dos Extremos*, o que contribuiu para minha escolha pela área da História.

Ao meu orientador da monografia, professor Carlos Gabriel. Exemplo de professor.

À Mônica Lima, que me ajudou no período de produção do projeto e no período da qualificação e Defesa. Da mesma forma, agradeço à Carolina Vianna Dantas e Martha Abreu pelas críticas e sugestões oferecidas no período de minha qualificação. E ao Amílcar Pereira por suas contribuições durante a pesquisa e na Defesa. Sem dúvida que esta dissertação estaria pior sem a contribuição desses professores.

Sumário

Introdução	10
Capítulo 1: O negro, as relações raciais e a mobilização negra em São Paulo.	24
1.1. Visões historiográficas sobre o negro, o africano e a escravidão.	27
1.2. Estudos sobre as relações raciais: a marginalização do negro.	34
1.3. Política de imigração europeia e marginalização do negro.	38
1.4. Meio negro em São Paulo.	41
1.5. Movimento negro em São Paulo.	46
1.6. Imprensa negra em São Paulo.	47
1.7. Getulino, Clarim da Alvorada, Progresso e Voz da Raça.	53
1.8. A questão do branqueamento.	58
Capítulo 2: Modernidade e o negro para além das fronteiras nacionais.	68
2.1. Modernidade.	75
2.2. <i>Raça</i> e nacionalismo.	77
2.1. Jazz-bands, <i>raça</i> e modernidade.	91
2.2. Esporte e Cultura.	96
Capítulo 3 A África na imprensa negra paulista (1924-1937).	102
3.1. A África na imprensa negra paulista.	110
3.2. África: o negro no Brasil.	118
3.3. África: o negro estadunidense e o pan-africanismo.	123
3.4. Notícias da África na imprensa negra paulista.	134
- Notícias sobre a África no Progresso.	135
- Notícias sobre a África no Clarim da Alvorada.	137
- Notícias sobre a África no Getulino.	139
- Notícias sobre a África no Voz da Raça.	140
3.5. África: Etiópia/Abissínia.	143
- Libéria.	150

3.6. Os interessados pela África e fontes de informação.	151
Conclusão.	157
Anexo I	160
Anexo II	164
Anexo III	168
Bibliografia e fontes	175

Tudo começou quando a gente conversava
Naquela esquina alí
De frente àquela praça
Veio os homens
E nos pararam
Documento por favor
Então a gente apresentou
Mas eles não paravam
Qual é negão? Qual é negão?
O que que tá pegando?
Qual é negão? Qual é negão?
É mole de ver
Que em qualquer dura
O tempo passa mais lento pro negão
Quem segurava com força a chibata
Agora usa farda
Engatilha a macaca
Escolhe sempre o primeiro
Negro pra passar na revista
Pra passar na revista

Todo camburão tem um pouco de navio negreiro

É mole de ver
Que para o negro
Mesmo a aids possui hierarquia
Na África a doença corre solta
E a imprensa mundial
Dispensa poucas linhas
Comparado, comparado
Ao que faz com qualquer
Figurinha do cinema
Comparado, comparado
Ao que faz com qualquer
Figurinha do cinema
Ou das colunas sociais

Todo camburão tem um pouco de navio negreiro

(“Todo Camburão tem um pouco de navio negreiro”. Letra e composição: Marcelo Yuka.)

A carne mais barata do mercado é a carne negra

Que vai de graça pro presídio
E para debaixo do plástico
Que vai de graça pro subemprego
E pros hospitais psiquiátricos

A carne mais barata do mercado é a carne negra

Que fez e faz história
Segurando esse país no braço
O cabra aqui não se sente revoltado
Porque o revólver já está engatilhado
E o vingador é lento
Mas muito bem intencionado
E esse país
Vai deixando todo mundo preto
E o cabelo esticado
Mas mesmo assim
Ainda guardo o direito
De algum antepassado da cor
Brigar sutilmente por respeito
Brigar bravamente por respeito
Brigar por justiça e por respeito
De algum antepassado da cor
Brigar, brigar, brigar

A carne mais barata do mercado é a carne negra

(“A carne”. Composição: Marcelo Yuka, Seu Jorge e Wilson Capellette)

Uma das coisas que vai nos ajudar é a independência da África.
Um dos motivos de nunca termos nos organizado é que odiamos a nossa imagem africana.
A África esteve nas mãos de pessoas que criaram uma imagem negativa e odiosa da África.
Sendo odiosa, nós não quisemos nos identificar com ela.
Agora que a África está ficando independente e criando uma imagem positiva de si mesma, nós podemos olhar para ela e nos identificar com ela.
Nós ficamos orgulhosos do nosso sangue africano.
Isso faz os negros no ocidente terem mais orgulho racial e se unirem, trabalhando juntos.

(Malcon X, *Por qualquer meio necessário*.)¹

Introdução

Em 1961 José Honório Rodrigues comentou sobre o afastamento histórico entre Brasil e África a partir de 1850, com o fim do comércio de seres humanos escravizados entre as duas regiões. O Brasil, que durante mais de trezentos anos manteve intensas trocas econômicas, culturais e políticas com regiões africanas – principalmente através de Salvador e Rio de Janeiro com as costas da Mina e da região Congo-Angola – a partir do fim do comércio de humanos inicia um processo de afastamento da África que dura até meados do século XX.

Disse Rodrigues:

Creio que ainda hoje, se fizermos um inquérito sobre o que os brasileiros, não só os comuns, mas os de nível superior, sabem da África, nossa ignorância não nos deverá surpreender. As elites cultivaram a Europa, não toda, porque na Oriental, balcânica e mesmo escandinava pouco cuidaram. Interessam-se pela Ibérica, porque dela descendemos, mas o nosso espelho foi especialmente a França, e quando muito a Inglaterra ou a Alemanha. Recentemente, com grande repugnância das elites afrancesadas, os Estados Unidos passaram a ser mais conhecidos. Se da América “Latina” o brasileiro comum não sabe mais que alguns nomes de países, muitas vezes sem lhes indicar as capitais, da Ásia e África seu desconhecimento é ilimitado. Não falo

¹ Ver no sítio *youtube*: “Por qualquer meio necessário (parte 1 de 2)”. Acessado pela última vez em 29/5/2012.

dos 50% de analfabetos que ouviram uma vez ou outra alguma citação ou alguma referência, mas dos outros 50%, alguns de nível superior, que desprezam estas histórias africanas ou asiáticas, a que não se sentem vinculados por nenhum parentesco ou filiação. Recentemente a imigração libanesa deu ao brasileiro uma vaga ideia do Oriente Próximo (RODRIGUES, 1961: 6).

Alberto da Costa e Silva (2003) também comentou sobre o afastamento das duas margens do Atlântico que outrora formavam um rio cultural, econômico e político, tamanha a circulação de pessoas entre as duas margens:

No início do Oitocentos, eram mais numerosos os navios que faziam o percurso entre Angola e o Brasil do que aqueles que ligavam os portos angolanos a Portugal. Tão intenso quanto o que vinculava a chamada Costa dos Escravos à Europa era o tráfico marítimo entre o Brasil de um lado, e, do outro, os portos da atual República do Benin, do Togo e da Nigéria. O panorama transformou-se por completo, menos de cem anos depois (SILVA, 2003: 33).

Apesar do rio Atlântico ainda ser um oceano, José Honório Rodrigues e Alberto da Costa e Silva são dois ícones acadêmicos de dois períodos de certa reaproximação e valorização da África. Historiador, José Honório Rodrigues foi diretor da seção de pesquisa do Instituto Rio Branco de 1948 a 1951 e do Arquivo Nacional de 1958 a 1964. *África e Brasil: outro horizonte é*, hoje, uma referência básica nos estudos das relações entre Brasil e África e relaciona-se ao contexto da Política Externa Independente, quando o governo brasileiro, de 1961 a 1964 (com Jânio e posteriormente Jango na presidência da República), adota a linha de diversificação das relações diplomáticas a partir da abertura de canais com a África e os países do leste europeu (SARAIVA, 1996).

Alberto da Costa e Silva fez parte dos quadros do Itamaraty e é um dos mais reconhecidos estudiosos brasileiros sobre África. Seu livro mais famoso, *Um Rio chamado Atlântico*, publicado em 2003, representa outra fase de aproximação brasileira com o lado de lá do Atlântico. Em termos comerciais e políticos, o Brasil se aproxima hoje de países com economias dinâmicas, como Angola, Nigéria e, sobretudo, África do Sul, um dos países com os quais o Brasil tenta constituir um ator coletivo nas disputas internacionais: o Ibas (Índia, Brasil e África do Sul). Na academia, difundem-se estudos sobre a África, sobretudo a África ligada historicamente ao Brasil pela escravidão: Angola, Moçambique e Nigéria.

Entretanto, recuando ao século XIX, principalmente a partir da década de 1840, quando se intensificam os debates envolvendo os temas do fim do comércio de escravizados, da mão de obra e da imigração, verifica-se um afastamento não apenas econômico do continente vizinho. Baseadas no desenvolvimento do conhecimento científico, e no senso comum, teorias quanto à suposta superioridade racial dos europeus desenvolvem-se ao longo do século XIX, estimulando as ideias de que o Brasil para desenvolver-se/civilizar-se deveria embranquecer-se. Embranquecimento aí entendido como um dado biológico e cultural. O desenvolvimento brasileiro passaria, na visão hegemônica da época, por seu embranquecimento/europeização. Deveria, assim, ser apagadas quaisquer marcas que identificassem o Brasil à África – a África passa a ser encarada como sinônimo de barbárie, atraso, selvageria. Desta forma, a separação entre os dois lados do Atlântico, iniciada em termos materiais com a interdição progressiva dos contatos materiais transatlânticos, desenvolve-se no plano político-ideológico a partir da *ideologia do branqueamento*.

Francisco Varnhagen, em sua obra principal - *História Geral do Brasil* -, que deu fundamento à historiografia brasileira até as primeiras décadas do século XX, praticamente ignora a África e os africanos. Escrita dentro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – principal instituição acadêmica no período Imperial, ligada ao Imperador, e que tinha como objetivo a legitimação do Estado Imperial brasileiro a partir do desenvolvimento dos estudos geográficos e históricos (REIS, 2007) –, *História Geral do Brasil* expõe o processo de afastamento e esquecimento da África como projeto hegemônico. Ao analisarmos todos os números da Revista do IHGB² referentes ao século XIX, também verificamos poucas referências ao continente africano. O Brasil seria, na visão daquela instituição, acima de tudo, fruto do desenvolvimento europeu/português.

A década de 1870, época da crise do Estado Imperial, foi também o momento de emergência da ideia do Brasil como um país mestiço. Perspectiva ainda marcada pela biologia, a mestiçagem foi, até a década de 1930, vista majoritariamente como algo degenerativo. A “união de raças” seria, na perspectiva hegemônica da época, biologicamente degenerativa (SCHWARCZ, 1994). Portanto, em fins do século XIX e

² <http://www.ihgb.org.br/rihgb.php> (consultado ao longo do ano de 2010).

início do XX, a constatação do Brasil como país mestiço é vista, em geral, como um problema a ser resolvido com o já citado progressivo branqueamento da sociedade³.

A década de 1920 e o período seguinte, iniciado pelo golpe de 1930 liderado por Vargas, trazem, junto a mudanças estruturais na econômica e sociedade brasileiras, mudanças ideológicas importantes. Processa-se no Brasil – no sudeste, sobretudo – o desenvolvimento de uma sociedade capitalista urbano-industrial que é acompanhada pela transformação das explicações e teorias sobre o que é o Brasil e o que é o brasileiro. Consolida-se a ideia das “três raças formadoras” da nacionalidade brasileira (portuguesa-europeia, indígena e africana-negra), ao mesmo tempo em que se rompe com a ideia do branqueamento, do Brasil-Europeu, e se valoriza a mestiçagem, a “união das raças”. Ideias que, apesar de existentes durante o Brasil Império e a Primeira República⁴, solidificaram-se principalmente através da obra de Gilberto Freyre e dos governos de Getúlio Vargas a partir da década de 1930.

Entre os próprios indivíduos que dariam forma aos grupos que ficaram conhecidos como pertencentes ao movimento negro, a *ideologia da mestiçagem* e a posterior *ideologia da democracia racial* parecem ter gerado num primeiro momento (década de 1920 a 1950) certo entusiasmo. Afinal, tais ideias e projetos ideológicos abriam a possibilidade de valorização e inclusão do negro. Entusiasmo que aos poucos foi se diluindo e se esgotou a partir da década de 1970, quando a oposição a tais ideologias – sobretudo a *ideologia da democracia racial* – torna-se um dos pilares do movimento negro.

Retornando ao percurso das relações Brasil-África, é a partir da década de 1960 que o Brasil experimenta uma reaproximação daquele continente. No plano da ação do Estado brasileiro, a Política Externa Independente (1961-1964) inicia um processo de aproximação estratégica, principalmente da África Atlântica, em especial Nigéria,

³Schwarcz analisa as visões sobre a mestiçagem quando nos mostra as discussões científicas internacionais em torno da categoria “raça” e sua repercussão, à época, nos “homens de ciência” brasileiros, em “O Espetáculo das raças” (1994). Sobre a condenação à mestiçagem, ver SCHWARCZ, p. 54. Já Carolina Vianna Dantas nos mostra as disputas em torno da ideia de mestiçagem na Primeira República.

⁴Carlos Frederico Martius propôs, em 1844, dentro do IHGB, instituição oficial do Império, a construção da História brasileira na perspectiva da união do português, do índio e do negro. Em *Como se deve escrever a História do Brasil* (Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Tomo Sexto, volume 6, 1844, p.381.), Martius apresenta a primeira aparição historiográfica do tema da “mestiçagem” como chave para o entendimento da história do Brasil (ver VAINFAS, Revista Tempo, n.8). Já em relação à Primeira República, Carolina Vianna Dantas (2010) nos mostra como a ideia de mestiçagem para explicar o Brasil e a valorização do elemento negro na formação do Brasil estavam presentes.

Angola e África do Sul. José Flávio Sombra Saraiva (1996) nos mostra como esta aproximação do governo brasileiro no início da década de 1960 foi acompanhada pela elaboração e difusão do discurso de certa africanidade brasileira. José Honório Rodrigues e Gilberto Freyre aparecem, neste contexto, como importantes teóricos da importância histórica da África para o Brasil e do exemplo que a “democracia racial” brasileira poderia dar à África naquele contexto de descolonização.

Também o movimento negro “descobre” a África ao longo da década de 1960 e, sobretudo a partir da década de 1970, ajuda na afirmação das relações entre Brasil e África. As lutas pelo processo de descolonização africana (em especial da África lusófona), a luta contra o *apartheid* na África do Sul, os escritos de Agostinho Neto, Amílcar Cabral, Samora Machel, Léopold Sédar Senghor, o movimento pela *negritude*, entre outros, constituíram-se em referências importantes para muitos militantes negros formados na década de 1970⁵. As instituições que foram criadas tendo como foco a aproximação com o continente africano – como o Centro de Estudos Afro-Asiáticos, fundado em 1959 na UFBA (SA); o Centro de Estudos Afro-Asiáticos, fundado em 1973 na UCAM (RJ); e a Sociedade de Intercâmbio Brasil-África, fundada em 1974 – foram importantes espaços de abrigo para tais discussões por parte dos intelectuais-militantes do movimento negro.

Na música, Jorge Ben lança um dos seus mais famosos álbuns – *África-Brasil* – em 1976 e expõe toda sua identidade afro-brasileira em músicas como *África-Brasil (Zumbi)*, *Xica da Silva* e *Ponta de lança africano (Umbamarauma)*. Também a diva Elza Soares e o jogador de futebol Paulo César Caju são exemplos de negros brasileiros que na década de 1970, seguindo o exemplo do movimento negro estadunidense, começam a deixar seus cabelos crescerem em sinal de afirmação/valorização “racial”.

⁵ Ver depoimentos sobre a África como referência para a geração do movimento negro, a partir da década de 1960, em: ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amílcar Araújo. *Histórias do Movimento Negro no Brasil: depoimentos ao CPDOC*. CPDOC/FGV: Rio de Janeiro, 2007, p.69-89.



Figura 1: “África-Brasil”. Álbum de Jorge Ben Jor, lançado em 1976. Este álbum contém clássicos como “Ponta de lança africano (Umbabarauma)”, “Xica da Silva” e “África-Brasil (Zumbi)” – Ligação identitária com a África avançando no meio negro brasileiro na década de 1970.



Figura 2: Paulo César Caju com seu cabelo *Black Power* – Identidade negra internacional avançando na década de 1970.



Figura 3: **Elza Soares e seu *Black*.**

A busca por informações sobre a África foi um dos pilares do movimento negro a partir da década de 1970 (ALBERTI; PEREIRA, 2007: 25-56). E esta busca se reacendeu na última década, quando emergiu na sociedade brasileira intensa discussão sobre as relações raciais no Brasil e sobre a importância histórica da África para a sociedade brasileira. Tais discussões ganharam força, sem dúvida, a partir da adoção do sistema de cotas para negros em algumas instituições públicas de ensino superior e da lei federal que obriga os estabelecimentos de ensino a tratarem da África e da cultura afro-brasileira⁶. Medidas que são reivindicações antigas do movimento negro brasileiro, que as percebe como forma de combate ao racismo e à exclusão social e de valorização dos negros.

Assim sendo, o momento é propício para construirmos uma perspectiva histórica das relações entre Brasil e África, tendo como foco de análise o movimento negro. Neste sentido, esta pesquisa pretende entender um pouco mais sobre a história das relações de determinado movimento negro paulista com a África. Para tanto, entre outros materiais, nos utilizamos de uma leitura atenta de alguns periódicos produzidos por militantes em São Paulo na década de 1920 e 1930. As questões que guiaram tais

⁶ A partir de 2003, a utilização de sistemas de cotas se difundiu por diversas Universidades públicas por todo Brasil, chegando hoje (2012) ao número em torno de 180 instituições. Ver o “mapa interativo de ações afirmativas nas I. E. S. do Brasil” em: <http://www.educafro.org.br/cotas-mapa.html> (acessado pela última vez em 26/05/2012).

leituras foram: existiram relações entre este movimento negro e a África? Como a África e os africanos aparecem nesta *imprensa negra*?

Antes de irmos às fontes, pensávamos que o movimento negro brasileiro, de forma geral, sempre havia valorizado e se identificado com a África. Não é difícil pensar na relação entre o negro brasileiro e o continente africano, visto que o Brasil foi o grande receptor da imigração forçada de africanos até meados do século XIX. Desta forma, apesar de sabermos do fosso material e ideológico (gerados pelo fim do comércio atlântico de escravos e pela ideologia do branqueamento) que separava, e ainda separa, a sociedade brasileira da África, pensávamos que, de alguma forma, aquele movimento negro mais remoto que iríamos encontrar através da *imprensa negra paulista* das décadas de 1920 e 1930 atuaria na busca da construção de uma corrente oposta.

Afinal, apesar dos projetos hegemônicos da classe dominante envolvendo as perspectivas racialistas de superioridade do branco/europeu, sabemos que a África sobreviveu e persistiu em território brasileiro, sobretudo com os africanos que entraram em nosso território até meados do século XIX e seus descendentes ao longo do século XX. Além disso, intelectuais também mantiveram interesse pelo lado de lá do oceano. Apesar do afastamento que se processou entre as duas margens do Atlântico a partir do fim do tráfico de escravizados, conexões ainda se mantinham. Poucas, mas existiam.

Numa primeira leitura dos periódicos selecionados fica evidente que a África, nesta *imprensa negra paulista*, não estava no centro das identidades negras desenvolvidas pelos militantes negros e nem exercia papel importante em tal mobilização. Entretanto, ao lermos com mais calma e minuciosidade, percebe-se, como veremos, a circulação em alguns jornais de certa identidade negra que fazia referência à África e que é notada, por exemplo, através de referências à África como origem do negro brasileiro e através de notícias sobre aquele continente.

Mesmo levando em conta os pensamentos e projetos oficiais hegemônicos de afastamento da África e embranquecimento do povo brasileiro, faz-se necessário destacar que esses pensamentos e projetos, por mais que fossem hegemônicos, não foram absolutos. Ou seja, houve pessoas que não aderiram a eles e se interessaram pelo continente africano e/ou não compactuavam com a ideologia e a política de branqueamento. Como certo intelectual baiano que contestou a tese do embranquecimento e valorizou o negro na sociedade brasileira. Negro, filho de africana,

ex-escravo, abolicionista, republicano, advogado e fundador de jornais satíricos, Luiz Gama (1830-1882) se afirmava como negro e contestava a suposta inferioridade da “raça negra”, a ponto de Luiz Silva o considerar “precursor de uma ‘consciência negra’” (SILVA, 1989: 60).

Outro baiano que contestou a tese do branqueamento foi Manuel Raymundo Querino (1851-1923), exemplo de intelectual/militante cuja obra se opõe aos argumentos do racismo científico que afirmavam a “raça negra” como inferior e pregava o afastamento de tudo o que remetia à África. Artista, político, professor e funcionário público, Manuel Querino afirmava a importância dos africanos para a formação brasileira e, ao contrário do que destacava Raimundo Nina Rodrigues, via positivamente a presença africana na sociedade brasileira. Segundo Maria das Graças Leal (2009), Querino se voltou contra a onda modernizadora da Primeira República, que via como arcaico e obsoleto tudo o que remetia ao passado e, especificamente, à presença africana no Brasil (LEAL, 2009). Através de obras como *O colono preto como fator de civilização brasileira* e *A raça africana e seus costumes na Bahia*, Querino, homem que se afirmava como negro e filho de africana,

Pesquisou, na sua tarefa etnológica, o mundo africano, e resgatou valores culturais, raciais e políticos ameaçados de extinção da memória nacional através da política de “branqueamento” proposta no âmbito da civilização tropical republicana. (LEAL, 2009: 51)

Talvez o intelectual mais comentado que se debruçou sobre a presença africana no Brasil daquele período seja Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906). Adepto do darwinismo social e da tese da inferioridade do negro/africano, Nina Rodrigues estudou a fundo especialmente as religiões africanas em solo baiano. Apesar de ser um dos maiores ícones do racismo científico brasileiro, Rodrigues é também um dos maiores ícones dos estudos das religiões africanas no Brasil e pode ser considerado um exemplo de interesse pela relação Brasil-África.

Além dos interesses dos intelectuais que, com exceção de Nina Rodrigues, de uma forma ou de outra se opunham às teses da inferioridade do negro, da necessidade do embranquecimento e do afastamento da África, Mônica Velloso nos mostra a permanência negra e africana num contexto de forte repressão contra esses elementos no Rio de Janeiro (VELLOSO, 1988: 14). Um exemplo exposto por Velloso é a Casa da Tia Ciata.

Agregando elementos marginalizados pelas propostas modernizadoras – normalmente ex-escravos –, a Tia Ciata, através do Candomblé, consegue criar uma verdadeira comunidade popular. (VELLOSO,1988: 14)

O objetivo é o de garantir a permanência das tradições africanas que eram totalmente discriminadas pela ideologia da Belle Époque. (VELLOSO, 1988: 16)

A Casa da Tia Ciata é um importante ponto de resistência ao projeto “modernizador” hegemônico de fins do século XIX e início do XX. Este espaço é a Cidade Nova, no Rio de Janeiro. Também conhecida como “Pequena África”, este lugar:

registra o anseio de uma comunidade – que não se reconhece enquanto branco – de fazer valer a sua identidade. Essa Pequena África vai se constituir em um verdadeiro desafio à cidade ideal, quando oferece modelos alternativos de integração. (VELLOSO, 1988: 16)

No que se refere aos contatos oficiais entre Brasil e África, Nina Rodrigues, em 1896, comenta a existência de navegação regular ligando Salvador à cidade de Lagos (RODRIGUES, 2006: 32 e 108)⁷. Já José Honório Rodrigues (1961: 201-202) diz que nos anos de 1914-1915 o governo Brasileiro só mantinha agentes consulares em território africano, sendo que, dos países colonizados, era no Marrocos a maior representação diplomática. Além disso, só no ano de 1925 o Brasil assinaria o primeiro acordo com um país africano – a Libéria.

⁷ “Assim, ou porque o número de escravos importados de Jorubá para a Baía fosse maior, ou porque os filhos desta nação mais cedo se libertassem e tivessem adquirido recursos pecuniários, ou porque mais estreitas se tivessem mantido as relações comerciais directas da antiga província com a cidade africana de Lagos, como ainda hoje existem, ou por todas essas causas reunidas, o que é exacto é que o fetichismo africano na Bahia tem por forma principal a desta nação e é servida pela sua língua” (p.32). “Depois, as viagens constantes para a África, com navegação e relações comerciais directas como ainda hoje existem, facilitaram a reimportação de crenças e práticas, porventura um momento esquecidas ou adulteradas. Conheço muitas negras que têm feito diversas viagens à África e lá se têm demorado mais ou menos tempo. Da África recebem ellas cauris obi (noz de kola) e muitos outros objectos do culto”. (p.108)

Informado pelo movimento negro de nosso tempo, cuja identidade negra foi construída em grande parte com referências à África, iniciamos a pesquisa com a ideia preconcebida de que qualquer movimento negro teria na África uma identificação. Sem dúvida, naturalizamos a relação identitária do negro, em especial do movimento negro, com o continente africano. Para nossa surpresa, nos primeiros contatos com os periódicos da *imprensa negra paulista* da década de 1920 e início da década de 1930, aquela hipótese inicial não se confirmava.

Notícias sobre a África/africanos ou a citação da África como elemento presente na construção das identidades negras desta *imprensa negra paulista* são minoria, e em alguns casos nula. A primeira impressão é do esquecimento da importância da África para o negro e para a construção da sociedade brasileira. E, sem dúvida, como destaca a historiografia sobre a temática, este esquecimento sobre a África existiu e foi hegemônico. Contudo, chama atenção a presença relativamente pequena, porém constante, de referências à África/africanos em certos periódicos da *imprensa negra*.

Parece-nos que esta *imprensa negra* acompanhou, neste sentido, o movimento geral na Primeira República. Ou seja, a posição hegemônica era de afastamento em relação à África. Mas isso não nos faz fechar os olhos pra a existência dos que iam contra a corrente e se interessavam de alguma forma pelo lado de lá do Atlântico. Que periódicos são esses? Que pessoas são essas? Que informações são essas sobre a África? Qual o sentido dessas aparições? Há identificação entre o negro e a África? São perguntas que buscamos responder ao longo da pesquisa.

Escritos como os de Wlamira Albuquerque (2002) nos ajudaram a desnaturalizar a relação do negro com a África e, nos momentos em que há certa relação, entender a construção da identidade deste movimento negro em São Paulo com a África como um processo que envolvia certa seleção de acordo com os interesses e valores daqueles personagens.

Getulino, *Progresso*, *Clarim da Alvorada*, *Voz da Raça* foram meios de expressão de parte da população negra que se mobilizou em torno da identidade negra e que teve como base os clubes e entidades culturais e recreativas organizadas e voltadas para o negro. São periódicos surgidos do *meio negro paulista* e que de certa forma articulavam o movimento negro de São Paulo. Surgidos num contexto de

marginalização do negro, os homens que organizavam a *imprensa negra* – como José Correia Leite, Lino Guedes, Arlindo Veiga dos Santos e Jayme de Aguiar – pareciam perceber a si próprios como uma elite que deveria guiar a massa à superação da marginalização e integração à sociedade.

Assim como estudos recentes que buscam mostrar africanos e seus descendentes sendo agentes ativos na luta pelas rédeas da vida mesmo nos marcos da escravidão (e para além dela), também os estudos do período que convencionou-se chamar de pós-abolição começam a mostrar as histórias de grupos sociais que a escravidão e a racialização unificou na categoria “negro” (MATTOS e RIOS, 2004 e 2005).

Neste sentido, vêm à tona estudos sobre personagens negros importantes, antes esquecidos e silenciados, como Cruz e Souza, Lino Guedes, Arlindo Veiga dos Santos, e mesmo conhecidas personagens que tiveram sua condição de afrodescendente “embranquecidas” pelo tempo, como Machado de Assis⁸.

Os estudos sobre a *imprensa negra paulista* podem ser incluídos no *hall* de estudos sobre a luta e a organização do negro no período pós-abolição: a luta de negros que se organizaram para fazer com que a abolição fosse estabelecida de fato, não só de direito. Lutava-se por uma “segunda abolição”, através da difusão de valores morais, da educação, da disciplina, do trabalho, da união e da organização.

A identidade negra que circulava por estes periódicos envolvia as noções de “raça”, modernidade e nacionalidade. Como veremos, há a noção de “raça negra” transnacional, ao mesmo tempo em que se busca estimular e valorizar o negro aos moldes de certa modernidade e dentro de marcos nacionais.

Escolhemos quatro jornais que representam bem a militância negra em São Paulo nos anos de 1920 e 1930. O *Clarim da Alvorada*, o *Getulino*, o *Progresso* e o *Voz da Raça* são símbolos do aumento do nível de politização dentro do meio negro de São Paulo. A leitura desses quatro periódicos nos permitiu compreender as visões sobre a África e alguns dos contatos com o continente africano. Vimos que de modo geral os intelectuais que organizam esta *imprensa negra* não tinham a África como elemento central de suas identidades e mobilizações, sobretudo no *Voz da Raça*. Entretanto, veremos que a identidade com a África não era ausente, e já havia certa articulação com

⁸ Sobre Cruz e Souza, ver JÚNIOR, 1975 e CAMPOS, 2011. Sobre Lino Guedes, ver DOMINGUES, 2010 e GOMES, 2011. Sobre Arlindo Veiga dos Santos, ver DOMINGUES, 2006. Sobre Machado de Assis, ver: DUARTE, 2007.

ideias internacionais que envolviam o continente africano. As citações à África são frequentes quando se remetem à história do negro em solo brasileiro. No *Getulino*, no *Progresso* e no *Clarim da Alvorada* se vê também, para além de citações dentro do contexto do negro no Brasil, o aparecimento de notícias ou apenas referências à África dentro de um contexto internacional. Neste sentido, ganha relevo a discussão sobre a *raça negra* e o *pan-africanismo*.

Como dissemos acima, buscamos explicar tanto a ausência quanto a presença da África nos jornais pesquisados, a partir das noções de nacionalismo e modernidade. Este movimento negro lutava para provar a capacidade do negro de se inserir na modernidade ocidental. Neste sentido, a África, sinônimo de barbárie e atraso, pouco os atraía. Soma-se à modernidade o nacionalismo, que também atuou como barreira às aproximações com a África. A estratégia geral deste movimento negro consistia em valorizar o negro como parte integrante e ativa da sociedade brasileira e fundamental na sua formação. Portanto, insistia-se mais na afirmação do negro como brasileiro do que numa possível internacionalidade, que em alguns casos era explicitamente negada. Isso não quer dizer que a origem africana do negro brasileiro fosse silenciada. Veremos que mesmo um Arlindo Veiga dos Santos, símbolo do nacionalismo mais radical neste movimento negro, reconhecia essa origem.

Ao mesmo tempo em que a noção de modernidade nos ajuda a entender o afastamento da África por parte da *imprensa negra*, nos ajuda também a entender a presença da África. O negro estadunidense, africano ou europeu, que fosse ao encontro da ideia do negro moderno/civilizado, passa a ser referência. Destaque aí para os textos relativos à situação do negro nos EUA, às aproximações ao movimento negro dos EUA, ao pan-africanismo e, no que diz respeito a referências diretas ao continente africano, à Etiópia, que, como veremos, era o grande símbolo internacional dos negros no período. Único Estado africano a resistir ao avanço militar imperialista europeu (italiano).

O que há é um conjunto de referências que são selecionadas por estes intelectuais militantes. O diálogo se dá não apenas com referências nacionais, como é bastante frisado na bibliografia que se debruça sobre a *Frente Negra Brasileira*. Por ser a grande experiência deste movimento negro em São Paulo, a FNB é tida como um paradigma. Há muitas vezes a tendência a se generalizar as características presentes na FNB e em seu jornal *Voz da Raça* para todo o movimento. Se é certo que o nacionalismo predominou como um todo, nem todos assumiram posturas mais radicais.

Não faltaram os que buscavam inspirações e diálogos também fora do território nacional. Neste sentido, alguns desses militantes estavam atentos a certas experiências dos negros nos EUA e na África, selecionando e usando essas informações de acordo com seus interesses. Deste modo, a noção de “raça negra” traz consigo uma identidade negra transatlântica. Como veremos, a África também está presente quando se trata da “raça negra”.

Para dar conta da análise proposta, estruturamos a dissertação em três capítulos. No capítulo 1, buscamos entender a situação do negro em São Paulo, a formação de um meio negro, da *imprensa negra* e do movimento negro paulista. No capítulo 2, exploramos a ideia de modernidade e a relação existente na *imprensa negra* com a modernidade ocidental. Ou melhor, buscamos entender como esta imprensa negra estabelece a relação entre o negro e uma determinada ideia de modernidade. No capítulo 3, veremos de perto as referências à África existente, no *Getulino*, no *Progresso*, no *Clarim da Alvorada* e no *Voz da Raça*.

**O negro,
as
relações raciais
e
a mobilização negra em São
Paulo**

capítulo 1

Nosso objetivo central nesta dissertação é compreender a relação estabelecida com a África por parte de intelectuais-militantes-editores mobilizados em torno da *imprensa negra*. O que aparecia sobre a África nesses periódicos? Para responder a esta pergunta, fizemos um levantamento, em quatro importantes periódicos desta imprensa, de todos os textos que faziam algum tipo de referência ao continente africano. Pretendemos analisar tanto a ausência como as aparições da África nesses periódicos.

Entretanto, para responder às nossas questões, é preciso antes visualizar a constituição desta *imprensa negra*, o que passa pelo entendimento do contexto da situação do negro em São Paulo, das relações raciais e do desenvolvimento de um meio negro que originou os movimentos negros e, especificamente, a *imprensa negra paulista*.

Na primeira parte deste capítulo, realizaremos uma análise das visões presentes sobre o africano e o negro em obras clássicas de nossa historiografia, do final da década de 1920 ao início da década de 1960: *Retrato do Brasil*, de Paulo Prado, publicado em 1928; *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre, publicado em 1933; *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, publicado em 1936; *Formação do Brasil Contemporâneo*, de Caio Prado Júnior, publicado em 1942; e *Formação Histórica do Brasil*, de Nelson Werneck Sodré, publicado em 1962. Pensamos utilizar esses estudos como fontes primárias de um levantamento do pensamento historiográfico sobre o negro e as relações raciais no Brasil até a década de 1960. Esta análise permitirá a compreensão e a comparação, posteriormente, com as visões sobre o negro que aparecem na *imprensa negra* nas décadas de 1920 e 1930.

Na segunda parte, analisarei alguns dos principais argumentos de três importantes obras sobre relações raciais brasileiras para a marginalização do negro, tendo em mente que a mobilização do “homem de cor” se deu em torno, antes de tudo, deste fato. Num contexto de racismo, estímulo e preferência à imigração europeia e marginalização do negro é que entendemos a formação de um meio negro em São Paulo. A partir daí, percebemos a formação de clubes, sociedades recreativas, times de futebol etc., frequentados exclusivamente por “homens de cor”; além do desenvolvimento de uma *imprensa negra* e de um movimento negro no período pós-abolição em São Paulo.

Na terceira e última parte deste primeiro capítulo, buscaremos tornar mais clara a utilização das categorias *meio negro*, *movimento negro* e *imprensa negra*. Diferenciar e estabelecer as relações entre elas tornará nossa análise mais precisa. Como já foi dito, o principal conjunto de fontes que utilizamos é formado por periódicos da *imprensa negra paulista* da década de 1920 e década de 1930. Tal imprensa surgiu no bojo do desenvolvimento do meio negro em São Paulo no período pós-abolição e relaciona-se ao desenvolvimento do movimento negro paulista ao longo das primeiras décadas do século XX. Tanto a *imprensa negra* quanto o movimento negro paulista surgiram do meio negro daquela cidade.

*

Antes de dar início ao proposto, é preciso deixar claro nossa visão sobre a categoria “raça”.

As ciências sociais e a biologia, ao longo da segunda metade do século XX, deixaram de sustentar a existências de “raças” humanas, apesar da “raça”, até os dias de hoje, ainda permear e se fazer presente nos pensamentos, discursos e práticas do cotidiano. Esta presença, que por vezes guia atitudes individuais e coletivas, por mais que neguemos cientificamente a existência de “raças”, dá vida sociológica à categoria “raça”.

Neste sentido, Guimarães defende o uso da categoria “raça” como um conceito sociológico, “que denota tão somente uma forma de classificação social, baseada numa atitude negativa a certos grupos sociais, e informada por uma noção específica da natureza, como algo endodeterminado. A realidade das “raças” limita-se, portanto, ao mundo social”. “Tal conceito tem uma realidade social plena, e o combate ao comportamento social que ele enseja é impossível de ser travado sem que lhe reconheça a realidade social que só o ato de nomear permite” (GUIMARÃES, 1999: 11).

Para além das discussões sobre o uso da categoria “raça” nas ciências sociais, quando tratamos das primeiras décadas do século XX, a categoria “raça” se impõe ao pesquisador. Isto por que a realidade e a ideia de “raça” eram tidas como dados incontestáveis. Segundo Lilia Schwarcz a categoria “raça” apareceu pela primeira vez no início do século XIX com Georges Cuvier, “inaugurando a ideia da existência de heranças físicas permanentes entre os vários grupos humanos” (SCHWARCZ, 2010: 47). Um dos grandes pensadores brasileiros da virada do século XIX para o século XX,

que trabalhou e desenvolveu a categoria “raça”, Sívio Romero, pensava que tal categoria era um achado científico definitivo: “Não contesto a ação dos meios e das raças, que é um achado definitivo doravante na ciência” (ROMERO, 1953: 110).

Alguns anos depois de Romero, na década de 1920 e 1930, não encontramos nenhum debate, texto ou nota que duvidasse da existência de “raças” humanas na *imprensa negra paulista*. Não só na *imprensa negra*. Até o momento não encontramos nenhuma texto, da época, que duvidasse da ideia de “raça”. Isto não estava em discussão no momento.

Como veremos, ao longo do primeiro capítulo, a *imprensa negra paulista* se desenvolve num contexto de racialização dos discursos e práticas sociais. Momento em que a crença na existência de “raças” e na superioridade da “raça” branca/europeia engendrou projetos e práticas cotidianas de exclusão da “raça negra”, considerada biológica e culturalmente inferior.

Portanto, o debate na *imprensa negra* centrava-se sobre as capacidades e aptidões da “raça negra”. Lutava-se para provar sua capacidade de desenvolvimento educacional, intelectual, econômico, esportivo, etc.. Uma das linhas centrais que permeavam o discurso desta *imprensa* era se opor às teorias e discursos que insistiam na inferioridade da “raça negra”, na incapacidade do negro se “civilizar”.

Portanto, deixemos claro que apesar de não acreditarmos na existência de “raças” humanas, “raça” e “raça negra” serão usadas aqui como categorias históricas; e, sempre que utilizarmos o termo, utilizaremos entre aspas.

Visões historiográficas sobre o negro, o africano e a escravidão.

Até a década de 1960, a maior parte dos estudos historiográficos que abordavam o africano e seus descendentes os analisavam dentro dos marcos da escravidão. Africanos e negros eram vinculados quase que absolutamente à esta instituição – que era tida como um elemento desestruturador do indivíduo e dos grupos a ela submetidos. Russel-Wood comentou sobre a “atração hipnótica exercida sobre os acadêmicos pela escravatura como instituição” (RUSSEL-WOOD, 2005: 45). Veremos um pouco as perspectivas sobre os africanos, o negro e a escravidão existentes em obras clássicas de nossa historiografia. Como veremos, podemos inserir os estudos acadêmicos até a década de 1970 e a *imprensa negra* da década de 1920 e 1930 numa tradição intelectual

que coloca bastante peso na escravidão como elemento explicativo pra a situação de marginalização da população negra brasileira no pós-abolição.

*

Caio Prado Júnior em *Formação do Brasil Contemporâneo* (1942) parece querer aprofundar o debate sobre a população africana trazida forçadamente para o lado de cá do Atlântico. Começa o capítulo intitulado *Raças* frisando a heterogeneidade do grupo unificado sob a categoria *africanos*. Nos dizeres do autor:

Os povos que os colonizadores aqui encontraram, e mais ainda os que foram buscar na África, apresentam entre si tamanha diversidade que exigem discriminação. Debalde se requererá simplificar o problema, e como tem sido feito, no caso dos negros em particular, esquecer aquela diversidade sob pretexto que a escravidão foi um molde comum que os identificou. A distinção apontada se impõe e se manifesta em reações muito diferentes para cada um dos vários povos africanos ou indígenas que entraram na constituição da população brasileira; diferenças de reações perante o processo histórico da colonização que não pode ser ignorada. (JÚNIOR, 1942: 85)

Tal citação parece indicar uma análise detalhada dos grupos provenientes do continente africano e suas contribuições ao desenvolvimento histórico brasileiro. Porém, logo em seguida, baseado no argumento da falta de estudos sobre as particularidades étnicas dos povos negros e de suas ações específicas assumidas no processo histórico, Prado Júnior ignora sua consideração inicial e diz que considerará cada “raça” (negra, branca e indígena) “unicamente na sua totalidade” (JÚNIOR, 1942: 86). Algumas páginas adiante descarta aquela afirmação inicial e chega a se contradizer em relação ao papel da escravidão como unificadora dos grupos africanos:

O caso do negro é para o historiador mais simples. Uniformizado pela escravidão sem restrições que desde o início de sua afluência lhe foi imposta, e que, ao contrário da do início, nunca se contestou, ele entra nesta qualidade e só nela para a formação da população brasileira. (JÚNIOR, 1942: 106)

Ao comparar a escravidão do mundo antigo com a escravidão moderna, após frisar “os valores culturais de alto teor” dos escravos do mundo antigo, Caio Prado Júnior dispara:

Na América, pelo contrário, a que assistimos? Ao **recrutamento de povos bárbaros e semibárbaros, arrancados do seu habitat natural** e incluídos, sem transição, numa civilização inteiramente estranha. E aí que os esperava? A escravidão no seu pior

caráter, **o homem reduzido à mais simples expressão, pouco senão nada mais que o irracional**: “Instrumento vivo de trabalho”, o chamará Perdigão Malheiro. Nada mais se queria dele, e nada mais se pediu e obteve que a sua força bruta, material. Esforço muscular primário, sob a direção e açoite do feitor. **Da mulher, mais a passividade da fêmea na cópula**. Num e noutro caso, o ato físico apenas, com exclusão de qualquer outro elemento ou recurso moral. A **“animalidade” do homem, não a sua “humanidade”**.

A contribuição do escravo preto ou índio para a formação brasileira, é além daquela energia motriz quase nula. Não que deixasse de concorrer, e muito, para a nossa “cultura”, no sentido amplo em que a antropologia emprega a expressão; mas é antes uma contribuição passiva, resultante do simples fato da presença dele e da considerável difusão do seu sangue, que uma intervenção ativa e construtora. O cabedal de cultura que traz consigo, da selva americana ou africana, e que não quero subestimar, é abafado, e se não aniquilado, deturpa-se pelo estatuto social, material e moral a que se vê reduzido seu portador. (JÚNIOR, 1942: 272)

Portanto, se Caio Prado Júnior considera possível algum tipo de contribuição, de atitude ativa, do africano e seus descendentes em solo brasileiro, as condições da escravidão trataram de abafa-la, reduzindo tais indivíduos à simples “animalidade”.

Visão muito parecida expressa Nelson Werneck Sodré, em *Formação Histórica do Brasil* (1962), ao afirmar:

Mas é também exato que a qualidade do trabalho do negro, e mesmo a do índio, era melhor do que a que apresentou quando escravo. Só se tornou pior com a escravidão. Esta é que arruinou os seus estímulos, destruiu as suas características, aniquilou as suas riquezas de cultura. (SODRÉ, 1962: 77)

O africano escravizado e seus descendentes, assim como o índio, são praticamente desconsiderados como agentes históricos. Escravizados, tiveram suas dimensões humanas arrancadas, sua cultura aniquilada, suas vontades arruinadas.

Em um período anterior, mais precisamente no momento sobre o qual nos debruçamos nesta pesquisa, ainda em meio aos debates biológicos e etnológicos sobre a composição das “raças” e suas influências na sociedade brasileira, que marcaram o fim do século XIX e o início do XX⁹, Paulo Prado frisa o caráter “primitivo” das sociedades africanas – “apesar de ser ‘um povo sadio’”, e destaca a escravidão como um elemento de “degeneração”. Destaco aqui duas passagens encontradas em *Retrato do Brasil* (1928):

⁹ Sobre o debate em torno das teorias raciais que circularam no Brasil, ver: SCHWARCZ, 2007.

Nos centros primitivos da vida africana, o negro é um povo sadio, de iniciativa pessoal, de grande poder imaginativo, organizador, laborioso. A sua inferioridade social, nas aglomerações humanas civilizadas, é motivada, sem dúvida, pelo menor desenvolvimento cultural e pela falta de oportunidade para a revelação de atributos superiores. (PRADO, 1928: 191)

O negro, porém, além de elemento étnico, representou na formação nacional outro fator de imensa influência: foi escravo. Um dos horrores da escravidão é que o cativo, além de não ter a propriedade do seu corpo, perde também a propriedade de sua alma. (PRADO, 1928: 194)

Já Sérgio Buarque de Holanda frisa certa influência do negro para o desenvolvimento brasileiro. Fala daquele tipo de influência citada ironicamente por Caio Prado na passagem que já reproduzimos acima, mas que vale a pena repetirmos: “Não que deixasse de concorrer, e muito, para a nossa “cultura”, no sentido amplo em que a antropologia emprega a expressão; mas é antes uma contribuição passiva (...)”. Em *Raízes do Brasil* (1936), Sérgio Buarque de Holanda fala da “moral das senzalas” que veio a imperar em todos os ramos da sociedade brasileira. Frisa quase tão somente “o gosto pelo exótico”, a “sensualidade brejeira”, os “caprichos sentimentais”. “Uma suavidade dengosa e açucarada invade, desde cedo, todas as esferas da vida social”, diz o historiador (HOLANDA, 1936: 61). Esta é a influência do africano e de seus descendentes na constituição da sociedade brasileira.

Sérgio Buarque se aproxima, em certo sentido, de Gilberto Freyre. O autor de *Casa Grande e Senzala* (1933) chega a falar, no início de sua mais clássica obra, em uma influência africana no povo português expressa no “amolecer” das instituições e culturas marcadas pela “dureza” germânica (FREYRE, 1933: 5). Entretanto, as aproximações param por aí. Dos clássicos aqui mencionados, Gilberto Freyre é o que se destaca na análise da influência africana no Brasil. Comentando mapas feitos sobre as “áreas de cultura” da África, Freyre diz: “Semelhante mapa nos alertaria, pelo puro alarme dos altos e baixos, contra o perigo das generalizações sobre os colonizadores africanos do Brasil” (FREYRE, 1933: 285).

Ao contrário de Caio Prado, que aponta para o erro de se generalizar os diversos grupos provenientes da África sob o rótulo de “africanos”, mas logo em seguida o faz, sob a justificativa da homogeneização provocada pelas condições da escravidão, Freyre se aprofunda no tema. Após afirmar a capacidade moral e intelectual do africano e a “qualidade” desses “imigrantes”, Freyre (1933: 285) comenta a diversidade cultural e linguística (banto, quimbunda, congoense, gege, hauçá, nagô, iorubá) desse conjunto,

explicitando ao mesmo tempo, através desses termos, os equívocos e as sobreposições que o desconhecimento brasileiro sobre a história da África implica, para, algumas páginas mais tarde, disparar:

O Brasil não se limitou a recolher da África a lama de gente preta que lhe fecundou os canaviais e os cafezais; que lhe amaciou a terra seca; que lhe completou a riqueza das manchas de massapé. Vieram-lhe da África “donas de casa” para seus colonos sem mulher branca; técnicos para as minas; artífices em ferro; negros entendidos na criação de gado e na indústria pastoril; comerciantes de pano e sabão; mestres, sacerdotes e tiradores de reza maometanos. (FREYE, 1933: 308)

Também se faz necessário destacar na citação anterior (a primeira da página 285) a visão do africano como um agente civilizador em solo brasileiro. Visão que segue a linha de Manuel Quirino¹⁰ e que será amplamente usada na *imprensa negra* como forma de valorização do negro.

Porém, se Gilberto Freyre destaca-se na avaliação da “contribuição africana” para o desenvolvimento brasileiro, apresenta concepção parecida com os outros autores no que tange a ação da escravidão nesses grupos e indivíduos provenientes do continente africano:

Mas logo de início uma discriminação se impõe: entre a influência pura do negro (que nos é quase impossível isolar) e a do negro na condição de escravo. “Em primeiro lugar o mau elemento da população não foi a raça negra, mas essa raça reduzida ao cativoiro”, escreveu Joaquim Nabuco em 1881. (FREYE, 1933: 314)

Se há hábito que faça o monge é o do escravo; e o africano foi muitas vezes obrigado a despir sua camisola de malê para vir de tanga, nos negreiros imundos, da África para o Brasil. Para de tanga ou calça de estopa tornar-se carregador de tigre. A escravidão desenraizou o negro do seu meio social e de família, soltando-o entre gente estranha e muitas vezes hostil. Dentro de tal ambiente, no contato de forças tão dissolventes, seria absurdo esperar do escravo outro comportamento senão o imoral, de que tanto o acusam. (FREYE, 1933: 315)

Portanto, constatamos que Freyre rompe com a ideia da inferioridade do africano e do negro, valoriza suas culturas, mostra e valoriza certa contribuição do africano e seus descendentes em território brasileiro. Como vimos nas citações acima, Paulo Prado, Caio Prado, Nelson Werneck Sodré e Sérgio Buarque de Holanda chegam a mencionar, a indicar, uns mais enfaticamente que outros, uma valorização africana. Porém, Gilberto Freyre é o que leva esta valorização mais a fundo, colocando a

¹⁰ Ver: QUERINO, 1918.

influência africana no argumento central de seu estudo. Entretanto, ainda assim, Gilberto Freyre não foge à visão da escravidão como força “dissolvente”. A influência que vemos esse autor destacar não é uma influência ativa, do negro como agente social ativo, com vontades, determinações, e sim uma influência cultural “passiva”: no modo de falar, nas comidas, no contato sexual etc.

De todo modo, o que nos interessa é a seguinte constatação: de Caio Prado Júnior, que vê os africanos trazidos para o Brasil como bárbaros, a Gilberto Freyre, que os vê como agentes civilizadores, o consenso nesta historiografia clássica é a perspectiva da escravidão como uma condição “degenerativa”. O negro escravizado perde sua cultura, é desenraizado, dissolve-se culturalmente. A escravidão “uniformiza” os africanos, no dizer de Caio Prado; “arruína os seus estímulos”, destrói as suas características, aniquila suas riquezas de cultura, nos dizeres de Werneck Sodré. O negro transforma-se num agente imoral, segundo Freyre; “perde sua alma”, segundo Paulo Prado.

Sem dúvida que a defesa desses autores é a da crueldade da escravidão, das consequências horrendas do desenvolvimento social baseado na escravidão, principalmente para o agente escravizado. Porém, talvez o maior legado para a historiografia que estas visões geraram foi a da escravidão como elemento uniformizador do africano e seus descendentes e como instituição que retira a alma do escravizado, tornando-o historicamente passivo. A despeito das contribuições culturais dos africanos para a constituição social brasileira, o escravo visto como coisa, objeto, foi o que predominou na historiografia brasileira até a década de 1970. Como destaca Sheila Faria (2005), em decorrência destas interpretações sobre o negro escravizado, passou a vigorar a ideia de que a humanidade de tal grupo só conseguia emergir quando estes resistiam à escravidão. Para o escravizado, não existiria humanidade dentro dos marcos da escravidão.

É interessante notar que mesmo os avanços trazidos pelos estudos das relações raciais brasileiras nas décadas de 1950/1960 mantiveram a visão da escravidão como desarticuladora do indivíduo, como veremos nos estudos de Florestan Fernandes. Até a década de 1970, a escravidão era considerada como o principal fator para a marginalização dos negros na sociedade brasileira (MATTOS; RIOS, 2005: 13-33). Esta visão, de forma geral, via a escravidão como algo patológico, que desestruturava social e psicologicamente o negro, que acabava por limitar por demais suas ações como

agente histórico dentro da sociedade escravista. Como vimos, tal perspectiva está presente em autores clássicos de nossa historiografia, das mais distintas filiações teóricas. Mattos e Rios destacaram a “herança da escravidão” como um paradigma historiográfico da situação do negro no pós-abolição – de Gilberto Freyre a Florestan Fernandes (MATTOS; RIOS, 2005: 19-20).

A partir da década de 1980, desenvolvem-se mais intensamente críticas ao caráter patológico da escravidão, revisa-se o conceito de paternalismo, emergem perspectivas teóricas que trabalham o escravo como agente social ativo (MATTOS; RIOS, 2005). No bojo desses trabalhos, emergem também estudos sobre os escravos e libertos no Brasil. Verifica-se que a sociedade brasileira do período colonial e imperial era mais complexa que a polarização senhor x escravo, e passa-se a dar atenção, também, ao estudo dos forros, libertos e suas estratégias de ação tanto para obtenção da liberdade como para sua sobrevivência posterior (RUSSEL-WOOD: 2005: 19-50).

A historiografia atual tende a ter outra percepção quanto à relação entre escravidão e relações raciais na medida em que: 1) Lança novos olhares sobre a escravidão: existiam hierarquias, disputas, diferenças entre os próprios escravos. Afirma que a diversidade dentro de uma escravaria era considerável e a escravidão foi muito mais complexa do que se pensava até então; 2) Reforça que a sociedade não era dividida apenas entre senhores e escravos: descendentes de africanos somavam um número considerável de não escravos. Por isso, não podemos relacionar automaticamente, ainda mais na segunda metade do século XIX, negro e escravidão, já que a escravidão foi perdendo cada vez mais força neste período. Em 1888, a minoria das pessoas “de cor” eram escrava. E, por último, insiste que é preciso historicizar a categoria “raça”: pardo, negro, crioulo são categorias que têm seus significados relativos e modificados ao longo do tempo.

A perspectiva da escravidão como desestruturadora dos indivíduos e dos grupos escravizados está cada vez mais sendo posta em xeque. Percebe-se que os escravizados e seus descendentes não perderam sua humanidade, sua capacidade de pensar e agir de acordo com a situação. Neste sentido, as explicações da escravidão como fator preponderante para a exclusão do negro no período pós-abolição também perde cada vez mais força. Autores como Carlos Hasenbalg, George Andrews e Petrônio Domingues focam mais no racismo como fator de exclusão do negro do que num suposto “desajustamento do negro”, no período pós-abolição, à sociedade de classes.

A análise que se passou, das visões sobre os africanos e a escravidão, nos possibilita entender um pouco mais, do ponto de vista da historiografia, certo contexto intelectual de abordagens sobre o negro dentro da História do Brasil da década de 1920 à década de 1960. Isto nos possibilitou perceber pontos de contato importantes entre ideias que circulavam na *imprensa negra* e esta produção acadêmica, em especial a percepção da escravidão como uma instituição “degeneradora” do indivíduo. Neste sentido, a valorização do negro que é articulada por este movimento negro, como veremos mais aprofundadamente no capítulo 2, passa, em certo sentido, pelo apagar das marcas da escravidão – o vício, o alcoolismo, o analfabetismo etc. – e pelo criar um “negro moderno”, entendido como um negro disciplinado, trabalhador, cristão e educado.

Estudos sobre as relações raciais : a marginalização do negro

Passemos a nos debruçar sobre as visões acerca da exclusão do negro no período pós-abolição apresentadas por Florestan Fernandes, George Andrews e Carlos Hasenbalg. Com isso, pretendemos entender como foi tratada, por estes autores, a formação do meio negro de forma geral e do movimento negro e da *imprensa negra*, em São Paulo.

Os três autores aqui destacados têm em comum a visão de que o racismo e a exclusão do negro são fatores estruturadores da sociedade brasileira, unindo-se na crítica à concepção teórica explicativa das relações raciais e do desenvolvimento social brasileiros, que fizeram escola principalmente a partir das obras de Gilberto Freyre – sobretudo ao entendimento de que, no Brasil, o preconceito de cor é, no presente e no passado, marginal à constituição do povo e das instituições brasileiras. Na visão freyriana, seria exatamente no passado, na colonização portuguesa, que estaria a explicação para a tendência à mestiçagem e ao abrandamento dos conflitos.

Na história dos estudos sobre relações raciais, o grande marco da contestação às teorias freyrianas ocorre na década de 1950 quando um grupo de estudiosos, junto à UNESCO, realizaram um amplo trabalho de pesquisa do estado das relações raciais em cidades brasileiras. Deste grupo, o nome mais conhecido e que obteve maior repercussão, tornando-se referência básica no assunto, foi Florestan Fernandes. Fernandes se opõe a Freyre ao frisar o preconceito racial como um dos pilares da

formação brasileira e ao caracterizá-lo como uma persistência anacrônica do passado colonial brasileiro. Fernandes aposta no futuro, na modernização capitalista, na revolução burguesa brasileira, para consagrar o fim das diferenciações raciais e a consolidação da diferenciação classista.

Além de Fernandes, outras duas referências no assunto, que também se opõem às teses Freyriana e acreditam no racismo como constituinte do desenvolvimento brasileiro, são George Andrews e Carlos Hasenbalg. Entretanto, ambos se diferenciam de Fernandes ao desenvolverem a perspectiva de que a marginalização do negro não se explica pela herança da escravidão, por um resquício do antigo regime no presente. Ambos negam algum tipo de patologia, herdada da escravidão, como explicações para a exclusão do negro. Em vez de tratar a exclusão do negro como fruto de um resquício do passado, Hasenbalg e Andrews o tratam como elemento constituidor do desenvolvimento da sociedade urbano-industrial brasileira.

Fernandes, Andrews e Hasenbalg concordam que a exclusão do negro foi um dos pilares do desenvolvimento brasileiro no período pós-abolição. Florestan talvez seja a primeira referência na crítica à visão teórica de Gilberto Freyre sobre as relações raciais no Brasil. Enquanto Freyre aponta nossas “raízes lusas” como a responsável pela ausência de preconceito de cor no Brasil, Fernandes afirma justamente o oposto. Para o autor, o racismo está ligado à tradição luso-brasileira, escravista. O processo de modernização burguesa que estava se desenvolvendo de forma intensa a partir da década de 1930 solaparia essa tradição e garantiria o livre acesso dos negros à sociedade aberta, competitiva. Enquanto Freyre lançou suas esperanças em nosso passado luso, Fernandes projetou as suas para o futuro modernizador (REIS, 2006).

Para Fernandes, a exclusão do negro no pós-abolição tinha como pilar “características obsoletas” herdadas do “antigo regime” (o regime escravista). Tais características tenderiam, segundo o autor, a desaparecer com o desenvolvimento da sociedade competitiva, urbana, industrial, expressando a visão teórica de que uma sociedade burguesa, de classes, seria incompatível com a exclusão baseada em critérios raciais. Haveria, então, uma “falta de sincronização entre a ordem social e a ordem racial” (FERNANDES, 2008, vol. 2: 74). Seria esta “herança da escravidão” que tornaria os ex-escravos e seus descendentes inaptos e avessos à ordem capitalista que então se instalava em cidades como a de São Paulo:

(...) as deformações introduzidas em suas pessoas pela escravidão limitavam sua capacidade de ajustamento à vida urbana, sob regime capitalista, impedindo-os de tirar algum proveito relevante e duradouro, em escala grupal, das novas oportunidades. (FLORESTAN, 2008, vol.1: 35)

Entretanto, é preciso destacar que Fernandes não ignora o papel do racismo, ou da estigmatização do negro, como fator de exclusão. O autor fala do “estereótipo como barreira invisível universal à ascensão da população negra”. (FERNANDES, 2008, vol. 2: 165). “Cor opera como uma referência dúplice: associa, inseparavelmente, ‘raça’ e ‘condição social’, estigmatizando socialmente toda uma categoria ‘racial’” (FERNANDES, 2008, vol.2: 428). Seja como for, este estereótipo parece surgir da exclusão gerada pelo já citado “desajustamento estrutural” do negro e do mulato à nova ordem econômico-social surgida a partir da abolição legal da escravidão. Sendo assim mais um fator de reforço da exclusão, colocando para a periferia do sistema muitos indivíduos que em princípio estariam aptos mental e materialmente a serem absorvidos.

Andrews destaca a convergência entre Freyre e Fernandes em conferir à escravidão a explicação central para a situação racial do Brasil (ANDREWS, 1991: 30). Podemos acrescentar que, na tradição historiográfica brasileira até a década de 1970, persiste uma tendência a estabelecer relação íntima entre a escravidão e a situação do negro no pós-abolição. E é neste ponto que reside uma das maiores críticas sofridas por Fernandes. Autores como Hasenbalg e Andrews não percebem o racismo como resquício do passado e com tendência a desaparecer ao longo do desenvolvimento capitalista. Pesquisando quase quatro décadas depois de Fernandes e com outros arcabouços teóricos, estes dois autores discordam do tal “desajustamento do negro” e colocam peso no racismo como explicação para a marginalização do negro, vista por eles não como resquício do passado, mas como um elemento constituinte do desenvolvimento da sociedade capitalista brasileira ao longo do século XX. Andrews e Hasenbalg são categóricos ao afirmarem que a previsão de Fernandes sobre a tendência ao desaparecimento dos critérios raciais com o desenvolvimento da sociedade burguesa competitiva se mostrou errônea na prática, já que até os nossos dias a relação entre “raça” e classe se mantém, tornando ainda válido o estereótipo rico/branco e pobre/negro, mesmo após o intenso processo de desenvolvimento capitalista urbano-industrial ao longo do século XX.

Hasenbalg e Andrews vem no próprio racismo um dos importantes pilares da exclusão do negro, negando veementemente parte da tese de Fernandes sobre a incapacidade do negro em se inserir numa sociedade competitiva. Ambos também destacam que, na segunda metade do século XIX, a população negra foi se tornando cada vez mais não escrava. Hasenbalg fala que, em 1872, “74% da população de cor era livre”, e em 1887, às vésperas da abolição, 90% (HASENBALG, 2005: 174).

A explicação da situação social do negro e do mulato após a abolição, em termos de mudança abrupta da condição de escravo para a de homem livre, tende a ocultar a concentração de desvantagens sociais no grupo de não brancos livres, durante o regime escravista, e a continuidade da sua subordinação social após 1888. (HASENBALG, 2005: 175)

Andrews destaca a difusão das teorias raciais científicas e a “ideologia da vadiagem”, a partir de meados do século XIX, como elemento importante para a manutenção da exclusão do negro. A ideia da inferioridade crônica dos não brancos, especialmente do homem negro, e a crença na indolência e irresponsabilidade dos negros e mestiços deram o substrato ideológico para a exclusão econômica, cultural e política de grande parte da população brasileira e engendrou projetos de embranquecimento através do estímulo à entrada maciça de europeus em território brasileiro (ANDREWS, 1991:84-91).

Neste sentido, George Andrews se afasta da interpretação de Fernandes sobre a exclusão dos negros na sociedade paulista. Enquanto Fernandes trabalha com a hipótese de que tal exclusão foi decorrência da incapacidade do negro em se inserir competitivamente naquela sociedade capitalista em desenvolvimento, Andrews centra sua argumentação no racismo que alijava os negros do mercado de trabalho. Fazendo duras críticas à visão de Fernandes, Andrews afirma que “sua dicotomia entre europeus modernos, progressistas, altamente especializados e muito esforçados, e afro-brasileiros alienados, irresponsáveis e sociopatas encontra pouco – se é que algum – apoio nas evidências disponíveis”. Segundo Andrews, não foi um mercado de trabalho neutro, imparcial e competitivo que alijou os negros paulistas, e sim um mercado de trabalho em que os patrões tinham como referência crenças baseadas no *racismo científico* e na *ideologia da vadiagem*, que viam o negro socialmente inferior ao branco e propenso à vagabundagem e ao alcoolismo. Neste contexto ideológico, a preferência por brancos, imigrantes europeus, era clara e imediata (ANDREWS, 1991: 119-120).

Política de imigração europeia e marginalização do negro

Seja em Fernandes, que coloca peso na “herança da escravidão”, ou em Hasenbalg e Andrews, que colocam peso no racismo, a relação entre marginalização do negro e estímulo à entrada de imigrantes europeus aparece. É consenso, entre os três autores, que o intenso processo de imigração, que se intensificou na virada do século XIX para o XX e cessou a partir da década de 1930, foi um vetor importante na exclusão da população negra (HASEMBALG, 2005: 164-172; ANDREWS, 1991, cap.3; FERNANDES, 2008, vol. 1: 36-59.).

O período pós-abolição foi de intensa entrada de europeus no sudeste brasileiro, sobretudo em São Paulo, onde o Estado exerceu forte influência ao estimular a imigração num contexto em que vigorava a mentalidade racista através de teorias científicas como o darwinismo e o evolucionismo sociais (ver SCHARCZ, 2010). Acreditava-se na existência de grupos humanos com características biologicamente específicas - o europeu branco era tido como o mais apto ao trabalho e ao desenvolvimento civilizacional. Neste contexto, a exclusão do “homem de cor” e a incorporação do imigrante europeu foi uma das tônicas do desenvolvimento da sociedade paulista do pós-abolição.

Segundo Hasenbalg, entre 1888 e 1930, em torno de 3.762.000 estrangeiros entraram no Brasil. Destes, 2.822.000 se fixaram. 60% eram de italianos dirigidos ao Estado de São Paulo (HASENBALG, 2005:106). O impacto da presença desses imigrantes na estrutura social paulista e na marginalização dos negros e pardos especificamente é evidente. Andrews diz que, em 1902, 90% da força de trabalho da indústria paulista era composta de imigrantes. Assim como, em 1913, cerca de 80% dos trabalhadores do setor de construção eram italianos.

Para Fernandes, o negro que havia emergido da escravidão não estaria adaptado à nova estrutura social gerada pelo rápido desenvolvimento cafeeiro associado ao crescimento urbano-industrial da cidade de São Paulo. Neste contexto, a concorrência do imigrante europeu se torna fatal, na medida em que o imigrante traz consigo mentalidades e habilidades congruentes com a organização social capitalista que se desenvolve.

No fundo de toda essa questão, está a natureza das reações do negro e dos mulatos ao trabalho livre. Para o branco, que contratava os trabalhadores em termos puramente mercantis, o que contava era o rendimento do trabalho, a observância das cláusulas dos contratos e o nível de remuneração desse fator de produção. Para o negro e para o mulato, tudo isso era secundário, com meros atributos do homem que fosse livre para vender e aplicar sua força de trabalho; o que adquiria caráter essencial, no cerne de suas avaliações, era a condição moral da pessoa e sua liberdade de decidir como, quando e onde trabalhar. Enquanto o estrangeiro via no trabalho assalariado um simples meio para iniciar “vida nova na pátria nova”, calculando se libertar dessa condição o mais depressa possível, o negro e o mulato convertiam-no em um fim em si e para si mesmo, como se nele e por ele provassem a dignidade e a liberdade da pessoa humana. (FLORESTAN, 2008, vol.1: 45).

Fernandes considera a concorrência dos trabalhadores imigrantes como uma das causas da exclusão do negro. Para o autor, a grande leva de imigrantes que entrou em São Paulo do final do século XIX ao início do XX seria composta por trabalhadores “mais afeitos ao novo regime de trabalho e às suas implicações econômicas e sociais” (FERNANDES, 2008, vol.1: 31).

(...) a competição econômica com o “estrangeiro” engendrou, prematuramente, um processo bem definido de pura sucessão ecológica. O negro e o mulato foram eliminados das posições que ocupavam no artesanato urbano pré-capitalista ou no comércio de miudezas e serviços, fortalecendo-se de modo severo a tendência a confiná-los a tarefas ou ocupações brutas, mal retribuídas e degradantes. (FERNANDES, 2008, vol.1: 41).

Apesar de “preferências pelo imigrante”, Fernandes não coloca peso no racismo como fator importante na exclusão do negro e do mulato. Pelo contrário, o sociólogo centra suas explicações na própria incapacidade estrutural (psicossocial) do negro e do mulato em se adaptar ao novo sistema socioeconômico. Desta forma, a preferência pelo imigrante se dá pelo maior ajustamento destes ao sistema capitalista competitivo que tornou os empregadores mais receptivos a esta parte da população.

Hasenbalg e Andrews concordam que a preferência pelos imigrantes provocou a exclusão do negro e fez com que aqueles praticamente monopolizassem as oportunidades de mobilidade social. Entretanto, ambos destacam que, ao contrário do que afirmou Fernandes, os imigrantes que chegaram ao Brasil no período pós-abolição (1888-1930) não possuíam “habilidades ou qualificações especiais”. A “monopolização das oportunidades” pelos imigrantes ocorreu, na visão destes dois autores, pela

preferência, baseada em uma visão racista, pelo imigrante e não por uma suposta maior adaptação do imigrante à sociedade competitiva.

Diz Hasenbalg:

A maioria desses imigrantes não possuía habilidades ou qualificações especiais, nem dispunha de quaisquer recursos econômicos ou educacionais particulares. Nesse sentido, os pontos de partida das populações imigrantes e não branca eram bastante semelhantes. (HASENBALG, 2005: 175)

Em suma, um complexo de circunstâncias históricas atuou no sentido de limitar as oportunidades socioeconômicas da população de cor, durante as quatro décadas seguintes à abolição. Dentre essas circunstâncias, como foi visto anteriormente, a mais importante foi a política de imigração, seguida durante este período. Impregnada como estava de matrizes racistas, essa política resultou não apenas na marginalização de negros e mulatos no sudeste, mas também reforçou o padrão de distribuição regional de brancos e não brancos que se desenvolvera durante o regime escravista. (HASENBALG, 2005: 176)

Andrews, na mesma linha de Hasenbalg, critica veementemente a visão de Florestan Fernandes sobre a melhor adaptação do imigrante à sociedade competitiva, colocando peso no racismo tanto no Estado paulista como nos empregadores, que acabaram por marginalizar o negro em prol do imigrante. Andrews frisa que a entrada em massa de imigrantes, em sua grande maioria pobres, inundou o mercado de trabalho e, por consequência, diminuiu a capacidade de barganha tanto dos trabalhadores brasileiros pobres quanto desses imigrantes. Neste contexto, a preferência pelo imigrante se fez presente:

Esses imigrantes foram levados para São Paulo para trabalhar e trabalharam. Assim fazendo, sistematicamente substituíram e marginalizaram os trabalhadores afro-brasileiros do Estado, tanto no campo quanto nas cidades. (...) Quais eram as regras dessa competição? (ANDREWS, 1991: 99/150-151)

Em seguida Andrews responde:

Esta era uma intervenção supostamente desprovida de qualquer conteúdo racial, mas na verdade, optando por investir recursos em trabalhadores europeus e se recusando a realizar investimentos comparáveis nos brasileiros, os fazendeiros da província, e o aparato do Estado que eles controlavam, tornaram claras como cristal suas preferências étnicas e raciais. (ANDREWS, 1991: 100)

Há certamente evidências indicando que, nas décadas subsequentes à abolição, a comunidade negra de São Paulo sofria do crime, da pobreza e da “desorganização social” descritos por Fernandes. Embora talvez não no grau em que ele sugeriu. Mas o crime, a pobreza e a anomia não estavam confinados aos negros. Até o ponto em que a tese de Fernandes concorda com a ideologia da vadiagem – e às vezes é difícil detectar muita diferença entre as duas – ela se aplica tanto aos brancos pobres e aos imigrantes, quanto negros. (ANDREWS, 1991:133)

Hasenbalg e Andrews ainda levantam outro ponto contra a tese de Fernandes sobre a “herança da escravidão”. Ambos afirmam que, nos últimos anos de abolição, a maioria dos negros e pardos já eram livres. Portanto, negam a explicação da marginalização do negro pela mudança abrupta da condição de escravo para livre (ANDREWS, 1991: 120; HASENBALG, 2005: 174).

Seja como for, o que interessa para nós, no momento, é a constatação de que o período pós-abolição em São Paulo significou para os “homens de cor” um processo de marginalização no qual o estímulo à entrada de imigrantes europeus foi um dos pilares. Marginalização do negro e imigração europeia são faces da mesma moeda do pós-abolição em São Paulo.

Meio negro em São Paulo

A São Paulo da primeira República é uma cidade em pleno crescimento urbano-industrial, em uma face, e em pleno crescimento cafeeiro, em outra, crescendo vertiginosamente e se conectando ao fluxo da “modernidade ocidental”. Este crescimento econômico foi acompanhado por uma intensa entrada de imigrantes, sobretudo europeus italianos, e uma correspondente exclusão do “homem de cor”. Informados pelo racismo científico e com o intuito de garantir grande quantidade de mão de obra, empresários e governos paulistas viram na imigração europeia um elemento importante para o desenvolvimento econômico e social do Estado e da cidade de São Paulo. Em 1920 o Estado de São Paulo concentrava mais da metade da população estrangeira que vivia no Brasil, com 53%, ou 829.851 indivíduos. O Distrito Federal tinha 15,3%, com 239,129 pessoas (HASENBALG, 2005:168).

A Primeira República e o pós-abolição são pautados por dois elementos que se complementam: a crescente racialização dos discursos e práticas na sociedade e as também crescentes tentativas de marginalização do negro.

O movimento negro que se desenvolveu neste período em São Paulo não negava a racialização – ou seja, a divisão da humanidade em “raças” – mas negava a ideia da inferioridade da “raça negra” e combatia a marginalização do negro. Em nenhum momento encontramos nos periódicos a negação da existência de “raças”. O discurso ia pela afirmação da capacidade da “raça negra”, e do negro brasileiro em particular, em progredir, em fazer parte de certa modernidade, ao contrário do que afirmava grande parte dos *homens de ciência* sobre o “atraso” da “raça negra”. Na verdade, também não se negava o atraso da “raça negra” no desenvolvimento humano, mas frisava-se persistentemente que o problema não era da “raça” em si, mas sim da falta, por exemplo, de educação (formal e informal). Ou seja, uma das dimensões da luta dos intelectuais negros que organizavam a *imprensa negra paulista* era provar a capacidade do negro em “civilizar-se”.

O racismo (“científico” ou não) e a marginalização dos “homens de cor” faziam parte da ambiência intelectual e social em que irá emergir, em São Paulo, um meio negro. A cor de pele passou a fazer parte das identidades de formação de ruas, bairros, escolas de samba, times de futebol, grêmios recreativos e companhias teatrais. Ou seja, um *meio negro* é formado antes de tudo pela identificação da cor de pele como um elemento comum (identificador) daquela coletividade. Desta forma, cremos que nem todas as organizações cuja maioria ou todos os membros possam ser identificados como negros possam ser considerados parte de um meio negro. Não entendemos “meio negro” como sinônimo de “população negra”. Esta pode existir sem aquele.

Sabemos que a existência, entre descendentes de africanos, de certa identidade negra ou identidade africana não são automáticas nem naturais. Sem dúvida que o contato com o europeu, a escravidão no Novo Mundo, a partir do século XVI, e o processo de racialização a partir do século XIX foram vetores importantes na formação de identidades negras entre populações afrodescendentes, ou seja, no surgimento do sentimento de “ser negro” ou “ser africano”. “África” e “Negro” são categorias provenientes, sobretudo, do pensamento europeu. E sabemos que, mesmo dentro da escravidão, variáveis como rivalidades trazidas da África, a diversidade de atividades em que se empregavam escravos e as diferentes possibilidades e formas de obtenção da alforria geravam uma diversidade de figuras sociais e uma diversidade de identidades.

Mesmo as irmandades religiosas, muito citadas como exemplo de organização entre negros no período colonial, eram, muitas vezes, crivadas por diferenças étnicas

oriundas do continente africano ou do processo da diáspora. Como a Irmandade do Senhor Bom Jesus das Necessidades e Redenção, fundada em 1752, em Salvador, por jejes, ou as Irmandades de Nossa Senhora do Rosário, existente em várias regiões do Brasil, onde predominavam os angolas (REIS, 1996).

Um meio negro pode ser composto por espaços econômicos-sociais, políticos, esportivos e musicais, não necessariamente representando um todo integrado e articulado. A situação de marginalização do negro, ocorrida na cidade de São Paulo e em diversas outras cidades do Brasil no período pós-abolição, deu origem a diversos espaços sociais onde a identidade negra se fazia presente. Bairros de negros, times de futebol de negros, clubes recreativos de negros foram sendo formados já que a entrada dos “homens de cor” era vetada em muitos lugares e instituições formadas por brancos. Estas associações, por sua vez, *cumpriam o papel de produtoras de uma identidade específica, de um “nós”, negros, em oposição a “eles”, brancos* (DOMINGUES, 2005). Florestan Fernandes comentou sobre a importância das associações para a socialização do “homem de cor”:

A proliferação de associações recreativas, culturais e beneficentes teve importância bem definida na ressocialização do “homem de cor”. Essas associações não só alargavam a área de contatos internos no “meio negro”; elas difundiam e consolidavam novos padrões de vida, que contribuíam para aumentar o auto-respeito no negro por si mesmo, seus laços de solidariedade e, especialmente, a insatisfação pelo fato de se ver posto à margem no seio da sociedade inclusiva. (FLORESTAN, 2008, vol.2: 49)

Petrônio Domingues nos mostrou que, para o Estado de São Paulo no período pós-abolição, não é válida a afirmação muito difundida no Brasil de que o racismo em nossa sociedade é oculto, dissimulado. No sistema educacional paulista, como mostra Domingues, o recorte racial era um dos critérios de acesso; em muitas cidades, inclusive na capital paulistana, havia as ruas dos pretos e as ruas dos brancos; no lazer, existiam blocos carnavalescos de pretos e outros de brancos, assim como na prática desportiva. Enfim, o fato é que o veto à entrada de negros acabou por desenvolver em São Paulo lugares em que as pessoas que ali frequentavam se identificassem pela cor de pele. Existiam os lugares de negros e os lugares de brancos. O conjunto desses espaços onde os “homens de cor” assim se identificavam e se juntavam para dançar, educar-se, praticar algum esporte etc. é que chamamos de *meio negro* (DOMINGUES, 2003: 152-172).

E eram muitos esses espaços, aos quais temos acesso através das referências na *imprensa negra*, em São Paulo, na passagem da década de 1920 para a de 1930: o 28 de Setembro F.C.; Grupo Dramático Kosmos, que promovia reuniões domingueiras, *soirées* e espetáculos dramáticos; Clube 15 de Novembro; Sertanejos Piraporanos; Grupo dos Motoristas; Grêmio Recreativo Damas Brinco das Princesas, que proporcionava “magníficas reuniões dançantes”; Centro Recreativo Auriverde, que proporcionava “magníficos festivais literários e dançantes”; Centro Recreativo Paulistano, que tinha “ótimas festas, apreciáveis ensaios domingueiros, ao som de afinado *jazz*”; Grupo Carnavalesco Barra Funda; Sociedade União da Mocidade; Centro Recreativo 6 de Maio; O Clube Atlético São Geraldo, “Campeão do Centenário”; Grupo Carnavalesco Campos Elyseos.

Domingues (2005: 40) afirma que entre 1897 e 1930 emergiram associações de negros com diversos perfis em São Paulo. O historiador contou 25 associações dançantes, 9 beneficentes, 14 esportivas, 21 grêmios recreativos, dramáticos e literários e 12 cordões carnavalescos.

A *imprensa negra paulista* emerge desses espaços: de associações culturais e, um pouco mais tarde, também da militância política. O movimento negro emerge também do *meio negro* e tem na imprensa uma de suas expressões. Quando tratamos de periódicos como *Clarim da Alvorada*, *Voz da Raça*, *Progresso*, *Getulino*, estamos trabalhando com meios de expressão do movimento negro paulista, que compunha parte da imprensa negra paulista. Como diz Flávio Gomes: “a ‘*imprensa negra*’ é a parte mais conhecida e citada da mobilização negra nas primeiras décadas republicanas” (GOMES, 2005).

Ou seja, em alguns casos, parece ter sido através da produção de periódicos que militantes começaram a atuar. Entretanto, o movimento negro paulista não se restringiu a produção de jornais e revistas. Outras instituições foram criadas, visando organizar e valorizar os “homens de cor” e combater o preconceito. Citamos, como exemplo, duas organizações já conhecidas pela historiografia: o *Centro Cívico Palmares* e a *Frente Negra Brasileira*. E através de jornais desta *imprensa negra* podemos acessar outros espaços do meio negro paulista, como festas, eventos esportivos e clubes. Vejamos, como exemplo, a notícia abaixo sobre um festival esportivo entre clubes negros, vinculada no *Voz da Raça* em março de 1933:

Festival Esportivo

Organizado pelo conhecido lidador do esporte negro nesta capital, o snr. Noberto Rocha, realizou-se no domingo próximo passado, no campo da A. A. Democratas, um importante festival esportivo, no qual tomaram parte diversos Clubs Negros desta Capital. (*Voz da Raça*, 18 de março de 1933, ano 1, n.1)

Ou este outro informe sobre a atividade do Grêmio Dramático Kosmos, no *Progresso*, de junho de 1928:

G. Dramático 'Kosmos'

Desde 1907, há 21 anos portanto, que o 'kosmos' nos habituou com a sua fidalguia reunião domingueira.

Além de recreativas *soirées*, o 'Kosmos', oferece às famílias de seus associados educativos espetáculos dramáticos. Para falar da excelência do grêmio da rua Florêncio de Abreu, basta dizer que é seu presidente honorário o Sr Frederico Batista de Souza. (*Progresso*, 22 de junho de 1928, ano 1, n.2)

É de se supor que os indivíduos não necessariamente circulavam por todos os espaços do meio negro: havia os que preferiam festas e bailes, outros que preferiam eventos esportivos, outros, ainda, que preferiam dar prioridade à militância política. Há, porém, os que circulavam por diversos espaços deste meio negro, como é o caso de Wanderley Argentino, que além de estar presente na organização de periódicos da imprensa negra, era diretor do Clube Atlético São Geraldo e participava da banda do Grêmio Recreativo Campos Elyseos. Seja como for, o fato é que o meio negro paulista era amplo e múltiplo.

Movimento negro em São Paulo

Ao tratar da categoria *movimento negro*, estamos lidando com um movimento eminentemente político que visava mobilizar os negros em torno de alguns temas, sobretudo a valorização do negro e de tirar a massa dos "homens de cor" da situação de marginalização em que estavam submetidos.

Tal movimento negro se constituiu historicamente como uma fração da classe média urbana que buscava desmontar as barreiras postas pelo preconceito racial ao

acesso ao poder econômico, político e cultural. Para Florestan Fernandes, os movimentos sociais no meio negro da primeira metade do século XX são movimentos de tomada de consciência, de crítica e de repulsa ao duro destino a que se viram relegados os “homens de cor” (FERNANDES, 2008, vol.2: 9).

A rebelião que se ensaiava não possuía o caráter de uma revolução contra a ordem estabelecida. (...) Agora, eles repontam como uma espécie de vanguarda intransigente e puritana do radicalismo liberal, exigindo a plena consolidação da ordem social competitiva e do modelo correspondente de organização democrática das relações entre os homens. (FERNANDES, 2008, vol.2: 9-10)

Ainda segundo Fernandes, o estado de “anomia social” em que se encontrava a maioria da “população de cor” foi determinante para a inviabilização, a longo prazo, desses movimentos. A tese da “anomia social” do negro no pós-abolição já foi bastante refutada por outros estudiosos do assunto; entretanto, podemos tomar como pertinente a afirmação de que o negro “procurava se transformar para se inserir material e moralmente na ordem social” (Florestan, 2008, vol.2: 37).

Sobre as intenções da *Frente Negra Brasileira*, Joaquim Pedro Kiel, escreveu na segunda edição do *Voz da Raça*:

O fim dessa nobre associação é difundir intensamente a instrução e a civilização, implantar as mais modernas noções de higiene, aperfeiçoar moral e profissionalmente e dar assistência médica eficiente e suficiente aos pretos brasileiros, procurando, sobretudo, infundir-lhes o patriotismo, o amor por esta terra que tanto lhes deve. (*Voz da Raça*, ano 1, n.2, 25/03/1933, p.4)

Como veremos, além do objetivo de “difundir intensamente a instrução e a civilização”, outro ponto importante a que se apegava este movimento negro era o nacionalismo. Busca-se afirmar o negro como brasileiro e como um importante elemento constituidor da sociedade e da nacionalidade brasileiras. Assim sendo, Kiel, na citação destacada acima, acrescenta aos objetivos da FNB “infundir-lhes o patriotismo, o amor por esta terra que tanto lhe deve”. Também no *Progresso*, encontramos o seguinte trecho no editorial do número 1, na exposição dos objetivos do periódico: “(...) Exaltar o Brasil glorificando a raça ontem vilipendiada, cuja escravidão é uma mancha na história da nossa civilização” (*Progresso*, 23/06/1928, n.1).

Fernandes lista uma série de “movimentos reivindicativos” no “meio negro” criados entre 1927 a 1945: Associação José do Patrocínio, Associação dos Negros Brasileiros, Centro Cívico Beneficente Senhoras Mães Pretas, Centro Cívico Palmares, Clube Negro de Cultura Social, Federação dos Homens de Cor, Frente Negra Brasileira, Frente Negra Socialista, Grêmio Recreativo e Cultural, Grêmio Recreativo Kosmos, Legião Negra Brasileira, Movimento Afro-Brasileiro de Educação e Cultura, Organização de Cultura e Beneficência Jabaquara, Sociedade Beneficente 13 de Maio e União Negra Brasileira (FERNANDES, 2008, vol.2: 54).

O *Centro Cívico Palmares* (CCP) é considerado um marco na tentativa de militantes negros, em São Paulo, organizarem uma entidade com caráter eminentemente político. Fundado em 1926 e dissolvido em 1929, o CCP teve como principais reivindicações o fim da proibição à entrada de negros na guarda civil paulista e o fim da proibição às crianças negras de participarem do concurso, promovido pelo Serviço Sanitário de São Paulo, para eleger o bebê mais robusto e eugenicamente desejável do Estado de São Paulo. Além disso, nos aniversários comemorativos do 13 de maio eram promovidas manifestações públicas na cidade de São Paulo. A estrutura do CCP contava com curso de alfabetização, departamento feminino e grupo teatral. O número de filiados ao CCP variou de 100 a 150 pessoas, e entre suas principais lideranças estavam Vicente Ferreira, Raul Joviano Amaral, Marcos Rodrigues dos Santos, Arlindo Veiga dos Santos e Isaltino Veiga dos Santos (DOMINGUES, 2005: 42-43).

Já a *Frente Negra Brasileira* é considerada a maior experiência de organização política negra das primeiras décadas do século XX no Brasil. Inicialmente aglutinando grande parte das lideranças envolvidas com a *imprensa negra* da época, a FNB foi se solidificando sob as orientações de Arlindo Veiga dos Santos à frente da entidade, contribuindo tal postura para o afastamento de figuras como José Correia Leite e “o grupo do *Clarim*”. Um dos jornais analisados para esta dissertação é o *Voz da Raça*, periódico oficial da FNB.

Em termos gerais, como dissemos há pouco, a valorização do negro defendida por estes homens através da “instrução”, da “civilização”, da ordem, do trabalho, da disciplina. Ou seja, a militância trabalhava para preparar/transformar o negro no sentido de incluí-lo na sociedade competitiva, “moderna”, que se desenvolvia à época. Pouco se questionava a organização política e social daquela sociedade, esforçava-se mais para transformar o negro que para transformar a sociedade. Contudo, há de se dar destaque à

ponderação feita por Petrônio Domingues de que qualquer movimento político antirracista e de afirmação racial da população negra carrega intrinsecamente um projeto de enfrentamento ao poder instituído do grupo dominante (DOMINGUES, 2005: 29). Na medida em que a sociedade de classes brasileira, sobretudo no sudeste, se desenvolveu com critérios raciais em seu interior, a luta antirracista torna-se naturalmente um enfrentamento à ordem estabelecida.

Entendemos o movimento negro paulista do início do século XX como uma parte da população negra, uma elite negra, com interesses específicos (e muitas vezes conflitantes, claro) e que não podem ser, em princípio, extrapolados para o conjunto da população negra. Como bem diz Flávio Gomes, sobre a Imprensa Negra paulista, “não podemos reduzir as expectativas políticas da população negra no início do século XX aos jornais da imprensa negra” (GOMES, 2005: 29).

Como desenvolveremos mais tarde, vemos os organizadores do movimento negro como intelectuais orgânicos, na medida em que assumem para si a função de educar e organizar a massa negra. Para isto, fundam associações e periódicos. O movimento negro compõe-se em geral por pessoas que se assumem como negros, organizam o movimento social e dizem representar o conjunto da população negra (GUIMARÃES, 2002: 87). Domingues, em sua tese de doutorado em que estuda “A história da Frente Negra Brasileira (1931-1937)” também classifica as lideranças do movimento negro (da FNB, no caso) como intelectuais orgânicos, pois estes “exerciam funções políticas organizativas na luta contra o preconceito de cor”. (DOMINGUES, 2005: 30).

Fernandes fala daquele movimento negro como um formulador, de certa forma, de uma contra ideologia de “desmascaramento racial”, chamando de “ideologia negra” as ideias que giravam em torno do questionamento da eficácia, para o negro, da ordem legal estabelecida, problematizando a liberdade e a igualdade conquistadas no pós-abolição, além da afirmação do preconceito a que estavam submetidos como sendo de cunho racial e não só econômico-social (Fernandes, 2008, vol.2: 104-115). Esta contraideologia buscava também fazer o negro “se projetar com orgulho tanto no seu passado tanto no seu presente e no seu futuro”, ou seja, a “construção de uma nova imagem da ‘raça negra’” (Fernandes, 2008, vol.2: 123).

Imprensa negra em São Paulo

Já no século XIX, em várias regiões do Brasil, surgiram periódicos editados por negros, tendo como foco o negro. Mas é em São Paulo que a *imprensa negra* aparece com mais força (GOMES, 2005: 28)¹¹. Apesar da curta duração da maioria desses periódicos, destaca-se o grande número de títulos. No Catálogo da Imprensa Negra do Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (CEDAP/UNESP) estão levantados 37 títulos referentes à capital e interior paulistas no período 1903-1963¹². Na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro existem 38 títulos da *imprensa negra* no período 1904-1963. Os títulos são os seguintes: *O Clarim da Alvorada* (São Paulo, 1925-1940), *Progresso* (São Paulo, 1928-1931), *Chibata* (São Paulo, 1932), *A Voz da Raça* (São Paulo, 1933-1937), *Evolução* (1933, São Paulo), *O Clarim* (São Paulo, 1935), *O Estimulo* (São Carlos, 1935), *Tribuna Negra* (São Paulo, 1935), *A Raça* (Uberlândia, 1935), *A Alvorada* (São Paulo, 1945-1948), *Novo Horizonte* (São Paulo, 1946-1961), *Senzala* (São Paulo, 1946), *União* (Coritiba, 1948), *Mundo novo* (São Paulo, 1950), *Quilombo* (Rio de Janeiro, 1950), *Redenção* (Rio de Janeiro, 1950), *A voz da Negritude* (Niterói, 1953), *Noticias de Ébano* (Santos, 1957), *O Mutirão* (São Paulo, 1958), *Níger* (São Paulo, 1960), *Hífen* (Campinas, 1960-1962), *Nosso Jornal* (Piracicaba, 1961) e *Correio de Ébano* (Campinas, 1963).

Existem outros jornais não contabilizados nesta relação, como *O Exemplo* (1882), do Rio Grande do Sul. Portanto, percebe-se que a existência de jornais feitos por e para o negro existem desde, pelo menos, meados do século XIX. Obviamente, a vasta quantidade de títulos em diferentes espaços e tempos impede grandes generalizações sobre o caráter desses periódicos. Entretanto, é possível acharmos algumas linhas comuns.

A *imprensa negra paulista* do início do século XX caracteriza-se pelo fato de ser produzida por negros e dirigir-se ao público negro, e não ser composta apenas por periódicos de militância política. Muitos jornais eram meios de comunicação interna de associações negras, sem manifesto objetivo político (FERRARA, 1981; DOMINGUES, 2005). Ou seja, esta *imprensa negra* está intimamente ligada à mobilização de negros em clubes, grêmios e associações que se difundem no pós-abolição. É a partir de muitas

¹¹ Também sobre a *imprensa negra* no século XIX, ver : PINTO, 2006.

¹² Ver em: http://www.assis.unesp.br/cedap/cat_imprensa_negra/cat_imprensa_negra.html.

dessas instituições que surgem periódicos voltados para “os homens de cor” (DOMINGUES, 2006). Exemplifiquemos: o *Progresso* era uma publicação ligada ao grupo carnavalesco *Campos Elyseos*. O *Voz da Raça* era o veículo de comunicação da *Frente Negra Brasileira*, que até 1932 tinha o *Clarim da Alvorada* como porta voz. O *Grêmio Recreativo e Dramático Kosmos* (1908) fundou, em 1923, o periódico *kosmos*.

Em geral, os periódicos paulistas que surgiram dentro dessas associações noticiavam em suas páginas eventos das associações e apresentavam a preocupação sobre a inserção do negro na sociedade brasileira através dos bons costumes, da educação e da instrução. Pouco se via nesses jornais sobre aspectos do conjunto da sociedade que não estivessem estritamente ligados a eventos da associação (PIRES, 2006). O *Menelick*, fundado em 1915, aparece nos estudos que focam a *imprensa negra paulista*, como marco inicial do surgimento desta imprensa (FERRARA, 1981: 10-11).

Por outro lado, o surgimento de organizações políticas voltadas para a problemática do negro, sobretudo a partir da década de 1920, – com destaque para a *Associação dos Negros Brasileiros* (ANB), para a *Frente Negra Brasileira* (FNB) e para o *Teatro Experimental do Negro* (TEN) – traz consigo uma geração de periódicos com perfil claramente político e reivindicatório. Há a preocupação, nesses movimentos, em levar o debate sobre o negro ao âmbito nacional.

Portanto, o desenvolvimento do movimento negro em São Paulo deu à parte da *imprensa negra* um caráter político evidente, com um claro e manifesto propósito de organizar e educar o negro – exercendo função organizativa, construindo senso de grupo e identidades negras, buscando guiar os “homens de cor” no sentido da luta antirracista e da ascensão social.

Vários autores já periodicizaram esta *imprensa negra paulista*. Ferrara, por exemplo, nos dá a seguinte divisão: de 1915 a 1924 a linha editorial se preocupava com pequenas notas, falecimentos, casamentos, festas religiosas, quermesses, mexericos, apresentando de forma inexpressiva artigos reivindicatórios ou apelos à conscientização. Na década de 1920, aparece um conjunto de periódicos com perfil claramente político. Em 1923, surge o jornal *Getulino*, considerado por Ferrara o primeiro combativo. A partir daí, até o início do Estado Novo em 1937, acentua-se o caráter combativo da *imprensa negra* com o *Clarim da Alvorada*, *Progresso* e *Voz da Raça*. (FERRARA, 1981: 16-17).



O MENELICK



Orgam mensal, noticioso, litterario e critico dedicada aos homens de cor

ANNO 1

Redactor - Chefe : Deocleciano Nascimento ■ Redactor - Secretario : Geraldo de Souza

M. 3

Salve! Salve! Salve 1916!

Gentis leitoras e leitores

O «Menelick» deseja-lhes Boas Festas e que em vossos labios só hajam risos de alegria e felicidades durante o decorrer de 1916!

Salve 1. de Janeiro de 1916!

SALVE!

Leitoras

«O Menelick», depois de passar quarenta dias sem o carinhoso affecto de vossas mãos delicadas — o berço gentil de sua alma, teve

Regresso de Vesper

Dedicado, A Mademoiselle...
F. Pinheiro

SÃO PAULO

*Na tarde melancholica de um sol desfeito
Da torre, o sino a gemer, em lamento,
Tendo o coração ao dissabor affeito;
Levo uma prece em cada pensamento*

*Os passaros em bando a procurar rejuoso
Vão buscaado as palmas verdes-escuras
Porém, passou, aquelle momento saudoso
Em que meditavas minhas aventuras!..*

*Vêz! No infinito, morre a tarde plangente!..
Vêz, a noite, que vem lenta ao declinar
Donzella...não te accode na imaginação ar-
dente,*

A allucinação delirante de amar?

elles, os pretos

A minha fragil pe' ja-
mais poderá descrever o
pavor que tiveram. Os gritos já se ouviam perto!
Agora arrombam a porta!
Eil-os que entram, loucos,
sem ouvir as suas lamentações.

Aquella turba, louca pelo
desejo da liberdade — li-
berdade, esta palavra san-
ta que todos os captivos
ao ouvirem-na estremeceem,
desejam-na ardentemente,
que sacrificam-se por ella,
dando até a propria vida!
Que é o tudo para elles!
Que é Deus, mãe, familia,
patria, tudo! Esta faz des-
pertar em seus animos exal-
tados o instincto sanguina-
rio que estava sofregado
por brutos.

Figura 4: O Menelick (1915-1916)



Figura 5: O Kosmos (1922-1925)



Figura 6: Chibata (1932)

Getulino, Clarim da Alvorada, Progresso e Voz da Raça

Estes periódicos expressaram o aumento do nível de politização no meio negro paulista. O *Clarim da Alvorada* (1924-1932) e o *Progresso* (1928-1931) contavam com textos eminentemente políticos em suas páginas, pregando a organização e a valorização dos “homens de cor”. Assim como o *Voz da Raça* (1931-1937), que foi o jornal oficial da Frente Negra Brasileira (FNB), maior organização negra no Brasil da primeira metade do século XX, que em 1936 se tornou um partido político, registrado legalmente¹³. Também o *Getulino* (1923-1926), que se apresenta, em seu subtítulo, como *órgão para a defesa dos interesses dos homens pretos*.

O *Getulino* é o único dos quatro jornais analisados por nós, já citados acima, que não é da cidade de São Paulo, mas de Campinas. Circulou de agosto de 1923 a maio de 1926 e tem esse nome em homenagem ao advogado e abolicionista negro Luiz Gama, também conhecido como *Getulino*. Ao todo foram produzidas 64 edições. Lino Guedes, Gervásio de Moraes, os irmãos Andrade e Moraes, Martinho J. de Andrade, Antenor Soares de G. Prado e Agnelo Rodrigues foram os principais responsáveis pela produção do jornal. Miranda fala de Lino Guedes como “um dos principais responsáveis pela orientação editorial” do *Getulino*. Benedito Florêncio, um dos fundadores do *Getulino*, fundou também um jornal voltado para o público negro em Campinas, em 1903, chamado *Baluarte* (MIRANDA, 2005: 45).

Em sua primeira fase, o *Getulino* tinha como subtítulo a frase “Órgão para a defesa dos interesses dos homens pretos”. Na segunda fase do periódico a frase foi mudada para “Órgão da defesa dos homens pretos do Brasil”.

O *Getulino* era um semanário com 1.500 exemplares distribuídos. O preço do periódico era de \$200 o número avulso, 1\$000 a assinatura mensal, 6\$000 a semestral e 10\$000 a anual. Seu formato era de 46 centímetros de altura e 32 de largura, composto por 4 páginas, em geral. A primeira página continha sobretudo textos, artigos, editoriais voltados para os “homens pretos”.

No início da circulação do periódico, a quantidade de comerciais era muito grande, ocupando mais da metade do conteúdo do jornal. Com o tempo, a segunda página passou a ser ocupada também com textos, artigos, poemas etc. A última e quarta

¹³ A *Frente Negra Brasileira* teve seu registro cassado em 1937, após o golpe liderado por Getúlio Vargas que instituiu o Estado Novo.

página foi ocupada pela propaganda da alfaiataria *Casa di lascio* durante todo o decorrer da “primeira fase”.

O jornal tem, em seus 3 anos de vida, duas fases. A segunda fase, apesar de curta, caracteriza-se por dar mais espaço a textos políticos, voltados à “raça”, e pela drástica diminuição do espaço para comerciais, que ocupava grande parte do jornal na fase anterior.

Miriam Nicolau Ferrara enxerga o *Getulino* como o primeiro jornal efetivamente combativo e reivindicativo desta imprensa negra paulista. Caráter que, segundo a autora, irá se aprofundar com o surgimento do *Clarim da Alvorada* (FERRARA, 1981: 53).

Getulino

ORGÃO PARA A DEFESA DOS INTERESSES DOS HOMENS PRETOS — Gerente Antônio Soares de Q. Prado
Redator-chefe — LINO QUEDES Diretores proprietários: — Irmãos Andrade Redator secretário — GERVASIO DE MORAES

Anno II Relação e oficinas Campinás, 24. de Agosto de 1924 Anasignaturas (Mes 1800) Num. 50
Rua Lusitana, 135 - Telephone, 315 (Anno 10000)

ANRES ASSIM

Quem acompanha o curso rápido do tempo do progresso, sente-se como um viajante perdido no tempo, que se afasta cada vez mais das coisas que nos cercam, e que nos cercam cada vez mais. Não é a falta de interesse, nem a falta de curiosidade, nem a falta de vontade de aprender, que nos afastam das coisas que nos cercam, e que nos cercam cada vez mais. É a falta de tempo, que nos afastam das coisas que nos cercam, e que nos cercam cada vez mais.



... a que está consideravelmente reduzido o número de pessoas que têm o mesmo costume quanto obrigação de permanecer na parte superior do jardim da Praça Carlos Gomes. Essa primeira medida, embora que o costume se torna em lei como nos já demonstramos em vibrante artigo o mesmo tratado de João Gualberto e o mesmo jornalista — Redator do Getulino — desde então campeonos.

Criamos em vista de que essa não é precisamente a nossa preocupação, a nossa preocupação é a promoção da fécula; e se a dita em que vivem em vista a nossa cidade, não levamos mais a impressão de que em Campinás o velho das indústrias das suas almas mesquinhas de anil branco da hospitalidade e do maior estilo das escarpadas abolições e persecução colônias e sóis obrigam os estranhos de fazer esquecer nos jardins nos climas e nos pontos.

O nosso contentamento e gratidão e a satisfação, quando todos os pontos de Campinás, equilibrados de por si, de seu dever perante os homens e Deus.

Gervasio de Moraes

KOLATOL
O mais poderoso de todos os FORTIFICANTES. Empregado nos casos de Insônia, Debilidade nervosa e Anemia — Poderoso gerador da Energia

Approvado pelo D. N. S. P. em 1-3-924, sob o N.º 2831



CODEINOL
Cura qualquer TOSSE e CONSTIPACÃO em 24 horas. — Usado com vantagens nas Bronchites crônicas e agudas, Rouquidão e Asthmas. — Especifico da Companhia

Approvado pelo D. N. S. P. em 1-3-924, sob o N.º 2830

A venda nas boas pharmacies

Depositarios no Rio de Janeiro

ARAUJO FREITAS & Cia,

Figura 7: *Getulino* (1923-1926).

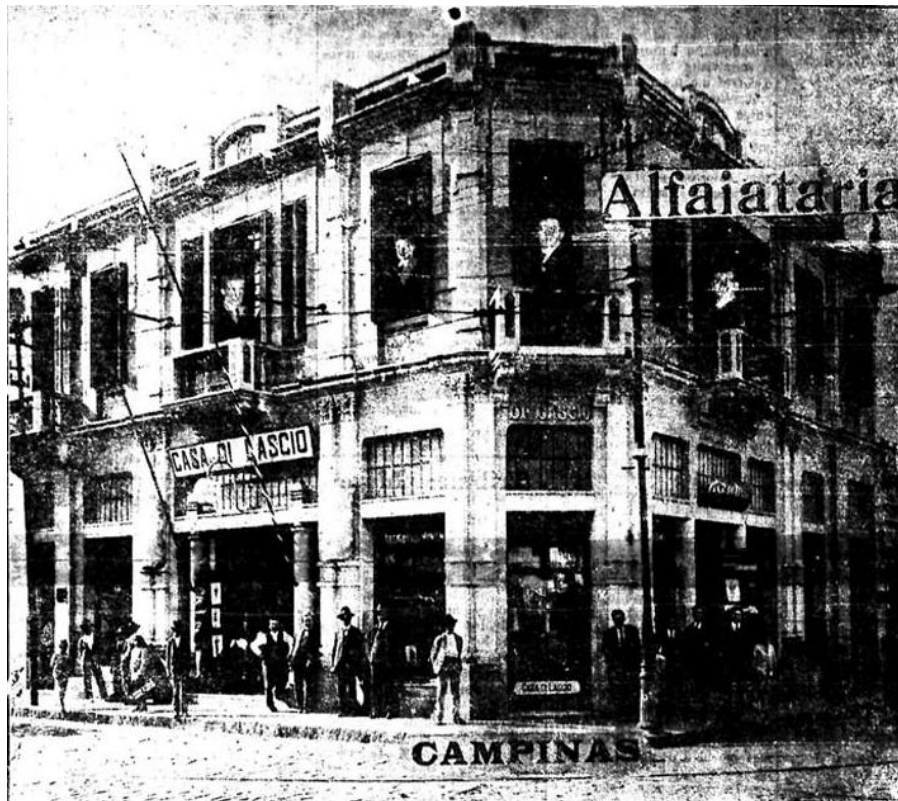


Figura 8:

Casa di lascio – alfaiataria no Lgo. da Catedral, em Campinas. A que detinha o maior espaço de propaganda no *Getulino*, ocupando toda a última quarta página durante toda a primeira fase do jornal.

O Clarim da Alvorada foi fundado em janeiro de 1924 e encerrou suas atividades em 1932. Até a edição número 4 era intitulado *O Clarim*; a partir de maio passa a se chamar *O Clarim da alvorada*. No total, foram 78 edições publicadas. Seus principais organizadores foram Jayme de Aguiar e José Correia Leite.

O Clarim da Alvorada era mensal e, em geral, tinha quatro páginas (algumas edições apresentavam cinco ou seis páginas). Sua tiragem variava de 1.000 a 2.000 exemplares por mês, sendo vendidos a \$200 a edição avulsa e 2\$500 a compra semestral. Seu formato variou muito durante o tempo, começando com 24 centímetros de altura e 16 de largura, passando a 32 de altura e 24 de largura, 34:24, 28:19, 31:24, 21:33, 31:23, 32:24, 26:18, 47:31, 33:24, 55:38, 56:38, 48:33, 28:33. Sua primeira página ostentava o seguinte subtítulo: “Órgão Literário, Científico e Político”, a partir da segunda fase era “Pelos interesses dos homens pretos, noticioso, literário e de combate”.



Figura 9: *O Clarim da Alvorada* (1924-1940)

Já o *Progresso* tem seu primeiro número datado de 23 de junho de 1928, e o último de 15 de novembro de 1931. Foram 42 edições, distribuídas mensalmente. Argentino Celso Wanderley, Lino Guedes, Euclides S. dos Santos, Manoel Conceição e Horácio Cunha foram os principais responsáveis por sua produção. O preço da edição avulsa era \$200. A compra semestral custava 3\$000 e a anual 5\$000. Cada exemplar tinha 33 centímetros de altura e 25 de largura, e o número de páginas variava entre 4, 6 e 8.



Figura 10: *Progresso* (1928-1931)

O quarto e último jornal que foi alvo de nossa pesquisa foi o *Voz da Raça*, que, como já foi dito era o periódico oficial da Frente Negra Brasileira. O periódico circulou de março de 1933 a novembro de 1937. Ao todo foram 70 edições. E contou com a participação, entre outros, de Deocleciano Nascimento; Pedro Paulo; A. de Campos, Ismael Amaral, Mário Campos, R. A. Santos, Raul J. Amaral, João de Souza, Antonio M. dos Santos¹⁴. A principal liderança da Frente Negra Brasileira e, portanto, do *Voz da Raça*, foi Arlindo Veiga dos Santos (DOMINGUES, 2005).

Entre 1000 e 1500 exemplares eram distribuídos a cada edição e vendidos a \$200 a unidade, 6\$000 a venda semestral e 12\$000 a anual. O formato era de 48 centímetros de altura e 33 de largura, e suas edições tinham em sua grande maioria quatro páginas, algumas seis.

O *Voz da Raça* inicialmente mantinha o subtítulo “Órgão oficial da Frente Negra Brasileira” e a partir de abril de 1934 mudou para “Órgão da gente negra brasileira”¹⁵

¹⁴Ver perfil dos jornais da imprensa negra em <http://www.assis.unesp.br/cedap/catimprensanegra/verbetes>

¹⁵ Para informações sobre características formais de jornais da imprensa negra paulista (1915-1963) ver FERRARA, 1981: 20-47



Figura 11: A Voz da Raça (1933-1937)

A questão do branqueamento

Para expressar certa adesão aos valores dominantes, costuma-se falar em “negro com alma branca”. Expressão usada também popularmente, para designar qualquer negro que consegue a ascensão social e domina os valores e símbolos da classe dominante - é o negro “civilizado”. Na historiografia, esta expressão tenta dar conta do fato de que muitas organizações políticas negras não contestavam a ordem estabelecida, agindo somente na direção da inserção do negro nos valores e parâmetros da sociedade. Petrônio Domingues fala em dois significados para “branqueamento”, um se refere ao branqueamento populacional/demográfico, outro se refere ao branqueamento ideológico:

Como adverte Andreas Hofbauer, o branqueamento é uma categoria analítica que vem sendo usada com mais de um sentido. O branqueamento ora é visto como a **interiorização dos modelos culturais brancos pelo segmento negro, implicando a perda do seu ethos de matiz africana**, ora é definido pelos autores como o processo de “clareamento” da população brasileira, registrado pelos censos oficiais e previsões estatísticas do final do século XIX e início do XX. (DOMINGUES, 2002: 556)

Considerar a adesão aos valores dominantes da sociedade como “embranquecimento” é, no nosso entender, aderir à perspectiva preconceituosa de que o negro que ascende socialmente “embranquece”. Obviamente que não podemos ignorar a existência de um “ideal de branqueamento”. Num contexto onde a beleza do branco é a valorizada (pele clara, nariz mais fino, cabelo liso), é normal a maioria das pessoas quererem se encaixar nesse estereótipo.

Quais seriam os valores negros, ou dos “homens de cor”, como se dizia à época, que poderiam nos permitir falar em um “enegrecimento”? O não “embranquecimento” seria então a conservação dos “traços negros”? A adesão a alguma religião de matriz africana? Defender a África? Vestir-se como as pessoas do golfo do Benin? Não se pode ser negro e estar nos marcos da cultura ocidental? Preferimos utilizar a categoria “embranquecimento” não ligada a valores e culturas, e sim a alguém que se nega como negro, preto ou homem de cor. Não vemos como “embranquecimento” os negros que defendem o valor da disciplina, do trabalho, da ascensão social, e mesmo os que alisam o cabelo. O que importa é a identidade pessoal e do grupo. E esses militantes se identificavam como negros! Talvez seja mais prudente trabalhar com o conceito de ocidentalização que de “branqueamento”, sem cair na armadilha de confundir as duas categorias. Seja como for, o fato é que as lideranças deste movimento negro se afirmaram como negros e se empenharam na valorização dos negros nos marcos da sociedade burguesa ocidental nas décadas de 1920 e 1930.

Gramsci diz que o jornalismo é a “escola dos adultos”. Jornais e revistas têm um forte caráter pedagógico ao difundir visões de mundo e ideologias. O jornalismo guia, aponta um rumo, educa, cria consensos, aglutina determinado grupo (GRAMSCI, 2006: 229). Esta noção de jornalismo nos serve como um guia de interpretação desses periódicos. Unir, valorizar e dar rumo ao negro são as linhas mestras desses militantes que se organizaram através de periódicos.

Parece ser consenso entre os estudiosos no assunto que a maior parte das lideranças deste movimento negro é composta por elementos que conseguiram alguma ascensão social. Por isso *elite negra* e *classe média negra* são categorias normalmente usadas pelos estudiosos para se referirem a este grupo.

A maioria das lideranças eram funcionários públicos, profissionais liberais e empregados de colarinho branco. A partir daí, caracterizam-se como uma classe média

negra esses personagens. Também se usa *elite negra* para categorizá-los, pois fazem parte do grupo de poucos negros que conseguiram alguma ascensão social e porque essas lideranças se viam como uma elite letrada, iluminada mesmo, que deveria guiar a massa de negros à ascensão e à respeitabilidade social. Entendemos o movimento negro paulista do início do século XX como uma parte da população negra com interesses específicos (e muitas vezes conflitantes, claro), e que não podem ser em princípio extrapolados para o conjunto da população negra¹⁶.

Para Fernandes (2008), a percepção do preconceito de cor se faz mais presente entre os negros e pardos que conseguem ascensão social para a classe média. Para negros e pardos pobres, racismo e pobreza se fundem, tornando menos nítida a relação entre cor e exclusão. Na medida em que há ascensão social, percebe-se mais claramente o racismo, gerando a tendência, segundo Fernandes, de que a luta antirracista seja composta por membros de classe média.

Sobre a FNB, Flávio Gomes diz que “seria equivocado afirmar que era um movimento de classe média. Tinha força popular junto aos setores negros com mobilidade social muito limitada. No interior paulista e em outros Estados, os desdobramentos da FNB foram diversos, ganhando perfis e configurações particulares” (GOMES, 2005: 55). Portanto, mesmo considerando as lideranças deste movimento como uma classe média negra, não podemos deixar de afirmar que as associações negras (culturais, esportivas, políticas) abarcavam pessoas de extratos mais pobres da população “de cor”. Na mesma direção, Domingues diz, ao analisar a figura de Lino Guedes, que apesar de ter uma condição socioeconômica diferente da maioria da população negra paulista da época, não se pode pensar que ele vivesse num mundo a parte, isolado dessa maioria (DOMINGUES, 2010: 143). Diz Domingues: “O uso do termo “elite de cor” é problemático. Serve apenas para mostrar que um grupo se percebia (ou queria ser percebido) como especial em relação à maioria dos negros” (DOMINGUES, 2010: 144).

Interessante notar que encontramos nos discursos desse grupo, que se via como uma elite responsável por guiar a massa, elementos comuns às visões sociológicas e historiográficas sobre as relações raciais e a relação negro-escavidão, hegemônicas até

¹⁶ Andrews é um dos autores que chama os organizadores do movimento negro paulista de “elite negra” e “classe média negra” (ANDREWS: 226-227). Flávio Gomes fala da predominância de intelectuais negros e profissionais liberais urbanos negros na produção dos periódicos da imprensa negra.

a década de 1970. Insistia-se bastante, como vimos, na ideia de que a escravidão desestruturou o negro, levou-o ao alcoolismo, não o alfabetizou, o tornou refratário ao trabalho disciplinado, etc. A abolição, segundo esta visão comum na imprensa negra, não teria solucionado o problema do negro, pois a condição imposta pela escravidão ainda se perpetuava até aqueles dias. Aqueles militantes tomavam para si, portanto, a função de exterminar com essas marcas da escravidão. Para exemplificar, citemos um trecho do discurso de Joaquim Kiel já comentado acima (na página 20):

Há, houve e haverá ainda muita lei incompleta no Brasil, resultantes quase todas da pressa com que são elaboradas, aprovadas e promulgadas.

Porém, nenhuma, talvez, se compare, neste particular, à de 13 de maio de 88. De que cogitou essa lei?

De somente permitir que os pretos, dali em diante, não fossem mais escravos ou cogitava de integrar na população livre uma grande massa de brasileiros que mais haviam trabalhado pelo progresso e grandeza nacional?

Evidentemente era esse último o propósito dos autores da referida lei, mas, forçoso é confessar-se que esse *desideratum* não foi alcançado e que a lei foi muito falha.

Os infelizes cativos eram totalmente analfabetos e o cativo cruel os havia quase irracionalizado, apesar da sua fibra formidavelmente robusta. Ora, o que aconteceu quando estes pobres se viram livres do humilhante servilismo?

Eram iguais aos brancos perante a lei, mas desconhecedores dos seus direitos, incapazes de proverem os reais proventos que poderiam tirar do seu trabalho continuaram a labutar estoicamente nos mais rudes serviços, sempre submissos, sempre humilhados, sempre em condições inferiores. A raça negra em nosso país foi a mais devastada pelo álcool, a mais explorada pelos argentários, a que sempre foi procurada para servir ao capangismo, o qual, a troco de um punhado de ouro, explorava e ainda explora a sua bravura indômita. (*Voz da Raça*, 8/04/1933, ano 1, n.4, p.4)

Esta militância negra pode ser entendida, como bem aponta Fernandes, como uma “vanguarda intransigente do liberalismo”, lutando pelo pleno estabelecimento da sociedade burguesa no Brasil e sua correspondente ausência de discriminação racial. Assim sendo, esses militantes lutavam para inserir o negro na lógica dessa sociedade em que os valores do trabalho, da disciplina e da educação são essenciais para a tão almejada ascensão social. Esse parece ser o eixo de ação do movimento negro paulista da década de 1920 e início da década de 1930.

Regina Pinto fala em 15/16 pessoas que atuaram de forma mais consistente dentro da imprensa negra entre 1900 e 1937, ocupando cargos administrativos e/ou escrevendo em um ou mais periódicos e 244 colaboradores (PINTO, 1993:63). Percebe-se que grande parte das lideranças envolvidas com a *imprensa negra* são nascidas no final do século XIX ou início do XX. Pessoas que na década de 1920 estavam com seus

vinte, trinta e poucos anos. No que se refere à ocupação, a maioria das lideranças parecem ser funcionários públicos ou profissionais liberais. Merece destaque também o fato de que alguns dos nomes da imprensa negra eram jornalistas da imprensa mais comercial.

Vejamos alguns nomes envolvidos nessa história.

As notas biográficas a seguir mostram certa irregularidade entre os nomes, pois alguns tiveram mais destaque e repercussão no período ou posteriormente. Atualmente temos consideráveis informações sobre nomes como Lino Guedes, José Correia Leite e Arlindo Veiga dos Santos. Entretanto, outros nomes (a maioria) permanecem pouco estudados e com poucas informações disponíveis. Além da bibliografia especializada, boa parte das informações sobre estes militantes negros foram retiradas do *Voz da Raça* (1/4/1933, ano 1, n.3, p.4).

Lino de Pinto Guedes (1897-1951) nasceu na cidade de Socorro (SP). Conseguiu o certificado propedêutico de jornalismo em 1920. Desde, pelo menos, seus 13 anos, colaborava para jornais da cidade de Campinas, atividade que exerceu durante a vida. Em Campinas iniciou a carreira de jornalista no *Diário do Povo* e no *Correio Popular*. Participou da fundação do jornal negro *União* por volta de 1915. Anos depois foi um dos fundadores do *Getulino*, com Benedito Florescio e Gervásio Moraes, ainda em Campinas, no ano de 1923. Foi pra São Paulo em 1926, acompanhado dos companheiros de *Getulino*, e em 1928 fundou o periódico *Progresso*. Guedes foi também articulista do *Clarim da Alvorada*, além de outros periódicos¹⁷ Vivendo em São Paulo, Guedes trabalhou no *Jornal do Comércio*, *O Combate*, *A Razão*, *Correio Paulistano* e, por último, no *Diário de São Paulo*, onde trabalhou até seu falecimento, em 1951.

Gervásio de Moraes (? - 1945), assim como Lino Guedes, era poeta. Foi um dos fundadores do *Centro Cívico Palmares* e posteriormente da *Frente Negra Brasileira* (FNB), em 1931. Também trabalhou no jornal *Getulino*, como redator e secretário, e colaborou com outros jornais da imprensa negra, como *O Baluarte*, *A Protetora* e o *Clarim da Alvorada*.

Benedicto Florêncio foi um dos fundadores do *Getulino*. Segundo Miranda (2005: 74), Florêncio circulou por muitos jornais da imprensa tradicional de Campinas,

¹⁷ Para informações sobre Lino Guedes, ver: <http://www.portalafro.com.br/linoguedes.htm> (acessado em 10/10/2011) e DOMINGUES, Petrônio. *Lino Guedes: de filho de ex-escravo à "elite de cor"*. Afro-Ásia, n.41, p.133-166, 2010.

chegando a ter uma coluna no jornal *Diário do Povo*, onde trabalhou por muitos anos, e onde também trabalhou Lino Guedes. Teve marcada atuação no movimento negro: fundou e foi tesoureiro da Federação Paulista dos Homens de Cor. Em 1926, junto com seus companheiros do *Getulino*, mudou-se para a cidade de São Paulo, dando continuidade a sua carreira jornalística¹⁸.

José Correia Leite (1900-1989) foi um dos mais destacados militantes negros do período. Foi editor e colaborador de diversos jornais da *imprensa negra*, fundou e ficou mais conhecido pelo *Clarim da Alvorada*. Nunca teve estabilidade em empregos, mas normalmente trabalhava no mesmo serviço: em drogarias ou em depósitos de artigos farmacêuticos. Conheceu outro importante nome da *imprensa negra*, Jayme de Aguiar, ainda menino. Segundo o próprio, Leite só passou a conhecer melhor as sociedades negras após a fundação de *O Clarim*¹⁹. Participou da fundação da FNB, onde ficou pouco tempo, retirando-se, por discordâncias com a direção da entidade, e fundando o *Clube Negro de Cultura Social* em 1932.

Argentino Wanderley também foi um importante nome deste movimento negro, sobretudo por ter sido proprietário e diretor do *Progresso*, um dos fundadores do *Grupo Carnavalesco Campos Elyseos* e presidente da comissão Pró-Herma a Luiz Gama.

Jayme de Aguiar nasceu e cresceu na cidade de São Paulo. Foi diretor dos jornais *Evolução e O Clarim d'Alvorada*, colaborador do jornal *Alvorada* e colaborador dos jornais *O Clarim*, *O Patrocínio e Senzala*. Também foi fundador da FNB, assim como Arlindo Veiga dos Santos, José Correia Leite, Isaltino Veiga dos Santos, Gervásio de Moraes e Jayme de Aguiar, que além de serem fundadores da *Frente Negra Brasileira* atuaram no *Centro Cívico Palmares*. Jayme de Aguiar era funcionário público estadual.

Arlindo Veiga dos Santos talvez seja um exemplo extremo do que chamamos “elite negra” paulista. Nascido em 12 de fevereiro de 1902, Arlindo dos Santos foi um dos principais fundadores e primeiro presidente da Frente Negra Brasileira (1932-1937). De família pobre, nasceu em Itu, interior de São Paulo, e se mudou ainda adolescente para a capital paulista. Lá se formou pela Faculdade de Filosofia e Letras de São Paulo. Poliglota, deu aulas de latim, inglês, português, história, sociologia e filosofia. Lecionou

¹⁸ Miranda (2005: 67-75) nos traz informações sobre os organizadores do *Getulino* (Lino Guedes, Benedicto Florêncio e Gervásio de Moraes). Dali tiramos a maior parte das informações sobre Gervásio de Moraes e Benedicto Florêncio.

¹⁹ Sobre José Correia Leite e suas memórias sobre aquele período, ver SILVA, 2007.

em escolas e faculdades e é autor de diversas obras. Foi sócio titular do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, foi membro honorário vitalício da American International Academy, de Nova York, membro de honra da Legion des Volontaires Du Sang, de Paris, sócio de honra da Associazione Internazionale Insigniti Ordini Cavallereschi de Palermo, Itália²⁰.

Isaltino Veiga dos Santos (1901), irmão de Arlindo Veiga dos Santos, nasceu na cidade de Itu (SP). Em 1918 sua família mudou-se para a cidade de São Paulo onde trabalhou em expedientes e, posteriormente, como despachante e jornalista. Foi uma das lideranças do movimento negro paulista nas décadas de 1920 e 1930. Ajudou a fundar o *Centro Cívico Palmares* (1926). Alguns anos depois também foi um dos fundadores e, posteriormente, secretário-geral da FNB. Entretanto, logo em 1933 Isaltino foi expulso da FNB.²¹

Deocleciano Nascimento formou-se em Comércio pelo Lyceu Salesiano, em São Paulo, recebendo o grau de “guarda livros”. À época, era fundidor e estudante do curso noturno de Contabilidade. Em 1914, fundou e foi redator do *Menelick*, posteriormente dirigiu o *Aurierde*, escrevia para *O Clarim da Alvorada* e foi o primeiro redator do *Voz da Raça*. Outros redatores do *Voz da Raça* foram Pedro Paulo Barbosa, Raul Joviano Amaral, Mário Campos, Antônio M. dos Santos, Rubens Costa e João de Souza (GOMES, 2005:49).

Guaraná de Santana foi advogado da FNB, mas logo rompeu com a entidade e tentou fundar a *Frente Negra Brasileira Socialista*. Ajudou a fundar *A Tribuna Negra* em 1935, que se dizia porta voz dos combatentes negros da *Legião Negra* (que lutou na Guerra Constitucionalista de 1932). Mas, antes disso, em 1932, fundou o *Brasil Novo*, com viés socialista.

Vicente Ferreira, destacado orador, radicado no Rio de Janeiro e, posteriormente, em São Paulo, fez importantes discursos mobilizadores. Atuou na *Frente Negra Brasileira* e na *Legião Negra*. É considerado como um dos responsáveis pela generalização do termo “negro” em substituição ao “classes de cor” (GOMES, 2005: 45). Militante do movimento negro no Rio de Janeiro, chegou em São Paulo em 1926. Escrevia também para o *Clarim*.

²⁰ Para saber mais sobre Arlindo Veiga dos Santos ver DOMINGUES, 2006.

²¹ Para saber mais sobre Isaltino Veiga dos Santos ver DOMINGUES, 2007.

Teófilo Camargo, fundador do *Binóculo* em 1915, foi alfaiate e, à época da fundação do jornal, era sargento do exército.

José de Assis Barbosa fundou o *Clube Negro de Cultura Social* junto com José Coreia Leite e Raul Joviano do Amaral. Também escrevia para o *Clarim da Alvorada*.

Benedito Prestes, fundador, em 1912, de *A Perola*, órgão oficial do clube Dançante 15 de Novembro, era funcionário da Cia de Gás.

Augusto Euzébio de Oliveira, fundador de *O Alfaiate*, em 1919, era brigadeiro da Força Pública e em seguida se tornou solicitador.

Gastão E. da Silva fundou *A Liberdade* em 1920, era fiscal municipal.

Antônio Pereira da Silva, fundador de *A princesinha do norte* em 1920, era cozinheiro do Instituto Disciplinar.

Alfredo E. da Silva, fundador de *O Elite* em 1923, era funcionário da Recebedoria de Rendas.

Alberto Orlando, fundador de *O Tamoio* em 1923, era jornalista. Dionísio Barbosa, fundador do *Nosso Jornal* em 1923, era marceneiro da Escola Normal.



Figura 12: José Correia Leite



Figura 13: *Benedito Florêncio*



Figura 14: *Lino Guedes*

Cabe ainda salientar que trabalhamos nesta pesquisa com o pressuposto de que a linha político-editorial de um periódico se faz não apenas pelos editoriais ou por intenções declaradas. A seleção das notícias e informações deixam sub-entendidas suas identidades e opções políticas. Desta forma, como veremos mais tarde, a identificação com certo *Atlântico Negro*, e com o continente africano em particular, podem ser percebidas não por declarações objetivamente formuladas mas sim pelo próprio fluxo de

notícias. Como destaca Nelson Werneck Sodré, para além do discurso, o fluxo de informações também orienta a opinião dos indivíduos e se insere num posicionamento político-editorial (SODRÉ, 1966: 4).

Com o intuito de entender um pouco mais sobre o carácter dos periódicos analisados e abrindo terreno para o entendimento da relação desses intelectuais orgânicos com a África, passaremos no próximo capítulo a analisar o esporte e o lazer a partir da noção de modernidade.

MODERNIDADE
E
O NEGRO
PARA ALÉM DAS
FRONTEIRAS NACIONAIS

CAPÍTULO 2

Nações e nacionalismos são produtos históricos desenvolvidos, sobretudo, a partir do século XIX. A construção das nações, por parte dos Estados ocidentais, esteve ligada às tentativas de homogeneização territorial, religiosa, linguística, étnica etc. (HOBSBAWN, 2004: 27-33 e 161). Não foi diferente no Brasil, aonde já vimos que a construção da nacionalidade brasileira, na virada do século XIX para o XX, tinha como referência certo(s) ideal(is) de branqueamento. Para que o Brasil fosse um país “civilizado” era preciso, na visão hegemônica, embranquecer seu povo. Este ideal de nacionalidade, de nação, relacionou-se, desta forma, à exclusão do negro.

Mesmo a ideia de mestiçagem, das “três ‘raças’ fundadoras”, não excluiu automaticamente a ideia de homogeneização. Havia os que, como Sílvio Romero, viam na miscigenação o meio para a prevalência da “raça” branca/europeia/caucasiana. E mesmo no pós- 30, quando ganha força a ideia do brasileiro como povo mestiço, via-se no mestiço uma “nova raça”, uma “raça brasileira”. Portanto, nesta concepção, a união de três “raças” daria origem a uma quarta “raça”, diferente das três originárias. Uma nova “raça”, “a raça brasileira”. Como afirmou José de Nazareth, em 1924, no *Getulino*, e Arlindo Veiga dos Santos, em 1933, no *Voz da Raça*:

A raça brasileira.

(...)

A gênese da nossa **raça, a brasileira**, - aliás, ainda em período de caldeamento, - repousa em **três elementos heterogêneos**: o **indígena**, cujo amor, cujo coração, personifica-se na imortal Moema; o **negro** cujo estoicismo reside Henrique Dias e o ranço em cujo denodo, nenhum homem excedeu Mathias Dias de Albuquerque, no setentrião e Estácio de Sá no meio-dia.

Três fatores de diversos continentes, da América, da Europa e da **África**, e de diferentes cores, unindo-se para o nascimento de um **povo**, ao qual o porvir reserva, talvez, o primeiro lugar na história.

(...)

José de Nazareth

(A raça brasileira. *Getulino*, 20/12/1924, n.64, p.4)

Nós também temos uma raça! Se não há, como não pode haver, um só tipo nacional, somos uma raça mestiça, com os nosso negros, cafusos, caboclos, negróides, brancoídes, e (até) os bugres que ainda moram no mato.

(A afirmação da raça. *Voz da Raça*, 10/06/1933, n.12)

Esta “comunidade imaginada” era vista de maneiras diferentes pelos mais diversos grupos com os mais variados interesses. Arlindo Veiga dos Santos e José de Nazareth, ao afirmarem o “tipo nacional” como uma “raça mestiça”, composta “por negros, cafusos, caboclos, negróides, brancoídes, e (até) bugres”, buscavam abrir espaço na luta pela valorização do negro. Se afirmar membro de determinada nacionalidade – a nacionalidade brasileira – era importante para a luta por direitos. Segundo Eric Hobsbawn, na medida em que a nação é entendida como um ente político ligado a um povo, a ideia de nacionalidade relaciona-se intimamente a ideia de cidadania (HOBSBAWN, 2004: 31).

“Raça”, “povo” e “nação” são conceitos que se entrelaçam e permeiam as discussões políticas e intelectuais na Primeira República brasileira. Como disse Schwarcz, “O discurso racial surgia, dessa maneira, como variante do debate sobre cidadania (...)” (SCHWARCZ, 2010: 47).

Neste contexto, era comum, na *imprensa negra paulista*, a afirmação do negro como parte da nacionalidade brasileira através visão do Brasil como um país mestiço, em que o negro, africano, escravo, teve papel fundamental. A ideia do Brasil mestiço teve papel central, nesta *imprensa negra*, na luta pela valorização do negro.

É consenso na historiografia que o movimento negro paulista não tinha, na primeira metade do século XX, a África como referência central. Boa parte da bibliografia sobre o tema frisa a não adesão desses militantes negros à ideia de um “retorno à África”²² justificada pela preponderância do ideal de integração à sociedade brasileira. Não há dúvidas de que o nacionalismo, ou melhor, a luta pela inserção do negro na nacionalidade/cidadania brasileira parece ter, em muitos casos, barrado aproximações com a África, como vemos de forma mais veemente na Frente Negra Brasileira, através do *Voz da Raça*. Ou mesmo nos muitos editoriais e artigos em *O Clarim da Alvorada*, no *Getulino* e no *Progresso*, que frisam a importância do negro para a construção do Brasil e o valorizam como um legítimo brasileiro. Entretanto,

²² A ideia de um retorno à África foi bastante popular no meio negro do Caribe e EUA, e teve como um dos principais idealizadores o jamaicano Marcus Garvey.

nossa proposta é de que o nacionalismo como chave explicativa, apesar da sua importância, não dá conta do problema.

Amílcar Pereira e Verena Alberti destacaram que a aproximação com a África não era consenso dentro do movimento negro de antes da década de 1970 (ALBERTI; PEREIRA, 2007). Apesar da África não aparecer como referência importante nesta mobilização negra, há informações sobre o continente em alguns periódicos – existiam militantes que se interessavam por difundir informações sobre a África. No próximo capítulo nos debruçaremos mais detidamente sobre esta questão, mas, para nosso interesse no presente capítulo, vale adiantar que no *Progresso* (1928-1931), por exemplo, encontramos trinta referências à África ou a africanos em suas quarenta e duas edições. Veremos um pouco dessas referências mais a frente.

Citando Ferrara, Bastide e Mitchell, Antônio Sérgio Guimarães afirmou que “a assimilação à cultura nacional é o objetivo único da comunidade negra brasileira” nos anos de 1920 e 1930. Entretanto, logo em seguida o autor coloca que o que é valorizado na imprensa negra “são os negros que conseguiram a integração, reconhecimento, admiração e consagração na sociedade brasileira ou americana” (GUIMARÃES, 2002).

Diz ainda Guimarães:

A posição dos “negros” brasileiros é muito diferente da dos norte-americanos, no que diz respeito ao modo de encarar a nacionalidade. Porque aqui, ao contrário de lá e mesmo do que acontecerá no mundo francófono, não haveria lugar para outro nacionalismo que não fosse o brasileiro, assim como não haveria lugar para outra cultura que não fosse a nacional. Os “homens de cor”, primeiro, os “negros”, em seguida, deixarão meridianamente claras a sua completa e integral adesão à pátria brasileira e seu afastamento cultural da África.

Mais que isso, a estratégia de integração nacional e de mobilidade social dos negros paulistanos, mesmo aqueles que passaram a se organizar politicamente em torno da “raça”, passava pela recusa dos valores culturais africanos, afro-brasileiros e populares e pela incorporação dos valores das elites brancas. (GUIMARÃES, 2002)

Como já dissemos, também entendemos que estes militantes negros deixaram “meridianamente claras a sua completa e integral adesão à pátria brasileira”. Não encontramos textos exortando os negros brasileiros a qualquer tipo de união negra internacional. Apesar disso, não era incomum o aparecimento de notícias internacionais sobre o negro. Como explicar essa suposta identidade negra vinculada à nacionalidade brasileira e o aparecimento de notícias internacionais do negro, sobretudo dos EUA, mas também da África?

Laiana de Oliveira, em tese sobre a *Frente Negra Brasileira* (1931-1937), diz que a recusa a uma aproximação da África não se devia apenas ao nacionalismo, mas também à visão de que aquele continente era um lugar de cultura atrasada, de práticas socioculturais primitivas (OLIVEIRA, 2008: 59). Apesar da FNB ter nos dado os exemplos mais extremados desta visão, vemos que, de uma forma ou de outra, tal perspectiva era forte no movimento negro da época. A luta consistia, sobretudo, em provar a capacidade do negro em se inserir no quadro de valores sociais e culturais da sociedade brasileira/ocidental.

Concordando com Oliveira, acreditamos que para tentar explicar tanto a presença quanto a ausência da África na imprensa negra é preciso ir além do nacionalismo. A educação formal, o trabalho, a disciplina individual aparecem como principais meios de valorização do negro, expressando, sem dúvida, um diálogo com certa modernidade.

Este diálogo pode ser percebido também através da valorização do negro no esporte, na música, na dramaturgia, na poesia, na ciência – símbolos da modernidade. Neste sentido, não só o negro em território nacional era valorizado. O negro do exterior, internacional, que se encaixava no ideal de certa modernidade também era tido, por parte desta *imprensa negra*, como um exemplo a ser seguido.

Contrariando a teoria do nacionalismo como explicação exclusiva para a não aproximação deste movimento negro à África e corroborando nossa hipótese, que agrega ao nacionalismo a questão da modernidade, encontramos, por exemplo, muitas referências, no *Progresso*, ao sucesso do negro norte-americano no boxe.

Campeonato Mundial de Box

A brasileira traz a nova que se inicia amanhã em Nova York, a luta em disputa do campeonato mundial de Box para pesos semi-pesados. Enfrentar-se-ão o campeão Dundee e o negro Tompson.

Campeão Mundial

A comissão de Box de Nova York proclamou há dias campeão mundial de peso galo o preto Brown, residente no Panamá.

(*Progresso*, 15 de novembro de 1928, ano 1, n.6, p.3)

FIRPO VAI ENFRENTAR UM LUTADOR NEGRO

Recusando, o conhecido peso pesado Jack Ranault, a oferta de 7.500 dólares para bater-se com Luis Ángel Firpo, em Buenos Aires, o empresário Harry Meary recebeu, então, ordem dos intermediários daquela capital no sentido de escolher um outro peso pesado para substituir o pugilista canadense. É possível que essa escolha recaia sobre o negro Harry Fav que, embora sendo um pugilista de segunda classe, tem no entanto qualidades apreciáveis de batedor e poderá fazer boa figura diante do campeão sul-americano.

(*Progresso*, 16 de dezembro de 1928, ano 1, n.7, p.2)

Se o nacionalismo era tão forte, por que estas constantes referências? Talvez porque o sucesso do negro estadunidense naquele esporte significasse, para os editores do *Progresso*, uma amostra da capacidade do negro em geral. Onde está o nacionalismo aí? O que podemos perceber, neste caso, é uma visão do negro, uma identidade negra, para além das fronteiras nacionais. Parece que o que interessava aos editores do *Progresso* era o negro “civilizado”, “moderno” – o próprio nome do periódico indica esta interpretação; afinal, a ideia de “progresso” é um dos elementos-chave quando se pensa a modernidade e a civilização ocidentais a partir do iluminismo.

Este ponto de vista será importante para entendermos, no capítulo 3, o aparecimento da África na *imprensa negra paulista*. Desta forma, entende-se tanto a ausência da África como elemento importante da(s) identidade(s) negras desenvolvidas naquele meio, como a presença de referências àquele continente na *imprensa negra*. Uma África vista como bárbara não interessava; mas uma África valorizada, moderna, civilizada, sim.

Das trinta referências à África encontradas no *Progresso*, quase a metade faz menção à Etiópia (ou Abissínia). A identificação com a Etiópia expressa na *imprensa negra* parece ser antiga. *O Menelick*, um dos primeiros jornais da imprensa negra paulista, fundado em 1915, homenageia em seu nome um dos imperadores daquele país. No *Clarim* de março de 1935 (ano 1, n.2), um artigo denominado *O caso da Abissínia e o mundo negro* exorta os negros de todo o mundo a defenderem a independência da Abissínia – “o último império negro”.

Como veremos no próximo capítulo, um dos motivos para este interesse parece ser o fato de a Etiópia ter sido o único país da África a não sofrer ocupação europeia até a invasão dos italianos em 1936 (que a ocuparam de 1936 a 1941), o que a tornou símbolo internacional dos negros. Outro motivo é sua posição de proximidade com o Ocidente, expressa, por exemplo, pela adesão ao cristianismo²³. Levantamos estas suposições porque a ênfase à Etiópia que se dá nas reportagens do *Progresso* recai principalmente sobre suas relações com o Vaticano e notícias sobre seu governo e seus governantes. Citemos alguns títulos: “A coroação do novo rei da Etiópia: quem é hoje o soberano que ocupa o trono do famoso Menelick.” (*Progresso*, n.7, 16 de dezembro de 1928, ano 1). “Tafari, o Imperador Negro da Abissínia descendente da rainha de Sabá e do rei Salomão” (*Progresso*, n.8, 13 de janeiro de 1929, ano 1). “Em Roma: Uma Igreja Abissínia”. (*Progresso*, n.13, 23 de junho de 1929, ano 2). “A conversão ao catolicismo de dez milhões de Abissínios” (*Progresso*, n.27, 20 de agosto de 1930, ano 3). “Rei da Etiópia” (*Progresso*, n.31, dezembro de 1930, ano 3).

Já no *Voz da Raça*, onde um nacionalismo menos aberto a este *Atlântico negro* foi hegemônico, não se encontram muitas referências à Etiópia/Abissínia. Pelo contrário, os editoriais da primeira edição deixam expostas as visões que os líderes da FNB tinham sobre o assunto. Dizem os títulos: “A nação acima de tudo” e “O internacionalismo é para os fracos”.

Portanto, se o *Voz da Raça* nos dá o exemplo de afastamento pelo nacionalismo, o *Progresso* e o *Clarim da Alvorada* nos levam à hipótese de que, para além do nacionalismo, a valorização do negro brasileiro como parte da civilização ocidental, capaz de dialogar com a modernidade ocidental, parece nos permitir discutir melhor o que está por trás da ausência e da presença da África nestas mobilizações.

Partindo destes pressupostos, pretendemos, nas linhas a seguir, entender que modernidade circulou no meio negro paulista. Para tanto, focaremos a análise no lazer e no esporte. Interessa-me informações sobre o que existia em termos de lazer e esporte no meio negro, e como alguns destes elementos eram vistos num contexto de mobilização política.

²³ A Igreja predominante na Etiópia era, e ainda é, a Igreja Ortodoxa. No período que tratamos aqui, houve certo esforço de aproximação entre Igreja Ortodoxa e Igreja Católica.

Modernidade

Antônio Guimarães chama de *modernidade negra* o processo de inclusão cultural e simbólica dos negros à sociedade ocidental, isto é, a incorporação dos negros ao ocidente enquanto ocidentais civilizados. Guimarães separa essa incorporação em dois tempos, que podem ocorrer concomitantemente: a mudança da representação dos negros pelos ocidentais, principalmente através da arte, e a representação positiva feita pelos próprios negros, para si e para os ocidentais (GUIMARÃES, 2002). Assim, a representação do negro como um ser bárbaro, animalizado, só irá realmente sofrer abalos a partir da década de 1920, “quando os negros passam a ser incorporados em massa ao mundo do espetáculo, ou seja, às revistas do Folie Bergère, aos musicais da Broadway, aos salões de *charleston* e às casas de jazz do Harlem, de Paris e de Londres. É nesse período que se populariza a figura marcante, tão bem representada por Miguel Covarrubias, do “novo negro”” (GUIMARÃES, 2002).

O movimento negro que estamos estudando, como bem aponta Guimarães, identificava-se muito mais como mestiço ou brasileiro, não desenvolvendo um *nacionalismo negro*, muito comum no Caribe, nos EUA e na Europa. Entretanto, como veremos, a busca pela valorização do negro brasileiro abriu certos espaços para o desenvolvimento de identidades negras para além do espaço nacional. A *modernidade negra* em São Paulo, que enxergamos através desta *imprensa negra* de 1924 a 1937, parece transitar entre o nacionalismo brasileiro e a modernidade ocidental.

Petrônio Domingues propõe uma visão sobre a modernidade e a relação de parte da *imprensa negra paulista* com a modernidade diferente da de Guimarães. Na esteira de Paul Gilroy, Domingues fala da necessidade de *deseurocentrizar* a noção de modernidade e nega a tese de Guimarães do alheamento do movimento negro paulista ao processo de construção da modernidade negra atlântica.

Longe de ter pretensões tão ambiciosas, este artigo abordou aspectos da história dos afro-brasileiros que a imprensa negra produziu no período do pós-abolição, explorando, especialmente, a relação desses afro-brasileiros com a modernidade transatlântica. De acordo com Antonio Sérgio Guimarães, a imprensa negra brasileira, nas primeiras décadas do século XX, manteve uma postura de “relativo isolamento”, mantendo “diálogo apenas com a grande imprensa local”. O diálogo com a “vanguarda europeia”, diz o autor, foi “travada pela jovem elite intelectual do país (os modernistas), não pelos negros”. Estes tiveram como objetivo único a “assimilação à cultura nacional” (Guimarães, 2003:55-56).

A ilação do sociólogo baiano não tem, contudo, respaldo nas fontes históricas. Como foi evidenciado neste artigo e em pesquisas recentes (Butler, 1998: 210-227; Siegel, 2009: 179-205), a imprensa negra não assumiu posturas isolacionistas ou provincianas. Pelo contrário. Cosmopolita e inserida na experiência da diáspora africana, suas páginas serviram de canal aberto de debates e discussões no bojo da modernidade transatlântica. Jayme de Aguiar não foi o único, nem o primeiro, a se referir aos seus contemporâneos como “negros modernos”. Os jornais *O Clarim da Alvorada*, em 1927, e *A Voz da Raça*, em 1936, já falavam em “negro moderno”. E tão impressionante quanto frações de afro-brasileiros se autorrepresentarem como modernos, é saber que os articulistas da imprensa negra tinham plena noção de que os ventos do modernismo sopravam a favor do legado cultural afro-diaspórico. (DOMINGUES, 2010: 114-115)

Domingues (2010) usa como um exemplo do diálogo da *imprensa negra paulista* com a modernidade negra atlântica a apropriação da figura da artista Josephine Baker. Segundo Domingues, Josephine Baker foi apropriada por parte da *imprensa negra paulista*, de modo a destacar sua face de artista famosa, de sucesso, moderna e “esqueceu-se” sua face polêmica. Deste modo, Baker foi apropriada para servir como exemplo de negra “moderno”, “capaz”, de sucesso. A negra que “venceu na vida”.

E mesmo reconhecendo que os afro-brasileiros aglutinados em torno da imprensa negra tinham por finalidade assimilar-se à comunidade nacional, deve-se destacar, no entanto, que esse processo se operou de forma negociada, isto é, não implicou no descarte dos referenciais, símbolos e mitos afro-diaspóricos, nem tampouco implicou em abrir mão dos postulados da sociedade moderna. Não foi fortuito, assim, que um dos pontos altos da interlocução dos afro-brasileiros com a “vanguarda europeia” tivesse girado em torno de Josephine Baker, uma verdadeira alegoria do modernismo nos frementes anos 1920. (DOMINGUES, 2010: 116)

Seguindo a pista de Domingues, veremos outros casos de apropriações feitas pela *imprensa negra paulista*, no Brasil e no mundo afro-atlântico, visando pinçar exemplos a seus leitores para a construção do “negro moderno”. Existiam espaços de circulação de informações e experiências negras internacionais, o qual se insere parte da *imprensa negra paulista*, que podemos chamar de *Atlântico negro* (GILROY, 2001). Este *Atlântico negro* é formado por informações sobre negros na Europa, como Josephine Baker, notícias sobre os negros nos EUA, o contato com o *Chicago Defender* e o *Negro World*, informações sobre a Etiópia etc.. Aparições que deixam transparecer certas noções de *diáspora negra*. Noções intimamente relacionadas ao conceito de “raça negra”. Neste sentido, cremos ser interessante tocar numa discussão que nos possibilita observar alguns elementos que fundamentam a(s) identidade(s) racial(is) na *imprensa negra paulista*, que é a discussão sobre o projeto de lei Fidélis Reis e das ideias e projetos de Robert Abbot.

Raça e nacionalismo

Em 1923 surge o debate sobre um projeto do empresário negro norte-americano Robert Abbott. Abbott veio ao Brasil, deu uma série de palestras e fez uma série de contatos. Buscava desenvolver um projeto para estimular o negro estadunidense a se mudar dos EUA para o Brasil. Abbot era um rico negro estadunidense, militante, que tinha entre seus empreendimentos um dos mais conhecidos jornais negros dos EUA, o *Chicago Defender*. Fundado em 1905, na cidade de Chicago, foi o jornal de maior circulação da *imprensa negra estadunidense*²⁴. (PEREIRA, 2010: 28)

Abbott estimulava a saída de negros do sul dos EUA, onde o conflito racial era mais intenso, para outras regiões do país, como a cidade de Chicago, que entre 1916 e 1918 teve sua população negra triplicada²⁵, e até regiões fora dos EUA. Neste sentido, Robert Abbot, que além de fundador era editor do *Defender*, via o Brasil como um exemplo de harmonia racial e defendia a vinda dos negros estadunidenses para terras brasileiras (ver DOMINGUES, 2006). Pereira (2010: 56-57) nos mostra que o *Defender* constantemente apresentava o Brasil como um “paraíso racial” onde não haveria, no entender de Abbot, o conflito que havia nos EUA²⁶, discussão presente no *Defender* desde o início da década de 1910. Buscando concretizar seu objetivo, em 1923 Abbott viajou por três meses pela América do Sul, passando pelo Brasil.

Esta viagem originou, alguns anos depois, trocas de exemplares entre o *Clarim da Alvorada* e o *Chicago Defender*. Diz José Correia Leite que foi o padre negro Olympio de Castro, do Rio de Janeiro, que articulou o contato entre ele e Abbot para a troca de exemplares de seus jornais por correio²⁷. (SILVA, 2007) (DOMINGUES, 2006) (PEREIRA, 2010: 113-114) Portanto, não só debates circulavam por este Atlântico Negro, materiais também. Além de Abbott e seu *Chicago Defender*, também Marcus Garvey, um dos grandes líderes pan-africanistas, e seu periódico *Negro World*

²⁴O *Defender* existe até hoje, e suas edições na rede podem ser acessadas em <http://www.chicagodefender.com/> (último acesso em abril de 2012)

²⁵<http://www.chicagodefender.com/article-7696-chicago-defender-history-dates-back-over-a-century.html> (acessado em 02/05/2012)

²⁶Amílcar Pereira (2010) expôs a intensa presença do Brasil nas páginas do *Defender* e a visão presente neste periódico do Brasil como uma terra com harmonia racial.

²⁷Segundo Domingues (2006) o padre Olympio de Castro foi umas das pessoas com quem Abbot estabeleceu contato em sua estadia no Rio de Janeiro.

também apareciam nesta *imprensa negra*, como vemos no *Getulino* e, de forma mais intensa, no *Clarim da Alvorada*.



Figura 15: Marcus Garvey



Figura 16: Robert Abbot. Fundador e editor do *Chicago Defender*.

A vinda de Abbott e os projetos de estabelecimento de negros estadunidenses em território brasileiro geraram polêmica no Brasil, inclusive nas páginas da *imprensa negra paulista*²⁸. A partir dali vieram à tona tentativas, dentro do governo brasileiro e na Câmara dos Deputados, de impedir o intento²⁹.

As leis que regulavam a entrada de imigrantes tinham marcado viés racial há tempos. Buscava-se, de forma geral, estimular a entrada de europeus e restringir, ou mesmo impedir, a entrada de “povos indesejáveis”. Em 1890, logo após a abolição legal da escravidão no Brasil e à proclamação da República, o governo brasileiro estabeleceu um decreto que dificultava a entrada de asiáticos e africanos em território nacional (LESSER, 2001: 28 e 63) (SKIDMORE, 1994: 108-109). Com a intensificação das discussões sobre a entrada de negros estadunidenses no Brasil, mais uma rodada foi aberta. Em 1921 os deputados Cincinato Braga e Andrade Bezerra apresentaram projeto à Câmara dos Deputados que visava, mais uma vez, impedir a entrada de negros e asiáticos em território brasileiro. Por mais que ele não tenha sido aprovado, é mais um capítulo de nossa história que revela o desenrolar do processo de racialização da sociedade brasileira de forma geral e de nossa política de imigração em particular (GOMES, 2003).

Após a recusa do projeto de Braga e Bezerra, foi a vez do deputado Fidélis Reis de buscar lei semelhante³⁰. E foi o projeto de lei de Fidélis Reis que repercutiu no *Getulino*. Fidélis Reis participava ativamente em debates e projetos sobre a política de imigração brasileira e era um defensor do *embranquecimento* brasileiro. Seu projeto, proposto à Câmara dos Deputados em 1923, vedava a entrada de imigrantes negros norte-americanos e japoneses.

Como mostra Tiago Gomes (2003), este debate tinha como base noções de mestiçagem, branqueamento e a ausência de preconceito racial no Brasil. Muitos dos que se colocavam contra a entrada de negros no Brasil o faziam com o argumento da estabilidade das relações entre negros e brancos no país, expresso na ausência de preconceito racial, que poderia ser prejudicada com a entrada de pessoas negras que

²⁸ No início da década de 1920 existiam, segundo Pereira (2010: 48), alguns projetos de imigração de negros estadunidenses para o Brasil.

²⁹ Sobre o debate em torno da entrada de negros estadunidenses no Brasil no início do século XX, ver: GOMES, Thiago de Melo. *Problemas no paraíso: a democracia racial brasileira frente à imigração afro-americana (1921)*. In: Estudos Afro-Asiáticos, ano 25, n. 2, 2003, pp. 307-331.

³⁰ Para saber mais sobre Fidélis Reis ver: RECCIOPPO, Thiago. “Por uma história do sujeito: a biografia política do deputado mineiro Fidélis Reis”

viviam o conflito racial, e na estabilidade e manutenção da mestiçagem brasileira, entendida na maior parte das vezes como branqueamento – mistura-se para branquear.

Evaristo de Moraes foi um dos que criticaram o projeto de Fidélis Reis nas páginas do *Getulino*. Moraes se contrapõe aos argumentos levantados por Reis em seu projeto de lei da superioridade estética do branco europeu e sobre a posição dos negros nos conflitos raciais nos EUA. Diz o autor do texto que o conceito do belo é relativo e usa uma citação de Sylvio Romero, “um dos mais autênticos ‘brancos do Brasil’”, para “provar” a beleza da “raça negra”. Quanto à questão do ódio entre negros e brancos nos EUA, Moraes afirma que o negro rivaliza com o branco nos EUA por causa do ódio e da segregação feita pelo branco. Caso viessem para uma terra onde não fossem odiados, também os negros estadunidenses deixariam o ódio de lado.

Um dos argumentos, frequentemente empregados, contra a entrada no Brasil de colonos de raça negra, provindos da Norte América, consiste em se nos alarmar com as prevenções deles contra os brancos.

[...]

Afirma-se com jeitos de convicção, que eles transporão para aqui nas suas bagagens, a luta de raças.

[...]

Sem custo se compreenderá o infundado do receio, desde que se reflita nas causas que determinam, nos Estados Unidos, a prevenção dos norte-americanos de raça negra contra os da raça branca.

Como é possível prezar a quem nos menospreza?

Querer bem a quem nos maltrata?

Tratar com afeição a quem nos persegue, nos ofende, nos vilipendia?

Pedir aos representantes da raça negra, nos Estados Unidos, gentilezas e carinhos para com os brancos; tentar dissipar, nas suas almas doloridas, o travo das afrontas sofridas, equivaleria a exigir deles uma paciência evangélica, incompatível com a natureza humana: a pretender transformá-los em criaturas sobrenaturais, de uma bondade infinita.

[...]

Justifica-se ou não, o mal querer dos norte-americanos mais ou menos pretos contra os seus compatriotas brancos?

Como se vê, é um simples efeito do meio; resulta das condições em que aquelas vivem, vexados, rebaixados, torturados pelos outros.

Mudadas as condições, transferidas as vítimas do brutal preconceito para outro meio, em que as facilidades do trabalho se casam com a efetividade do acolhimento, cessará, de pronto, a prevenção.

(*Getulino*, 13/01/1924, n 25, p.1)

Entretanto, nem todos na *imprensa negra* concordavam com a vinda de negros dos EUA para o Brasil, como Benedito Florêncio, que entrou na polêmica:

Cartas de um negro

A imigração negra norte-americana prejudica a solução do problema negro brasileiro e ameaça a harmonia da raça e a paz da nação.

“Nós, os pretos brasileiros, não repelimos os nossos irmãos norte-americanos, não somos alheios à sua sorte, e acompanhamos com máximo interesse e maior carinho todos os acontecimentos sociais do nosso povo lá dentro dessa babilônica República.

Mas a solução do problema norte-americano está colocada numa situação extremamente diferente do brasileiro, pelo que, materialmente, precisamos agir em separado, tanto quanto em conjunto, quando tivermos que reagir espiritualmente.

A vinda dos negros norte-americanos será o golpe de morte para aquela obra matemática, do desaparecimento gradativo da raça negra no Brasil.

Além disso, não nos parece seja essa imigração em massa, o alvitre único e salvador, capaz de resolver o grave problema social que tanto preocupa a atualidade norte-americana.

Essa viagem do dr. Abott, o milionário negro, famoso jurista e um dos mais vibrantes polemistas da América do Norte, seria única e exclusivamente feita para o Brasil?

Não será essa viagem o início prático do programa expansionista da “Universal Negro Improvement Association”?

Ou teria Abott sido um missionário inteligente da poderosa “National Association for the advancement of the coloured people”?

Muito teremos que escrever acerca do presente assunto e também dos drs. Abott, Modest e outros que visitaram já, incognitamente, a nossa bela pátria.

Para nós que lemos muito e estudamos dia e noite os problemas da raça negra no mundo, não foi e não é ainda surpresa o rumo que vai tomando a tentativa da conhecida e tão discutida invasão negra norte-americana.

Quem leu Trotter, doutor graduado da Universidade de Harvard, nos trabalhos publicados no “Boston Guardian”; quem acompanhou tudo que se passou na “International Negro Conference”, inaugurada em New York a 2 de agosto de 1920, com a presença de 200.000 negros aclamando o maior juriconsulto do mundo, Marcus Garvey, não poderia receber sem restrição a visita do redator-proprietário do “Chicago Defender”.

É por ignorar muito do que no correr destes artigos vamos expor que houve quem censurasse o governo pelo modo todo cheio de especial desconfiança com que foi recebida a embaixada negra do missionário Abott.

Os nossos diplomatas não dormem, e por isso os poderes supremos da República e os alto políticos da nação estavam ao corrente de tudo, até mesmo da estranha curiosidade abottina...

É realmente para se lamentar que a “Associação Protetora dos Brasileiros Pretos” desta cidade tivesse apoiado com tanto entusiasmo a missão desse ilustre homem, mandando um emissário ao Rio para ouvi-lo.

Assim procedendo, a “Protetora” apenas desprotege...

Benedicto Florencio

(Cartas de um negro, *Getulino*, 23/09/1923, n.9, p.1-2)

Continuação [III] de Cartas de um negro

(...)

A situação do negro no Brasil, comparada com a da Norte-America, será o supremo ideal, isso, porém, para aqueles que, como o dr. Abott, vêm de um país onde o preto é considerado um leproso moral, é tratado como cão mais que desprezível, faltando-lhe toda defesa desde as páginas da lei até as camadas sociais.

Aqui, felizmente, o ódio contra o negro não assume proporções tão bárbaras, pois não somos queimados vivos em fogueiras publicas, nem linchados pelas multidões sedentas de vinganças.

Mas, daí a vir afirmar-se que não existe preconceito de cor no Brasil, é como eu negar a derrota da Alemanha...

A atitude do ilustre visitante devia ter sido de nos familiarizar com a situação do negro norte-americano e a de conhecer também a da raça aqui, isso, porém, de acordo com as nossas informações e nunca com as suas impressões de minutos, apenas.

Isso do dr. Abbot vir nos falar da situação do negro no Brasil foi o mesmo que querer ensinar padre nosso ao vigário...

Benedito Florencio

(Cartas de um negro, *Getulino*, 21/10/1923, n.13, p.3)

Estes dois textos de Florêncio nos revelam muito sobre certa relação entre “raça” e política que circulava na *imprensa negra*.

1) Há obviamente a noção de “raça” : “nossos irmãos norte-americanos”, “nosso povo lá dentro dessa babilônica República”. Entretanto, apesar de fazerem parte da mesma “raça”, Florêncio destaca a diferença entre o negro estadunidense e o negro brasileiro. Diferença política que torna, para o autor, ruim o estabelecimento em massa de negros estadunidenses no Brasil: “Mas a solução do problema norte-americano está colocada numa situação extremamente diferente do brasileiro”. Florêncio diferencia as situações ao responder a afirmação de Abbott de que no Brasil não havia preconceito de cor:

A situação do negro no Brasil comparada com a da Norte-America será o supremo ideal, isso porém para aqueles que como o dr. Abott, vêm de um país onde o preto é considerado um leproso moral, é tratado como cão mais que desprezível, faltando-lhe toda defesa desde as páginas da lei até as camadas sociais.

Aqui, felizmente, o ódio contra o negro não assume proporções tão bárbaras, pois não somos queimados vivos em fogueiras publicas, nem linchados pelas multidões sedentas de vinganças.

Mas, daí a vir afirmar-se que não existe preconceito de cor no Brasil, é como eu negar a derrota da Alemanha...

2) Em segundo lugar, e talvez mais impressionante. Florêncio argumenta contra a vinda desses negros por esta imigração ir contra o processo de desaparecimento do negro no Brasil! Provavelmente Florêncio tem como referência aquela mestiçagem em que o elemento negro é dissolvido formando uma “raça brasileira”. Neste sentido, a importância dos negros é ser um dos elementos essenciais na formação histórica de uma raça brasileira.

3) Florêncio mostra que estava envolvido com o que circulava sobre o negro pelo mundo. Como disse: “lemos muito e estudamos dia e noite os problemas da raça negra no mundo”. Esse contato com os debates internacionais sobre o negro são evidentes no *Getulino*, no *Clarim da Alvorada* e no *Progresso*. Como vemos neste capítulo 2 e veremos no capítulo 3, alguns militantes se inseriram em debates e movimentos internacionais.

Também Teófilo F. Camargo entra no debate nas páginas do *Getulino* e se posiciona contra a vinda daqueles possíveis imigrantes.

Todos nós estamos convencidos de que mais negros no Brasil seria aumentar o infortúnio da raça infeliz.

Mas, o que nos fere a alma, como ferro em brasa, é incontestavelmente a forma por que certo parlamentar justificou o seu projeto a que vai constar dos anais do congresso por toda uma eternidade!

Sim, por toda uma eternidade vai ficar patente que, o sangue negro é uma desordem na formação do caráter etnológico nacional.

E o por vir, dos altos píncaros da posteridade amaldiçoará o negro, esse negro que fez o Brasil agrícola com seus braços, que fez o Brasil intelectual com o sangue das suas esposas as quais aleitaram com tanto carinho os grandes vultos que hoje sentem prazer em se tornarem os nossos mais encarniçados inimigos.

. (T. Camargo, Ecos do Projeto F. Reis. *Getulino*, 27 de janeiro de 1924, n.27)

Interessante que T. Camargo não condena o ato de vedar a entrada de negros ao Brasil, mas sim a justificativa para tal. Não nega ser a “raça” negra uma “raça” “infeliz”, mas, ao mesmo tempo, fica incomodado com a afirmação da má influência do “sangue negro” no “caráter etnológico nacional”. Ou seja, critica-se a visão da inferioridade “racial” do negro. Como na visão de Benedito Florêncio, parece que T. Camargo, apesar da defesa do “sangue negro” e do negro brasileiro, vai contra a entrada de negros estadunidenses no Brasil por esta “aumentar o infortúnio da raça infeliz”.

Lacerda Werneck também expõe suas opiniões sobre o assunto, quatro edições mais tarde.

Fomos sempre intransigentemente contrários à entrada dos negros norte-americanos no Brasil, isso porque não era um indivíduo que buscava agasalho em nossa Pátria, mas um bando de homens que pretendiam invadir a nossa terra, trazendo além da diferença de costumes, de hábitos, de tradições e de língua, o ódio indomável à raça branca existente nos negros “yankees”.

Nós que não nutrimos os sentimentos de extermínio aos povos de outras raças; nós que acolhemos as da raça amarela, com fraternal carinho, não podemos negar aos homens pretos boa acolhida, quando não represente a sua vinda uma tentativa de “conquista”.

Mas, porque o negro norte-americano não nos convenha como elemento de colonização, não deveríamos levar a medida ao ponto radical de vedar a entrada em território brasileiro nacional do negro de qualquer procedência.

Chamar a raça negra de praga é negar a igualdade que Jesus ensinou, e faltar aos preceitos de caridade e de ruir a verdade da própria igreja católica romana, que, colocando em seus altares São Benedito, Santa Efigênia e outros santos pretos, os nivelou aos brancos santificados.

Como pode um católico chamar de praga à raça que contribuiu para a elevação da igreja católica?

[...]

Provindo de um só homem, todos os indivíduos, sejam pretos, amarelos ou brancos, conservam integralmente o espírito criado por Deus.

A teoria de que o homem surgiu, simultaneamente, na Ásia, na Europa, na América, na África e na Oceania nunca pôde vingar, o cristianismo o condena.

(Os negros norte-americanos, *Getulino*, 24 de fevereiro de 1924, n.31, p.1)

Também neste texto de Lacerda Werneck, vemos que à identidade racial com os negros nos EUA soma-se a diferenciação política, a “diferença de costumes, de hábitos, de tradições e de língua, o ódio indomável à “raça branca” existente nos negros “yankees””.

Essas posições frente ao projeto de entrada de negros estadunidenses no Brasil mostram bem o jogo de aproximação e afastamento das experiências negras nos EUA. Se há identificações, há também diferenciações que são marcadas. Isso nos mostra que aproximações internacionais mais estreitas não foram buscadas também por opção política, por se entender que o problema do negro no Brasil se colocava de modo diferente do negro nos EUA, apesar de todos pertencerem à “raça negra”.

A ideia de “raça” está presente de forma entrecruzada com uma visão “nacional”. Ou seja, somos todos negros, porém há especificidades nacionais. Há, assim, o debate em torno da “raça negra” e o debate em torno da “raça negra” no Brasil. Pontos que por vezes se tocam e por vezes se separam. Observem que temos a

identificação de um “povo negro”, de uma “raça negra”. Entretanto, este povo negro está colocado em contextos diferentes quando se comparam o negro brasileiro e o negro americano. A ideia de diáspora, de uma “raça negra” transnacional, está implícita. Apesar de que para muitos militantes negros a “solução do problema norte-americano está colocado numa situação extremamente diferente do brasileiro”.

Portanto, percebemos que há, sim, uma “solidariedade de raça” presente entre militantes dessa *imprensa negra*. Entretanto, esta solidariedade não é automática e se articula com outros elementos, como a nacionalidade, a política e, como veremos a seguir, a ideia de modernidade. Se a imigração de negros estadunidenses foi vista com maus olhos por parte da *imprensa negra paulista*, o negro dos EUA, em muitos casos, foi visto como um exemplo a ser seguido. Sobretudo no que diz respeito à formação de um “novo negro”.

Exemplo dessa percepção pode ser vista em outro texto de Benedicto Florêncio intitulado “Os pretos em São Paulo”, em que, em certa altura, o autor compara a situação do negro nos EUA e no Brasil após a abolição:

Tivessem os nossos estadistas estudado melhor o problema da nossa liberdade física, houvessem conseguido esta com métodos gradativos e noções educativas, e a sociedade brasileira não teria sido vítima dessa [um pouco menos de duas linhas ilegíveis] perturbaram o funcionamento do seu organismo social.

Nessa matéria os Estados Unidos foram sabiamente previdentes, pois quando pensou-se à moda de um sonho, na libertação dos negros, foi imediatamente decretada a rigorosa obrigatoriedade da alfabetização do preto.

Resultado: quando os negros norte-americanos foram libertos não existia um só analfabeto!

E hoje têm eles colossais instituições de ensino, importantes faculdades e notáveis universidades!

Enquanto isso vive o preto brasileiro cultuando a ignorância abarrotando os botequins, aumentando as estatísticas das prisões e edificando templos ao vício!

(Benedicto Florêncio, “Os negros em São Paulo”, *Getulino*, 28 de setembro de 1924, n.54, p.2)

Ou, ainda, num editorial no *Getulino*, onde o periódico levanta a seguinte questão: “na nossa mocidade onde está um empreiteiro de obras, um médico, um advogado, um padre carregando em suas veias o puro sangue do negro, e que sejam de campinas?”. O *Getulino* responde que serão precisos 20 anos, após a liberdade, para que o negro tenha a capacidade “de aprender, de compreender, e de exercer a sua atividade, para constituir família, lar, e pecúlio sofrível a fim de acudir à educação dos filhos”.

Foi esse o lapso de tempo preciso para idêntica evolução aos negros livres de outras nações excetuando-se os nossos irmãos norte-americanos, que tinham sido alfabetizados e educados em cursos especiais antes de receberem a carta de liberdade.
(*Getulino*, 19/08/1923, n.4, p.2)”

Encontramos frequentemente na *imprensa negra* o discurso que coloca no próprio negro a responsabilidade por sua valorização. Com o fim da escravidão e a ausência de rivalidades raciais na sociedade brasileira, estaria nas mãos dos indivíduos, grupos e famílias negras a responsabilidade pelo desenvolvimento da “raça” através da disciplina, do trabalho e da educação – esta seria a chave, segundo aqueles intelectuais negros, para o desenvolvimento do negro brasileiro. Neste sentido, as organizações do movimento negro fundadas no período, como o *Centro Cívico Palmares* (1926-1929) e a *Frente Negra Brasileira* (1931-1937), tinham, em suas estruturas, escolas, bibliotecas e faziam palestras culturais (DOMINGUES, 2008).

A preocupação deste movimento negro com a união, a educação e a “boa aparência” do negro pode ser vista em um artigo escrito por Jayme Aguiar (assinado com o pseudônimo “Moyses Cintra”), em que o autor conclama os “homens de cor” a imitarem os “patrícios” que já “merecem elogios”.

Emitemo-los

(...)

Em todos os recantos existiram e atualmente existem patrícios que merecem elogios aos quais devemos seguir e imita-los. De como imita-los?

É simples com um pequeno esforço de vontade tudo conseguiremos.

Venceremos se combatermos a humildade, fazendo-nos apresentáveis em lugares necessários com apoio da nossa boa apresentação. Para isso é preciso frequentar boas escolas, propagar a boa imprensa, instituir sociedades beneficentes, educativas, literárias, com reuniões íntimas.

Agora me dirão os leitores, de que forma, se não temos nada? É engano temos muito, depende somente de nós, da nossa União. Felizmente entre os nossos, encontramos alguns de destaque.

Já possuímos um número diminuto mas com ideias boas, alguns formados em várias disciplinas. Emitemo-los! Dentro em pouco teremos muitos que possam em nosso nome declarar altamente junto ao nosso governo o quanto vale o nosso sacrifício e depositar-lhe de coração, de quando em vez, os produtos dos nossos sacrifícios, tirados nestes tão poucos anos de independência, que apesar de ínfimos, coroados de glórias, lançados pelos que já se foram e pelos presentes que se hão de impor: baseado na diretriz do progresso intelectual e moral.

Com essa reunião havemos de ver os nossos homens bem unidos aos nossos corações de brasileiros irmãos que somos, trabalhando todos para o ideal dos ideais.

Moysés Cintra.

(*Clarim da Alvorada*, 6/01/1924, ano1, n.1)

No entanto, para além da disciplina, trabalho e educação, outros elementos compõem este quadro de valorização do negro: a música, o esporte, a poesia, a literatura, a imprensa, o teatro, etc.

Domingues traz uma interessante referência a um discurso de Arlindo Veiga dos Santos, em sessão solene da FNB, de 22 de setembro de 1935, cuja citação diz:

“vós, Negros da África Portuguesa, que comungastes conosco a hóstia da esperança, a vós, Negro do outro lado do Mar que obedecéis às leis da mesma língua e civilização nossas, a vós a saudação dos Frentenegrinos do Brasil”³¹.

Como bem observa Domingues, a manifestação de confraternidade expressa na citação não se dirige a todos os africanos, apenas aos que comungavam a “mesma língua e civilização nossas”. Segundo Domingues, o negro brasileiro não era visto pelas lideranças da FNB como herdeiro direto de uma ancestralidade que remetia à África. Suas raízes remetiam ao Brasil, à escravidão. A cultura africana era vista como exótico, pitoresco e primitivo.

Veremos no terceiro capítulo que o *Voz da Raça*, jornal oficial da FNB, apesar de remeter a origem do negro brasileiro muito mais à escravidão, não ignora por completo a África como origem e nem sempre este continente é colocado como o continente do primitivo.

Por hora, o que nos interessa na citação é a possibilidade de enxergarmos que não apenas o nacionalismo foi o eixo neste movimento negro. Também a questão da civilização/modernidade (ocidentais) foi tomada como fator importante para a valorização do negro brasileiro. Vejamos, a seguir, como determinada modernidade era tida e usada como elemento de valorização do negro e prova da capacidade deste em se desenvolver, em ser moderno, em ser civilizado.

Victor Melo contribui para o nosso debate ao relacionar a noção de modernidade/civilização ao esporte e ao lazer. Ambos, segundo Melo, são noções que aparecem com o desenvolvimento da sociedade industrial burguesa, a partir do final do século XVIII.

Da mesma forma, abordar esse tema permite-nos lançar mais um olhar para o processo de construção do ideário e imaginário da modernidade, para a própria construção da sociedade capitalista. (MELO, 2009: 11)

³¹A *Voz da Raça*. São Paulo, 23-11-1935, p.4. Apud. Domingues, Petrônio José. *A insurgência de Ébano: A História da Frente Negra Brasileira (1931-1937)*. São Paulo, 2005. Tese de Doutorado, p.244.

O “ser moderno” está ligado à prática esportiva, vista como meio para a formação de um ser humano saudável, disciplinado, com força física e de caráter.

Enfim, o esporte, nesse processo, constituiu-se em poderosa representação de valores, sensibilidades e desejos que permeiam o ideário e imaginário da modernidade: a necessidade de superação de limites, o extremo de determinadas situações (comuns em um cenário em que a tensão e a violência foram constantes), a valorização da tecnologia, a consolidação de identidades nacionais, a busca de uma emoção controlada, o exaltar de um certo conceito de beleza. (MELO, 2009: 72)

Já quando falamos do lazer, temos em mente, além da prática esportiva, o teatro, a música, o cinema etc.; ou seja, o que comumente chamamos de práticas culturais e que constituem também elementos importantes na construção da modernidade ocidental. O “homem modelo” que se constrói no Ocidente do fim do século XIX e início do XX é o praticante do esporte e frequentador de eventos de lazer.

Creio que analisar o esporte e o lazer na *imprensa negra* nos permitirá entender, ou mesmo testar, a premissa de que este movimento negro se fundava sobre a afirmação da capacidade do negro em se integrar à sociedade brasileira especificamente e à civilização ocidental de forma geral.

Clubes esportivos, Associações recreativas, culturais e de ajuda mútua foram estudadas por Andrea Marzano para o caso de Angola no fim do século XIX e primeiras décadas do XX e nos ajudam a entender melhor a relação entre práticas esportivas/culturais, modernidade e luta política. Marzano frisa que:

Assim, podemos supor que as elites crioulas, percebendo a associação entre esporte, civilização e cidadania, tenham usado campos, pistas e ginásios como espaços onde podiam demonstrar o domínio de códigos culturais europeus, requisito essencial para que fossem reconhecidos como cidadãos. (MARZANO, 2010)

Citamos outro texto, publicado no *Clarim da Alvorada* em 1924, que resume bem a ideia que cremos ser central para a argumentação aqui proposta. Nele, a instrução aparece como o grande meio para a valorização dos “homens de cor”. Porém, indo além dos muitos textos que encontramos na *imprensa negra* que enaltecem a instrução, a ida à escola, o aprendizado de uma profissão para a valorização do negro, o texto defende a importância da ida à escola de uma forma que expressa bem algumas preocupações daqueles intelectuais negros. Em determinada passagem, diz o *Clarim da Alvorada*:

Instrução

A instrução é a cultura do nosso espírito intelectual e material quando procuramos aprender uma disciplina que nos auxilie, materialmente como sejam as várias profissões.

A cultura da nossa inteligência é a instrução intelectualmente falada. O mestre e o seu apregoeiro por excelência, incumbem-se de ensinar as crianças. Mas nem sempre principalmente em nossos dias!

Também adulto vai à escola. A escola é o recinto sagrado onde vamos em comunhão buscar as ciências, artes, música, etc. É na escola que encontramos os meios precisos para nos fazer entendidos pelos novos irmãos.

Somos seus fieis discípulos e os mestres sacerdócios amáveis que nos dão a luz do saber. Para eles devemos a nossa educação em geral. Esta é a perfeição da educação. A perfeição da educação é a instrução combatida com polidez é o bem viver e a ciência unida a virtude.

Ó pais! Mande vossos filhos ao templo da instrução intelectual – “a escola” não os deixe analfabeto como dantes!

Hoje temos tudo, aproveitai as horas noturnas se os trabalhos vos impedem. Ides a escola! Aproveitai o precioso tempo para engrandecer a nossa raça e o nosso querido Brasil!

(*Clarim da Alvorada*, 03/02/1924, ano 1, n.2).

Não só a educação formal é valorizada por estes militantes. O teatro, a música, o esporte, o cinema, a poesia, a literatura também estão muito presentes na *imprensa negra*, o que demonstra a valorização da cultura na mobilização negra.

São poucos os textos que, como o que destacamos acima, falam explicitamente da importância da cultura, e do esporte mais precisamente, para a valorização do negro. Focaremos nossa análise nestes textos; entretanto, nossa interpretação surge das frequentes aparições da cultura nos periódicos. Ao esporte, por exemplo, o *Progresso*, o *Clarim da Alvorada* e o *Voz da Raça* dedicavam uma seção específica em suas edições.

Hoje à noite, em comemoração ao seu aniversário o “Campos Elyseos”, realiza os festejos seguintes: - Às 22 horas terá início o festival durante o qual serão entregues os prêmios conquistados no carnaval pelo Sr. Oscar de Andrade e senhorita Hermínia do Nascimento. Pela sua brilhante atuação nas rodas esportivas, será também, no mesmo dia, oferecido pelo “C. Elyseos” ao “S. Geraldo” uma artística taça. Depois dessas cerimônias, dar-se-á começo ao baile, ritmado pelo jazz do Sr. Benedicto dos Santos. (*Progresso*. São Paulo, 23 de junho de 1928, ano 1, n.1)

Carnaval, Futebol, *Jazz-Band*. Esta tríade exposta na programação dos festejos ao aniversário do Grupo Carnavalesco Campos Elyseos é um elemento marcante na análise do esporte e do lazer nas associações negras a partir da *imprensa negra* do final da década de 1920 e início da década de 1930. Não que os blocos de carnaval, a prática

do futebol e as jazz-bands monopolizassem as práticas culturais das associações negras, mas sem dúvida tinham destaque.

O Grupo Carnavalesco Campos Elyseos aparece na *imprensa negra* como o mais importante cordão ligado às associações negras. Apesar de não ser o único, notícias sobre as atividades do Campos Elyseos são as mais destacadas e frequentes. Da mesma forma, a Associação Atlética São Geraldo se destaca como o principal clube esportivo voltado para a prática do futebol – sempre exaltado como o “campeão da Taça do Centenário da Independência”. Para além do Grupo Carnavalesco Campos Elyseos e da Associação Atlética São Geraldo, notícias sobre grupos carnavalescos e sobre o futebol estão presentes em quase todas as edições do *Progresso* e do *Clarim da Alvorada*. Argentino Celso Wandelely e Horácio Cunha parecem ser exemplos de indivíduos que circularam por esses diferentes espaços. Proprietário do *Progresso*, Wanderley foi um dos fundadores do G. C. Campos Elyseos. Já Horácio Cunha, além de ser presença constante na *imprensa negra*, foi um dos fundadores do São Geraldo.

Avançaremos em nossas análises nos próximos tópicos, centrando nossas atenções nos *jazz-bands* e no esporte.

Jazz-bands, raça e modernidade

Um elemento que chama atenção na leitura desses jornais é a constante referência aos *jazz-bands*. É evidente que esse tipo de formação musical era muito popular no meio negro paulista: a maioria das festas e bailes noticiados tinha em sua programação a apresentação de algum *jazz-band*, como esta chamada, presente no *Progresso* de 7 de setembro de 1928:

G. R. 6 de maio

O “seis de maio” oferecerá no dia 15, aos seus sócios e admiradores, um festival.

Dado os preparativos prevemos desde já muita animação naquela festa que terá a ritmá-la um ótimo *jazz*.

Cabe aqui salientar que um *jazz-band* não se caracterizava por um ritmo específico (tendemos a achar que tais bandas tocavam *jazz* em seu sentido atual), mas sim por sua formação instrumental – a presença, não necessariamente numa mesma

banda, do sax, do banjo, da bateria, do clarinete, do trompete, do contrabaixo, etc. –, pela atitude espontânea e repertórios que apresentavam ritmos dançantes, animados: o maxixe, o tango, o samba, marchinhas, gêneros muito populares nas grandes cidades brasileiras à época, inclusive nas associações negras.

Ao vermos danças embaladas por *jazz-bands* da primeira metade do século XX³², lembramos da afirmação de Marshall Berman de que “ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas ao redor” (BERMAN, 1987: 15). Esta poderia ser a definição de um baile embalado por um *jazz-band*.

Antônio Ferro comentou, em 1922, numa série de conferências pronunciadas em São Paulo e Santos, que se estava vivendo a “Idade do *Jazz Band*” e afirmou que a “Dança triunfa como nunca trinfou, porque a dança desarticula os corpos, emboneca-os, liberta-os do peso da alma, desmascara-os (...)” (FERRO, 1923: 42) Ferro, modernista português, é um entusiasta daquela Era do *jazz-band* em que se encontrava o ocidente na década de 1920 e daquele desmascaramento, daquela libertação processados pela dança vinculada aos *jazz-bands*. Mas que libertação/desmascaramento? Talvez Ferro se refirisse à ruptura com as tradições europeias de música e dança, em que os movimentos controlados, o corpo domado e bem comportado contrastam com o aparente descontrole e liberdade de movimentos que vemos em uma Josephine Baker, por exemplo. A tradição estava sendo posta em xeque.

Eric Hobsbawm fala do jazz como “a linguagem básica da dança moderna e música popular da civilização urbano industrial, na maioria dos espaços onde penetrou” (HOBSBWM, 2009: 34). E, sem dúvida, o jazz, ou melhor, os *jazz-bands*, penetraram nas associações negras paulistas.

Em edição de abril de 1927 do *Clarim da Alvorada*, Horácio Cunha fala aos “pretos brasileiros” para refutar uma afirmação feita por um maestro de que “o *jazz-band* é música de negro”. Destacamos essa passagem por nos dar um bom panorama da circulação e constituição instrumental do *jazz-band* no período e relacionar a música à valorização do negro.

Chegando em Paris, uma caravana de músicos americanos, com um Jazz-Band, cujos instrumentos excêntricos, compondose de Bozina de automóvel, campanha, lata de

³² Ver, por exemplo, no *youtube*, as danças de Josephine Baker ou o *charleston*.

querosene e chacoalho etc. Paris a cidade das luzes das belezas, das músicas e dos luxos.

Pois bem; Paris, aplaudiu com entusiasmo o Jazz-Band; dali esses instrumentos excêntricos invadiram toda América do Sul.

Aqui, em nossa paulicéia, essa música teve a maior aceitação, nos salões, em casas das mais distintas famílias da capital e do interior, é Jazz-Band ao almoço, ao jantar, ao chá e à ceia.

Portanto, essa música não é só para o negro como dissera esse ilustre maestro. É somente famílias de bom gosto que estão sentados em Cruzeiros.

Nós, os pretos brasileiros, sempre fomos apreciadores da música clássica; e com orgulho da nossa raça negra, podemos apresentar diversos músicos pretos que muito honraram e honram ainda a nossa raça.

(“Os pretos e a música”. *Clarim da Alvorada*, 17 de abril de 1927, ano 4, n.31)

É interessante notar que Cunha busca valorizar os *jazz-bands* e os pretos, mas negando o jazz-band como “música de preto”. A valorização se dá através da afirmação da universalidade daquele estilo musical e da afirmação de que os pretos sempre foram apreciadores de música clássica. Comentando este mesmo texto de Cunha, o historiador Antônio Pires explicou o desconforto por parte de Cunha com a utilização da categoria “música de negro” pela negação, muito presente na *imprensa negra*, das práticas sociais de base cultural africana (PIRES, 2006: 62).

Cabe salientar que não encontramos, até o momento, nenhum artigo ou notícia nesta *imprensa negra* que tente interpretar o *jazz-band* como “cultura negra” ou utilizá-lo como meio de valorização do negro. Esta constatação se torna interessante quando sabemos que o jazz-band estava se espalhando pelas grandes cidades brasileiras e suas origens remetem, publica e notoriamente, ao meio negro estadunidense. Mesmo no *Clarim da Alvorada*, cujos editores mantinham contatos com a situação dos negros estadunidenses, não encontramos este tipo de politização/racialização do *jazz-band*.

Mário de Andrade nos mostra que a relação entre *jazz-band* e o negro não era desconhecida. Ao mesmo tempo em que fala de uma “arte brasileira”, Mário de Andrade (1928) acusa que “os processos do jazz estão se infiltrando no maxixe”, e declara que “os processos polifônicos e rítmicos do jazz que estão nele não prejudicam em nada o caráter da peça. É um maxixe legítimo” (ANDRADE, 1928: 9). Isto muito porque “de certo seus passados se coincidem...”, ambos, o jazz e o maxixe, possuem uma forte raiz “africana”, e é provavelmente por esta proximidade que a originalidade e a nacionalidade do ritmo do maxixe permaneceram intactas. Portanto, para Mario de Andrade, a penetração e apropriação do *jazz-band* na cultura musical brasileira representa uma continuidade musical, tratando-se do maxixe e levando em consideração

as semelhanças, em suas palavras, raciais e miscigenadas que ambas manifestações musicais comportam em suas raízes.

Portanto, nos perguntamos: por que o silenciamento das origens negras do jazz? O artigo de Horácio Cunha nos dá algumas dicas sobre o motivo para tal afastamento. Assim como Pires já afirmou a negação das práticas sociais de base africana, podemos ir no mesmo sentido e afirmar que não fazia parte da linha política deste movimento negro a afirmação de uma “cultura negra”. Este movimento negro, ao qual a *imprensa negra* está vinculada, como bem aponta Guimarães, identificava-se muito mais como mestiço ou brasileiro, não desenvolvendo um nacionalismo negro, muito comum no Caribe, nos EUA e na Europa (GUIMARÃES, 2002).

Outro texto que relaciona música e política pode ser encontrado na edição anterior do *Clarim*. O artigo denominado “Cultura musical e identidade racial” exalta o livro “Edição Pedagógica de Músicas Modernas”, do professor Carlos de Campos.

Cultura musical e identidade racial

Sob o título de Edição Pedagógica de Músicas Modernas, o competente quanto modesto professor Bentinho de Oliveira Cintra, vai levando a cabo um trabalho que grandes serviços irá prestar, por certo, a nossa cultura musical.

O Exmo. Sr. Dr. Carlos de Campo D. D. presidente do Estado, que é antes de tudo o fino e culto artista de todos conhecidos, em carta enviada ao nosso professor, reconheceu na edição o seu valor pedagógico, para o ensino musical entre nós.

O trabalho do autor resguarda exatamente aos conceitos de útil, bom e belo.

Na confecção do seu trabalho obedece a um principio pedagógico, que é o de iniciar o estudante no aprendizado musical, sem os exclusivos rigores de estudos e exercícios que fatigam e aborrecem, mas, levando em conta os segredos da técnica musical, deleita-lo e dar-lhe ao mesmo tempo o sentido, o sentimento de arte, que não se circunscreve no puro jogo de maquinismos abstrusos.

Daí, como a E. P. M. M. funda-se, orienta-se por um programa de cultura musical brasileira, o cuidado do autor, nesses estudos divertimentos em por em destaque vigoroso, o caráter dos ritmos nacionais, começando logo por dar ao estudante a compreensão perfeita da diferença fundamental entre cadência das músicas bem nossas como o maxixe, o samba e o cateretê.

Percebeu o A. quanto de perniciosa confusão vai por aí a composição das nossas musicas nacionais, ouvindo-se maxixes com acompanhamento de samba e cateretê com cadência de samba maxixado.

Ora, mentir ao estudante brasileiro de música desde o início dos seus estudos, o caráter distintivo dos nossos ritmos se nos afigura trabalho louvabilíssimo na ordem artística, este esforço idealístico avulta em suas consequências político-sociais.

É o mesmo autor quem, no prospecto demonstrativo do seu curso pedagógico-musical, ensina que, se no ensino da leitura nas escolas públicas, esse ensino tem como fundamento a nossa história, as nossas lendas, o descritivo das nossas paisagens com a sua cor própria, natural, não é despropositado que no programa de ensino musical dessas escolas, como no ensino da música ao grau dos indivíduos, se ensinem os ritmos e as cadencias que caracterizam a música brasileira.

E o nosso autor tem nisso carradas de razão.

Não há muito, o eminentíssimo Pontes de Miranda, uma culminância do pensamento nacional, sob sua direção, inaugurou uma Biblioteca Científica Brasileira, orientando o estudo da ciência debaixo do ponto de vista dos nossos casos, dos fatos e da realidade que nos movemos.

Lindo designo esse!

E o Brasil novo, que do amorfismo perturbador e dissolvente em que teve vivido, procura a forma pura que o defina e o determine para os esforços criadores do seu destino original.

O nosso A. também, no sentido da arte, quer caracterizar o que é profundamente nosso, e nesse idealismo sadio, vai muito da eternização da alma da sua raça, da nossa raça.

(“Cultura Musical e identidade racial”. *Clarim da Alvorada*, 15 de janeiro de 1927, ano 4, n.28)

No texto, conectam-se música e nacionalismo brasileiro. Temos ali uma pequena demonstração do nacionalismo e sua relação com a construção de significados do termo “raça” na *imprensa negra*, além da exaltação a ritmos comuns no meio negro, considerados “tipicamente brasileiros”. Segundo o *Clarim*, o livro pedagógico era essencial “por dar ao estudante a compreensão perfeita da diferença fundamental entre cadência das músicas bem nossas como o maxixe, o samba e o cateretê” e por procurar a “forma pura” que define o Brasil, “caracterizar o que é profundamente nosso”, o que “vai muito da eternização da alma da sua raça, da nossa raça”.

Note-se que “raça” é entendida aqui como “raça brasileira”, ou seja, nacionalidade. A fusão entre “raça”, cultura (música, no caso) e nacionalidade é, sem dúvida, expressão de certo nacionalismo difundido pelo Ocidente à época. Como já foi dito, no meio negro paulista tal perspectiva foi presente, sobretudo, na Frente Negra Brasileira³³, porém, como vemos, a noção de “raça” cruzada com a de nacionalidade foi bastante comum, apesar de não ser a única existente.

Esporte e cultura

Voltando ao esporte, para além do futebol, que era o esporte preferencial, encontramos também referências ao boxe, golfe, salto, lançamento de dardo, salto com vara e à natação. A maioria dos textos são notícias do sucesso ou do aparecimento de

³³ Sobre a noção de “raça negra” e de “raça brasileira” que circulava na FNB, cito aqui uma passagem de um texto escrito em comemoração ao 13 de maio, publicado na primeira edição do *Voz da Raça* (13 de maio de 1933), em que se lê: “A raça negra, transplantada das mais diversas regiões africanas, trouxe para a nova raça que no Brasil se processava e continua a processar-se...”

algum atleta negro ou clube do meio negro. Alguns poucos textos expressam o cruzamento entre esporte e questão racial e nos mostram o potencial do esporte como arena de disputas políticas. No *Progresso* de 7 de setembro de 1928, vinculou-se uma notícia intitulada *A raça branca posta em xeque pela raça negra* com o seguinte conteúdo:

Há cerca de um mês o Golf Club de Chicago lançou um desafio aos principais clubs de golf da América, para ganhar uma soberba taça de ouro oferecida por um grande fabricante de conservas.

Concorreram várias associações de Golf. Entre elas encontrava-se a Black Star Golf, club constituído por negros.

Discutiu-se muito sobre se os brancos se deviam rebaixar a jogar com os negros e no fim decidiu-se que se poderia jogar.

O que se deu foi que o club dos negros triunfou entre todas as equipas e ganhou, portanto, a taça.

Por este motivo a imprensa americana propõe que, visto não se poder lavar a nódoa humilhante lançada sobre a raça branca, ao menos se negue aos negros vencedores a taça prometida e que esta seja vendida para que o seu produto vá engrossar os fundos da Ku-Klux-Klan.

(*Progresso*. 7/09/1928, ano 1, n.4)

Vemos algumas questões interessantes. Em primeiro lugar, a circulação de informações dos EUA no Brasil, em especial na *imprensa negra*, que é o que nos interessa aqui. Não me parece à toa que a notícia seja proveniente da cidade de Chicago. Amílcar Pereira e Flávio Francisco já analisaram, em seus respectivos estudos, a circulação do periódico negro norte-americano *Chicago Defender* no meio negro brasileiro do período (PEREIRA, 2010; FRANCISCO, 2010). É provável, inclusive, que tal notícia tenha sido retirada do *Defender*. Notícias sobre a participação do negro no Box norte-americano são constantes no *Progresso*. Em segundo lugar, a notícia coloca claramente o esporte como um espaço de afirmação do negro. Os brancos que se recusavam a se “rebaixar a jogar com os negros” acabaram por ser “humilhados” pela vitória das equipas negras.

Aliás, a presença de notícias sobre a situação do negro norte-americano era comum no *Clarim da Alvorada* e no *Progresso*. Ao mesmo tempo em que se diferenciava a situação do negro brasileiro e a do norte-americano, tinha-se o negro norte-americano como exemplo. Assim, outro artigo publicado quase três anos mais tarde, intitulado *Supremacia dos pretos no Box*, nos mostra a circulação de informações vindas dos Estados Unidos e aponta o esporte como lugar de afirmação do negro num contexto de discriminação. Destaco aqui a passagem:

Quanto à aversão do espectador americano de origem européia para com os pugilistas negros, não é tão grande como faz imaginar a encarniçada luta que, no Norte, sustentam os brancos, os negros, em diversos terrenos. Assim, não é raro que se aplauda calorosamente o triunfo de um preto, desde que este conquiste legalmente. A multidão cede, até um sentimento esportivo que a enaltece.

(*Progresso*, 31/01/1931, ano 3, n.32)

É possível que além da integração à sociedade brasileira e à modernidade ocidental, parte dos intelectuais negros que produziam a *imprensa negra paulista* estivessem conectados a certo *Atlântico negro*, em especial aos EUA. O triunfo de um negro no boxe ou no golfe norte-americano, como já citamos, era tido como exemplo da capacidade dos negros em geral e era usado como motivador para os negros brasileiros. Temos aqui, portanto, outra noção de “raça”, descolada da noção de nacionalidade. Assim como temos na seguinte notícia vinda dos EUA:

Pretos contra brancos

No dia 28 de julho, o “Madison Square”, foi teatro de uma interessante noitada pugilística, inédita no nosso meio. Seis pugilistas cariocas, todos pretos, enfrentaram seis pugilistas brancos!

Podíamos dizer luta de raças, se o padrão nacional não irmanasse todas as cores e todos os credos. Em todo o caso, a torcida esteve nitidamente separada, uns, torcendo para os ebânicos atletas, outros, para os homens de... marfim...

A luta final entre Ítalo Hugo e Waldemar Januário foi dura. Dura, por que Januário é o pugilista que nasceu um adversário devido a guarda canhota e a defeito na vista que dá a impressão que esteja olhando para lugar diverso, quando, em verdade, está calculando a distancia do seu soco e o queixo do adversário.

Forte, como o são todos da raça negra, possuidor de uma esquerda respeitável e que muitos adversários já o conhecem. Januário, dificilmente foi batido por pontos.

(*Progresso*, 31 de agosto de 1929, ano 2, n.15, p.5)

Interessante que esta noticia se refere a seis pugilistas negros cariocas lutando contra brancos. Não se expõe se os brancos eram brasileiros ou estadunidenses. Provavelmente eram brasileiros, já que a luta comentada – Ítalo Hugo x Waldemar Januário – envolveu dois brasileiros e apenas um é colocado como negro. Temos aí a junção de esporte, nacionalidade e “raça”: pugilistas, negros x pugilistas brancos. Quando parece que a notícia vai adentrar por esta visão dicotômica (branco x negro), certa visão sobre a nacionalidade brasileira quebra esta possibilidade: “podíamos dizer luta entre raças, se o padrão nacional não irmanasse todas as cores e todos os credos”. Neste momento, expõe-se a visão do Brasil como a terra onde brancos e negros vivem

pacificamente. Interessante também que o defeito na vista de Januário é colocado como uma virtude e, no final das contas, a “raça negra” acaba sendo valorizada pois Januário é tido como “forte, como o são todos da raça negra”. Na verdade, esta notícia expõe certa tensão entre a noção de “raça” e de nacionalidade: coloca-se uma dicotomia entre negros e brancos, abrandando-se esta dicotomia com a noção do Brasil como um lugar onde brancos e negros se irmanam e, no final das contas, volta-se a noção de “raça” ao valorizar-se as características que seriam típicas da “raça negra”, qual seja: a força.

Vindo agora para a realidade local, destacamos um texto intitulado *Tudo Preto*, escrito por alguém com pseudônimo *Africano*, no qual são exaltadas as características do negro e das equipes negras na prática do futebol. Vejamos a parte inicial e a parte final, que são mais interessantes para este estudo:

Na várzea, quando surge em campo qualquer jogador preto, a torcida brada logo:

- Aí, bichão!

O ser preto é índice seguro de “altas qualidades” no manejo da bola de couro. Nos arrebaldes, pelo menos, o futebolista negro é olhado sempre com respeito e simpatia.

(...)

O característico das agremiações negras é a disciplina. Haja vista aos conjuntos que jogam ai fora. Entusiasmo transbordante sob uma alma ternamente compassiva, incapaz de quebrar pernas ou de “dar trabalho à polícia”.

(*Progresso*. São Paulo, fevereiro de 1931, ano 3, n.33).

Além da exaltação do negro como portador de “altas qualidades” no manejo da bola de couro”, que lhe garante “respeito e simpatia”, chama atenção o destaque dado pelo *Africano* à disciplina e à incapacidade das equipes negras de “dar trabalho à polícia”. Este parece ser um exemplo de uso retórico do futebol na negação de certos estereótipos difundidos sobre o negro à época³⁴ e na afirmação da qualidade que, para aquele movimento negro, era essencial para a valorização da “raça” – a disciplina. Neste caso, portanto, vemos mais uma vez o esporte sendo usado como arena de afirmação e luta política.

Impossível, também, deixar de comentar o codinome *Africano* assinado pelo autor do artigo. Mais uma prova da existência não só da identidade negra transnacional como, especificamente, da identidade com o continente africano presente em determinados elementos deste movimento negro.

³⁴ Sobre a *ideologia da vadiagem* que recaía sobre os negros nas primeiras décadas do século XX ver ANDREWS, 1998.

Outro espaço de atuação, ligado à cultura, presente no meio negro paulista da época, foi o teatro. São muitas as tentativas e experiências de formações de grupos teatrais no meio negro. O Grupo Dramático Kosmos, fundado em 1907, como o próprio nome diz, foi uma associação negra voltada principalmente, mas não só, para a arte dramática. Em março de 1929, o *Progresso* noticiou articulações entre o empresário Victor Carmo Romano e Oduvaldo Vianna para a fundação do Teatro do Negro Paulista (“Teatro Negro”. *Progresso*, São Paulo, 24 de março de 1929, ano 1, n.10). A Frente Negra Brasileira tinha em sua estrutura um Departamento Dramático. Domingues diz que uma das peças encenadas pelo grupo que fez mais sucesso foi “Marieta A Heroína”, escrita por Isaltino Veiga dos Santos, cujo roteiro mostrava o valor da mulher negra no Brasil. (DOMINGUES, 2005, p.120)

Para além de textos e notícias que abordavam o teatro, era comum eventos das associações contarem, em seus programas, com peças teatrais – como a festa organizada no dia 24 de novembro de 1928 pelo Grupo Carnavalesco Campos Elyseos (“A festa oficial do G. Carnavalesco ‘Campos Elyseos’”. *Progresso*, São Paulo, 15 de novembro de 1928, ano 1, n.6.) ou os festejos em comemoração ao 13 de maio organizado pela Frente Negra Brasileira no ano de 1933. (“13 de maio”. *A Voz da Raça*, São Paulo, 1 de abril de 1933, ano 1, n.3.)

A temporada na Europa da Companhia Mulata Brasileira³⁵ foi notícia no *Progresso* de 30 de agosto de 1931. Enaltecendo o sucesso da companhia, em certo momento o periódico afirma:

Mirem-se nesse alto exemplo de disciplina e de força de vontade para vencer não só os que amesquinham o preto como os mesmo indivíduos da raça negra brasileira desonrados por tantas misérias morais que o abatem.

Disciplinem-se, eduquem a inteligência e a vontade que só elas bastam como alavancas insuperáveis para o triunfo certo. (O poder da vontade da gente simples e humilde. *Progresso*, S. Paulo, 30 de agosto de 1931, ano 4, n.39).

Este trecho selecionado expõe mais uma vez a importância dada à disciplina individual como meio principal de luta contra o racismo e como valorização do negro. Além disso, o que vemos é o teatro sendo valorizado como um espaço importante no meio negro. Como frisa Pires, a *imprensa negra* noticiava a participação de negros em

³⁵ A Companhia Mulata Brasileira foi um grupo teatral fundado em 1930, em São Paulo. Após realizar uma temporada no Rio de Janeiro, foi para a Europa. (Ver: LOPES, 2004: 200)

peças teatrais e, constantemente, discutia os estereótipos dos personagens negros. (PIRES, 2006: 71)

Podemos perceber quê ideia de modernidade circulava neste meio negro, tanto a partir de práticas culturais presentes nas associações, quanto em textos da *imprensa negra* que relacionam o esporte e a cultura à questão racial.

O carnaval, os *jazz-bands*, o maxixe, o samba, o tango, o futebol, o atletismo, o boxe, o teatro, comentados aqui – mas também outros elementos que deixamos de fora, como a poesia e a literatura –, aparecem como marcos da modernidade nas associações negras paulistas na passagem da década de 1920 para a de 1930. Característicos não apenas do meio negro, estes elementos culturais muitas vezes assumiam conotação política para militantes da *imprensa negra* que os viam como forma de valorização do negro e afirmação de sua capacidade em se inserir como cidadão na sociedade brasileira e agente ativo no processo civilizatório ocidental.

Observamos, neste capítulo 3, que não apenas o nacionalismo e o ideal de integração à sociedade brasileira foram marcos na busca pela valorização do negro na *imprensa negra paulista*. Para além do nacionalismo, a ideia de modernidade, de valorização do “negro moderno”, de sucesso – no esporte, na música, na arte, na ciência –, também foram muito presentes. Neste sentido, a noção de *raça negra* levava alguns militantes a voltarem seus olhares para além das fronteiras nacionais, debatendo e usando como exemplos experiências provenientes em certo Atlântico Negro. Percebemos que havia um jogo de aproximações e afastamentos de experiências internacionais marcadas por noções de “raça negra”, política, nacionalidade e modernidade. Esta discussão será importante para, no capítulo 3, entendermos o jogo de aproximações e afastamentos dessa imprensa negra do continente africano. Veremos que, assim como experiências provenientes dos EUA eram debatidas, notícias e referências à África se faziam presentes.

A África

na *imprensa negra paulista*

(1923-1937)

Capítulo 3

Vimos que circulava na *imprensa negra paulista*, da década de 1920 e 1930, visões acerca dos negros para além do território nacional. Neste sentido, havia algo como uma “solidariedade racial” com negros de fora do Brasil, especialmente dos EUA. Mas o negro brasileiro não era entendido simplesmente dentro de uma noção transnacional de “raça negra”. Outros elementos se faziam presentes, como as condições

específicas do negro no Brasil, que o diferenciava do negro dos estadunidense. Vimos que a valorização do negro ocorria entre a afirmação de sua contribuição à formação nacional brasileira e sua capacidade em se inserir no processo civilizatório ocidental. Neste contexto, no *Progresso*, no *Getulino* e no *Clarim da Alvorada* o diálogo com certo *Atlântico negro* ao mesmo tempo em que informava sobre as relações raciais nos EUA, fornecia modelos a serem apropriados para a formação de um “novo negro” ou o “negro moderno”.

Neste capítulo, queremos perceber como a África entra neste jogo de aproximações e afastamentos que movimenta as construções político-identitárias nesta *imprensa negra paulista*. Aproximações e diferenciações que se estabelecem a partir do entendimento das especificidades do negro brasileiro, da noção de nacionalidade, de “raça negra” e de modernidade.

Para tanto, analisaremos as referências à África nos periódicos *Getulino*, *Progresso*, *Clarim da Alvorada* e *Voz da Raça*. Especificamente no *Progresso* nos detivemos somente às notícias diretas sobre a África, pois este jornal tem a especificidade (única na *imprensa negra paulista*) de trazer regular e constantemente notícias sobre o continente africano. Nos outros três periódicos, como as notícias da África são raras, buscamos toda e qualquer referência explícita ao continente africano.

Encontramos notícias ou artigos que tratavam diretamente do continente africano e encontramos também textos que não tinham a África como objeto central, mas faziam referência àquele continente. Interessou-nos qualquer texto que fizesse referência à África. Portanto, podemos dividir os textos em dois grupos: 1) os que tratam diretamente da África: como a reportagem do *Progresso*, de 28/04/1929, sobre o reinado do sucessor de Menelick, o Ras Tafari, intitulada “O trono do famoso Menelick” e; 2) Os que não tratam diretamente da África mas fazem referência. Como o poema de Mário de Alencar que trata do escravo numa Fazenda no Brasil, publicado no *Clarim da Alvorada* em fevereiro de 1928.

Constatamos que a África não era ignorada como origem do negro brasileiro. É evidente e significativa a quantidade de referências à África quando se quer remeter à origem do negro brasileiro e da “raça negra” em geral. Entretanto, essas referências não são aprofundadas, não é acompanhada por maiores informações sobre essa tal “África”. Também nos parece evidente que algumas pessoas do conjunto da *imprensa negra paulista* tinham certo interesse pelo continente africano. Veremos que elementos desta

imprensa não se mantinham totalmente alheios ao que se passava na África e, de forma mais ampla, a África tem número significativo de citações. Quanto às notícias do continente africano, as referências à Etiópia/Abissínia saltam aos olhos.

Segundo Miriam Ferrara (1986), a África é vista na *imprensa negra* como um continente exótico, mencionam-se principalmente aspectos das culturas africanas e, só a partir dos anos 60, começam a surgir registros dos movimentos de independência africanos. A autora não aprofunda sua análise sobre a presença da África na *imprensa negra*, mas chega a dizer que “a pouca referência de África na *imprensa negra* explica-se, até certo ponto, pela falta de conhecimento sobre esse continente, o que era comum no Brasil da época” (FERRARA, 1987: 182).

Apesar de concordar com Ferrara, quanto ao afastamento em termos de fluxo econômico, cultural, de informações, de pessoas, não cremos ser a falta de informação um vetor central no relativo afastamento em relação à África, que se verifica no movimento negro paulista através da *imprensa negra*. Pelo contrário, as conexões e os fluxos de informação existiam e podem ser comprovados pela grande quantidade de textos sobre a África no *Progresso* e pelo contato com o movimento negro estadunidense, sobretudo através do *Clarim da Alvorada* com o *Negro World* e o *Chicago Defender*. Havia canais de comunicação entre os militantes negros de São Paulo e o movimento negro internacional, sobretudo dos EUA, por onde chegavam notícias sobre os negros nos EUA, sobre o pan-africanismo e sobre o continente africano. Além disso, as grandes agências de notícias e jornais brasileiros também traziam notícias sobre o negro nos EUA e sobre o continente africano. Portanto, se há certo afastamento da África, este afastamento ocorreu por causa visões daqueles intelectuais sobre a situação do negro na sociedade brasileira e das maneiras de solucionar tal problema. Ou seja, foram opções políticas, e não falta de informação ou de contato com o exterior, que proporcionaram o relativo afastamento da África por parte desses militantes.

Estudando a *Frente Negra Brasileira*, Laiana de Oliveira afirma que “a África não era preterida apenas por conta do nacionalismo, mas também pelo reconhecimento de ser o local de uma cultura atrasada, de um povo majoritariamente marcado por uma prática sócio-cultural primitiva” (OLIVEIRA, 2008: 59):

Essa valorização do negro colocada em prática pela entidade também fazia parte desse contexto de luta contra as teorias denominadas “racismo científico”. Se, para os racistas,

o negro foi o principal elemento responsável pelo atraso e degenerescência do povo e do Brasil, para a FNB foi exatamente o oposto. Mais que o luso e o índio, o negro foi o responsável pelo crescimento e enriquecimento do Brasil.

Exatamente por esse motivo, não havia uma postura de solidariedade racial aos moldes do pan-africanismo ou dos povos africanos da diáspora. Ao contrário. A única referência que a FNB faz é à África portuguesa, a um povo que identifica como parte de uma mesma linhagem e/ou formação histórica de origem lusa (OLIVEIRA, 2008: 70).

Apesar desse nacionalismo extremado e anti-internacionalista ser mais característico da FNB e Arlindo Veiga dos Santos e não se aplicar a outros elementos desse movimento negro, como José Correia Leite, Jayme de Aguiar, Lino Guedes e Benedicto Florêncio, é fato que o nacionalismo foi um guia para as reivindicações desse movimento social. A lógica era: o negro tem direitos porque é brasileiro, porque contribuiu muito para a construção da sociedade e da nacionalidade brasileiras. Neste sentido, a memória cultivada não é a do continente africano e sim a da escravidão no Brasil, dos negros que conseguiram destaque na sociedade brasileiro, como Henrique Dias ou Manoel Quirino, e de abolicionistas, como André Rebouças. Para estes militantes, a escravidão trouxe para o negro brasileiro os vícios, o alcoolismo, o analfabetismo, a degeneração social – as marcas da escravidão contra qual esse movimento negro lutava.

A citação de Oliveira, exposta acima, vai na trilha de Roger Bastide, que comentou sobre a valorização do negro na *imprensa negra paulista* jamais chegar à África: o glorificado jamais é o africano, mas o afro-brasileiro, ou o negro ocidentalizado (BASTIDE, 1973: 129-156).

Indo de encontro à tese de Ferrara, sobre o desconhecimento como fator explicativo do afastamento daqueles intelectuais da África e realçando o fator político-ideológico – nacionalista, no caso – como explicação, Antônio Sérgio Guimarães diz:

Com se vê, no Brasil, os negros se identificam como *brasileiros* e como *mestiços*, não como africanos, porque querem se diferenciar dos estrangeiros, dos imigrantes recentes. Em grande parte esta atitude reflete o relativo isolamento internacional dos negros brasileiros. Mas tal isolamento teve motivações mais ideológicas que materiais, provocado menos por desconhecimento e mais por falta de interesses comuns. Os jornais negros brasileiros raramente reverberavam a ideologia e a arte negras dos Estados Unidos (o *New Negro Movement*). A descoberta da arte africana e primitiva, na Europa e nos Estados Unidos é noticiada superficialmente, apenas para mostrar aos leitores que o negro é valorizado e reconhecido, ou como argumento para negar a inferioridade do negro. Os poetas do *New Negro* passarão a ser conhecidos aqui apenas depois da guerra, junto com os poetas da *négritude*. (GUIMARÃES, 2002)

Nos anos 1920 e 1930, entre os negros brasileiros, o conhecimento do mundo americano é ainda superficial, trazido pela imprensa negra mais comercial. Du Bois e Garvey são citados apenas como responsáveis por visões diferentes de pan-africanismo, visto como ideologia exótica, aceitável apenas para os negros americanos que, na visão deles, não podiam contar realmente com uma pátria americana. Mais importantes e valorizados pelos negros brasileiros serão os reis da Etiópia, Menelick II, que venceu os italianos, e o Rás Tafari, o futuro rei Salassié, que colocou seu país na Liga das Nações. Estes foram verdadeiros heróis. (GUIMARÃES, 2002)

Certamente que em toda a *imprensa negra* da época o pensamento hegemônico era o da valorização do negro, sobretudo dentro dos marcos nacionais através do elogio da mestiçagem, da memória da escravidão e da importância do papel do negro no desenvolvimento do Brasil. Entretanto, é inegável que certa parcela da *imprensa negra* afirmava determinada identidade africana ao fazer referências à África em alguns de seus textos e a noticiar acontecimentos sobre aquele continente. Como diz Guimarães, esse relativo isolamento teve muito mais motivações ideológicas que materiais. Entretanto, lembremos sempre que este isolamento era relativo e não absoluto.

Flávio Thales Francisco desenvolveu sua dissertação de mestrado em torno da análise das imagens dos EUA e da África no *Clarim da Alvorada*. Para Francisco, inicialmente os artigos que apareciam no *Clarim da Alvorada* tratavam da origem dos negros brasileiros ou do debate sobre “raças”. Esta África originária dos negros brasileiros é uma África distante, cujos antepassados vieram escravizados, além disso, a África também é citada num contexto de valorização da “raça negra” (FRANCISCO, 2010: 136). Entre 1928 e 1930, no *Clarim da Alvorada*, “as matérias e notícias sobre a África selvagem foram sendo suplantadas por aquelas que imprimiam um contorno identitário transnacional, as quais indicavam laços de solidariedade para os negros do Atlântico” (FRANCISCO, 2010: 140). A África que interessava era aquela que estava próxima das referências ocidentais, que pudesse ser caracterizada como “avançada e civilizada” (FRANCISCO, 2010: 145-146). Vimos que, de uma forma ou de outra, o mesmo vale para os textos vinculados no *Getulino*, no *Progresso* e no *Voz da Raça*.

Respondendo às notícias sobre o pan-africanismo, que constantemente apareciam no *Getulino* – e que, é de se supor, geravam debates para além das páginas do jornal -, um provável leitor do jornal, de nome Cláudio Guerra, enviou carta a Benedito Florêncio, publicada na edição do *Getulino* de 20 de dezembro de 1924. Nela, Guerra nega veementemente a possibilidade do negro brasileiro aderir ao movimento de retorno

à África. Segundo Guerra, a casa do negro brasileiro é o Brasil e o negro brasileiro nada tinha a fazer na África:

“A África é para quem a quiser, menos para nós, isto é, para os negros do Brasil que no Brasil nasceram criaram e multiplicaram. Nem por brincadeira, se pense que o negro brasileiro faça alguma que preste em África. No mínimo revertia, em pouco tempo, às tristes condições de selvagens” (*Getulino*, 20/11/1924)

Esta carta expõe pontos interessantes: a diferenciação da situação do negro brasileiro e o negro estadunidense – enquanto o negro nos EUA é malquisto, no Brasil seria incorporado normalmente a sociedade; a visão do negro brasileiro como acima de tudo brasileiro; e a visão da África como uma terra de gente selvagem. Esses pontos somados formam a argumentação do autor e sustentam sua posição de que o negro brasileiro nada tem a fazer na África. O negro brasileiro é brasileiro, e ponto final.

O tom efervescente de Guerra pode ser indício de que o tema gerou certa polêmica no movimento negro paulista à época e é um bom exemplo da posição nacionalista e “civilizatória” que barrou aproximações com a África. Vejamos a carta na íntegra:

Ao muito prezado amigo snr. Benedito Florêncio

Venho de sentir cocegos irremediáveis na vontade de meter a língua na tal ideia importada entre nós com o rótulo de Congresso Negro de invenção norte-americana. Tenho receio, no entanto, que o meu prezado amigo não esteja de acordo comigo, mas... tenha paciência senhor Florêncio. Deixa-me falar senão eu me arremento.

Que os negros norte americanos digam lá em brados altisonantes que a África é para os africanos ainda vá. Que os negros norte-americanos queiram imigrar para a região que serviu de berço aos seus avós, também tolera-se. É uma questão aliás justa, lá para eles, porquanto, como se sabe, são repudiados da sociedade por um terrível e recíproco ódio de raça.

Ora, podendo-se lavar os pés na bacia que é lugar próprio, é asneira descer-se às ribeiras.

Segundo a doutrina de um “cara” qualquer “yankee” a América é para os americanos. Nessa conta não entrou o negro, o chim, o nipon, etc. ainda que nascidos ali. Deste, porém, o negro é o que mais é tido como indesejável. É naturalíssimo. Portanto, que essa gente assim oficialmente repudiada trate de dar o fora da terra onde tiveram a felicidade de nascer. Que vá para a África, expulse, se puder, os donos daquela “pinóia”, banque o domador de feras, aprenda o idioma indígena, ou faça prevalecer o seu, vista uma tanga ou faça com que o preto indígena vista casaca e as pretinhas também indígenas usem pó de arroz e carmim ou que as que vão metam-se em tangas... enfim, que façam o que puderem ou o que quiserem. Tudo isso está muito bom, mas, que preto brasileiro pense em aderir à essa ideia, eu reputo o máximo de absurdo no mínimo de tolerância possível.

A África é para os africanos, meu nego. Foi para o teu bisavo cujos ossos, a esta hora, a terra reverteram e em pó se tornaram. A África é para quem não teve trabalho de cultivar e dar vitalidade a um imenso país como este.

Porque, olha meu nego, comeram-nos as carnes, agora que roam-nos os ossos.

A África é para quem a quiser, menos para nós, isto é, para os negros do Brasil que no Brasil nasceram criaram e multiplicaram. Nem por brincadeira, se pense que o negro brasileiro faça alguma que preste em África. No mínimo revertia, em pouco tempo, às tristes condições de selvagens. O que faria em África essa minoria alfabetizada em meio a esse colosso de gente sem instrução? O que faria em África essa gente sem dinheiro? O que faria em África esse povo que passa a vida inteira a saracotear ao som de rouquenhãs sanfonas ou de desafinado jazz-band?

O meu caro senhor Florencio me ajude; por Deus, a dar conselho a este inovador inexperiente. Não seria melhor, o meu querido irmão, que tu remodelasses os teus costumes, que tratasse com o máximo interesse da educação do teu filinho ao invés de jogá-lo ao leão sem conforto espiritual, sem conselhos paternos, sem coisa nenhuma? Não seria melhor que tu, o meu querido cafuso comprasse um catecismo cívico e estudando conhecesses as grandiosidades das instituições deste país? Não seria melhor que tu fosses mais brasileiro, isto é, que tu fosses mais patriota em benefício dessa terra bendita que viu nascer, que te acolhe como mãe carinhosa, esta terra que é nossa olha bem, meu nego, é nossa já viu? Nossa porque fomos nós que a edificamos, nós que lhe demos tudo até o sangue pra lhe garantir a integridade quando das invasões de estrangeiros.

O Brasil é para os brasileiros que quer dizer é para os negros, já ouviu?

Deixa lá os americanos que se metam em camisas de onze varas, Cá conosco é nove. Nada de arredar o pé daqui.

“Os incomodados que se mudem”, nós estamos em nossa casa.

Sim senhor seu Florêncio, sinto aquele alívio de lavadeira ao acabar de cortar na casa da vizinha.

Agradeço penhoradíssimo o me ter aturado com tanta paciência.

Vou dormir sossegado.

Adeus, até outra letra.

Claudio Guerra

São Paulo, 22/11/1924

P.S. Peço-vos ter a bondade de puxar a orelha do revisor aí da casa, do contrário o meu português, que já é parco, torna-se ao latim por influência de origem.

O mesmo.

(Cláudio Guerra, *Getulino*, 20/12/1924, ano 2, n. 64)

Dentro dessa posição que chamamos de nacionalista temos, na carta de Guerra, o discurso muito comum na *imprensa negra paulista* que frisava a contribuição dos negros a formação do país, sobretudo pela escravidão. Também percebemos certa visão do continente africano como terra de selvagens: “O que faria essa minoria alfabetizada em meio a esse colosso de gente sem instrução?”. Parece-nos claro que ao falar de certa “minorias alfabetizada” Guerra se refere a “elite negra”. Ou seja, a minoria negra, militante e organizadora da *imprensa negra*.

Também merece destaque a crítica feita por Guerra ao lazer difundido nas associações negras, aos negros que passam “a vida inteira a saracotear ao som de rouquenhãs sanfonas ou de desafinado jazz-band”. Nesta passagem, Guerra critica um possível movimento de volta à África ressaltando a impossibilidade de contato entre negros (brasileiros) alfabetizados, que passam a vida a dançar e o “colosso de gente sem instrução” (a África). O que fariam esses negros brasileiros na África? Para Guerra, o máximo que poderia acontecer com eles era retornarem a “selvageria”.

Entretanto, como dissemos há pouco, o debate existia e parece que alguns elementos da *imprensa negra* viam a relação com a África de modo diferente. É o caso dos editores do *Getulino*, do *Clarim da Alvorada* e, sobretudo, do *Progresso*, cujas páginas têm maior abertura ao continente africano.

Domingues diz que eram poucas as referências à África no *Voz da Raça* e que Menelick, imperador da Etiópia de 1889 a 1913, foi o único líder africano enaltecido (DOMINGUES, 2005: 244). Buscando explicar esse afastamento da África, Domingues trás a interessante referência ao discurso de Arlindo Veiga dos Santos (também já analisados por nós) da sessão solene da FNB de 22 de setembro de 1935, cuja citação diz:

“vós, Negros da África Portuguesa, que comungastes conosco a hóstia da esperança, a vós, a vós, Negro do outro lado do Mar que obedecéis às leis da mesma Língua e civilização nossas, a vós a saudação dos Frentenegrinos do Brasil”.

Como bem observa Domingues, a manifestação de confraternidade expressa na citação não se dirige a todos os africanos, apenas aos que comungavam a mesma língua e civilização. O negro brasileiro não era visto pelas lideranças da FNB como herdeiro direto de uma ancestralidade que remetia a África. Suas raízes remetiam ao Brasil, a escravidão. A cultura africana era vista como algo exótica, pitoresca e primitiva. Visão parecida tem Zamparoni ao dizer que “No Brasil, antes que o mito da democracia racial se propagasse, as imagens de que a África era sinônimo de atraso e barbarismo contaminou até mesmo os próprios negros brasileiros que buscavam distanciar-se da mesma” (ZAMPARONI, 2007). Entretanto, apesar de concordarmos que, de modo geral, houve certo afastamento da África por esta ser vista como uma terra de selvagens, ou seja, por não ser vista como um exemplo a ser seguido pelos negros brasileiros, havia aparições da África que não iam nesse sentido.

Atualmente, parece ser consenso que, para além do nacionalismo – que explica a negação da aproximação com negros dos EUA e África –, a noção de modernidade, do “negro moderno”, possibilitou aproximações com certo mundo negro. Parece que, para José Correia Leite, Lino Guedes, Benedicto Florêncio, Jayme de Aguiar, também interessava o negro para além das fronteiras nacionais. Neste sentido, a África não era completamente descartada. A África não era apenas exposta como terra da barbárie e do atraso, também se destacava e se valorizava uma África “moderna”. Talvez o maior pilar desta valorização seja a Abissínia e seus governantes, sobretudo aquele que se tornou um símbolo de resistência à dominação europeia: Menelick.

A África na imprensa negra paulista 1923-1937

Libéria e a Abyssimia são muito desconhecidos principalmente na América do Sul. A sua cultura, o seu comércio, a sua indústria, a sua civilização e a sua educação permanecem ignorados(...).

A sagrada terra dos nossos avós, tão injustamente considerada como um imenso matagal cheio de feras e negros imbecis, foi objeto de elogiosas considerações por parte do notável jurisconsulto alemão dr. Mendelssohn Bantholdy.(...)

A história completa e sincera do que foi a África está oculta aos povos modernos pela considerável influência americana.

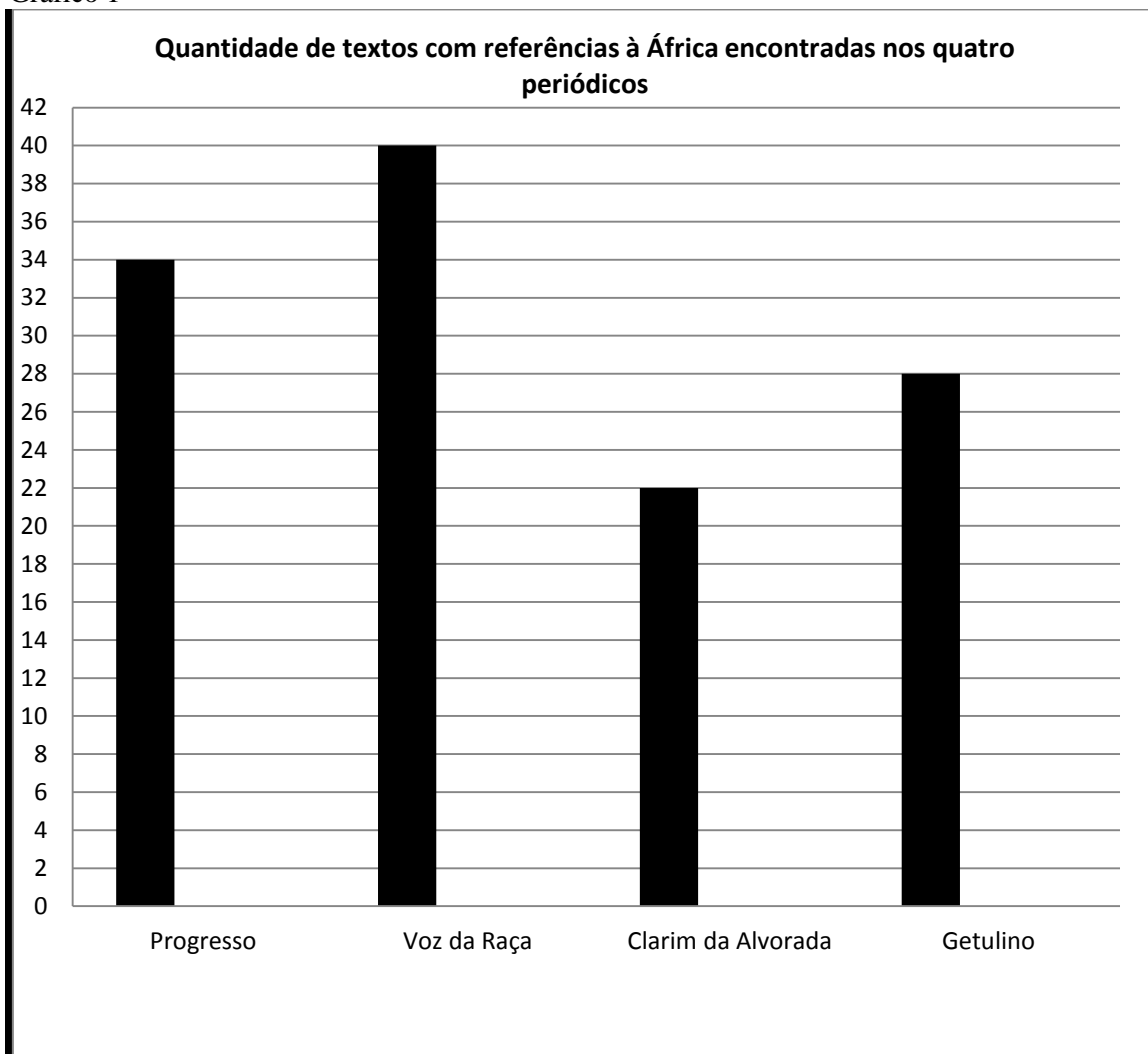
(*Clarim da Alvorada*, 01/07/1928, n. 6)

Estas passagens do *Clarim da Alvorada* mostram que, a despeito da África não estar no centro das atenções da *imprensa negra* até a década de 1960, ela não está ausente. Há sim certo interesse e identificação por parte de alguns militantes em se aproximar daquele continente. Nas duas passagens vemos com clareza o interesse pelo continente africano, sobretudo Etiópia e Libéria, a recusa à visão da África como terra da barbárie e a afirmação da África como origem do negro brasileiro – “A sagrada terra dos nossos avós, tão injustamente considerada como um imenso matagal cheio de feras e negros imbecis”. Ou seja, apesar da África não aparecer como um elemento importante

no discurso político da *imprensa negra*, aparições da África nesta imprensa nos fazem crer que havia certa identificação com o continente africano.

Referências à África na *imprensa negra paulista 1924-1937*

Gráfico 1



Apesar de ser menos aberto ao *mundo negro*, é no *Voz da Raça* que encontramos mais textos com referências à África. Entretanto, veremos que a maioria dessas referências faz citações dentro do contexto da história do negro no Brasil. O *Progresso* destaca-se por ter um número considerável de notícias sobre a África. Já no *Clarim da Alvorada* e no *Getulino* o destaque é por conta da aproximação mais evidente do pan-africanismo.

No *Getulino*, foram encontrados 28 textos com referências à África. A valorização do negro no Brasil é a temática mais presente nessas aparições. Entretanto, o que mais nos chama atenção é que 14 dos 28 textos tratam do negro internacionalmente (notícias sobre a África, valorização do negro nos EUA, sucesso do negro na Europa e pan-africanismo). No *Clarim da Alvorada*, também chama atenção a maciça referência à África em textos que tratam do negro internacionalmente. 23 do 28 textos encontrados tratam do negro fora do Brasil: EUA, Europa, África, Pan-Africanismo e Marcus Garvey.

Já o *Progresso* se diferencia dos outros três periódicos (e talvez de toda a *imprensa negra paulista*) pela grande quantidade de notícias sobre o continente africano: foram encontrados 34 notícias da África.

Gráfico 2



Gráfico3

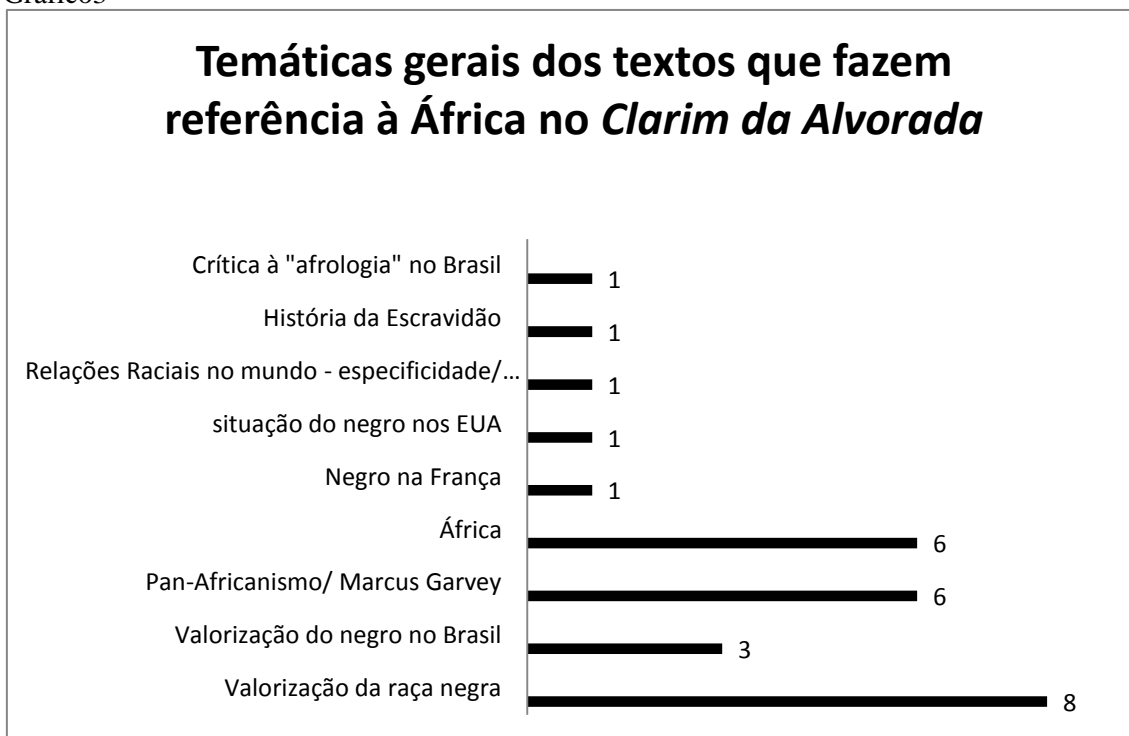


Gráfico 4

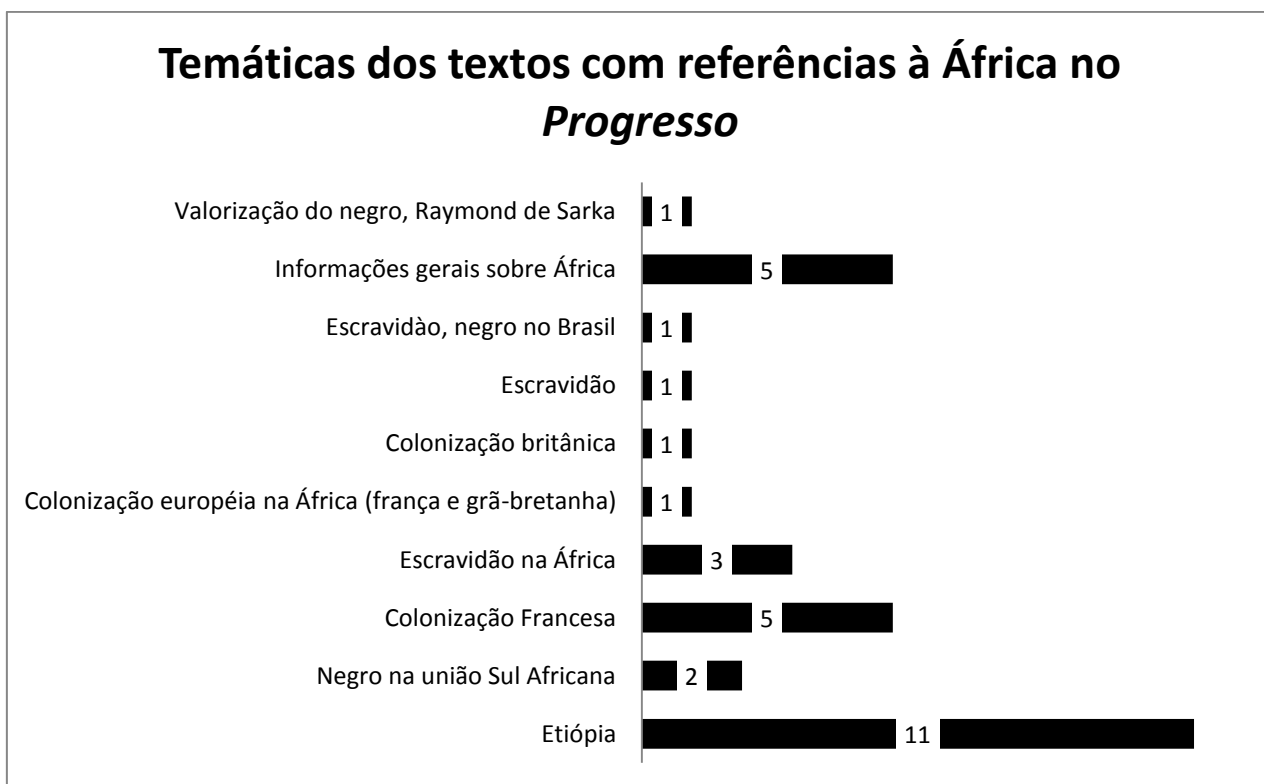
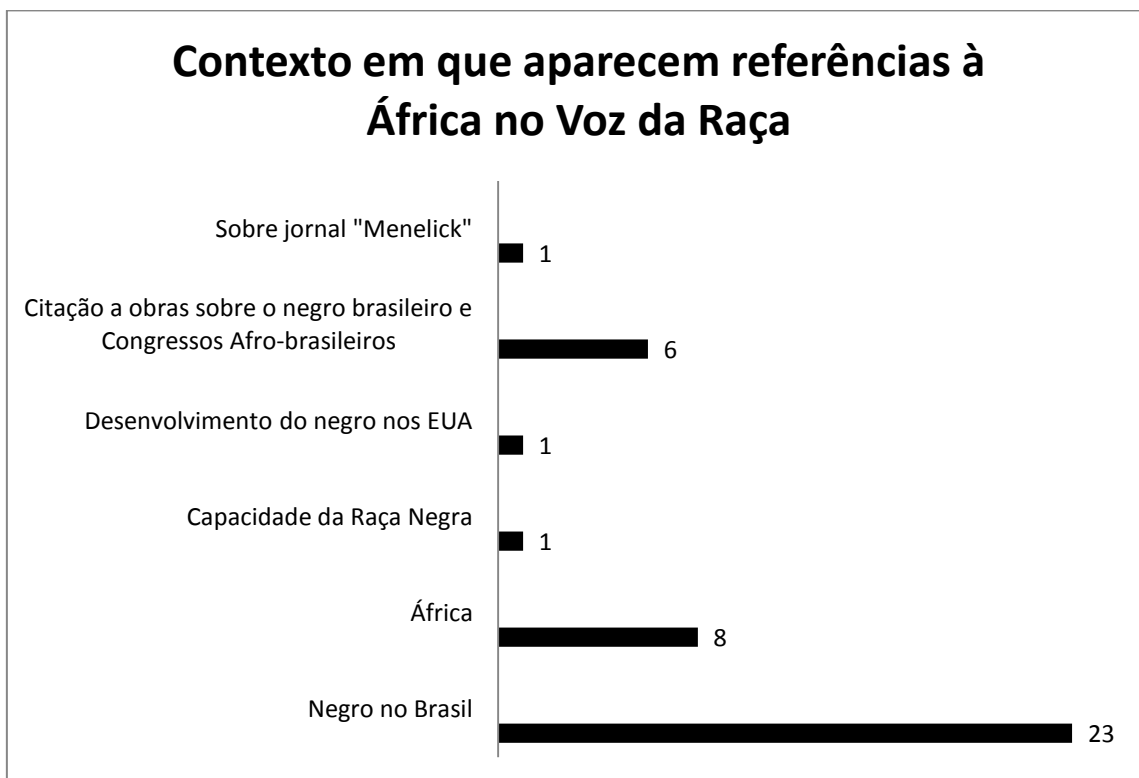


Gráfico 5



Como já dissemos, a maior parte das citações à África no *Voz da Raça* aparece quando se fala do negro brasileiro. Dentro deste quesito, podemos separar as aparições da África dentro de um contexto que remete: a) a importância do negro africano para a formação do Brasil (8 textos); b) ao comércio de escravos (4); c) a origem do negro brasileiro(8); d) a origem da raça negra e da escravização para o Brasil (1); e) as punições sofridas pelos escravos (1); f) a comparação entre o imigrante europeu no início do século XX e o africano trazido para o Brasil escravizado (1); g) os textos que remetem diretamente à África (8). Fica evidente por este levantamento sobre as aparições da África em textos da *imprensa negra* que essas aparições não eram raras.

Observando também as adjetivações de algumas palavras relacionadas à África fica claro que, para além das aparições que depreciam a África como terra de selvagens, já bastante comentadas pela historiografia, também existem as aparições que valorizam aquele continente. A África não era somente exposta como a terra da barbárie dentro

desta *imprensa negra*. Nem a África, nem o africano, aparecem adjetivados apenas negativamente:

Vejamos algumas adjetivações da África:

No *Getulino*:

“negro fruto da escravidão africana”.

“Os africanos civilizaram campos”.

“Khama, o chefe dos bamanguatos, povo da família dos cafres” (...) “grande homem africano”.

“miseros africanos”.

“imensa influência que os africanos, tiveram na formação do povo brasileiro”.

“admiráveis descendentes de africanos escravizados”.

“ficará na nossa lembrança, como outrora ficou na dos nossos antepassados, as selvas africanas”.

“Menelik, cujo espírito progressista era por tal forma notável”.

“comércio de criaturas humanas trazidas da África”.

“tribos africanas mais ou menos selvagens”.

“descendentes da infeliz raça africana”.

“A prova da superioridade da raça africana ressalta aos olhos observadores”.

“povos africanos mais estúpidos e boçais”.

“povos africanos mais avançados em cultura e civilização”.

“povo africano cuja aptidão artística se revela nessas produções”.

“O que faria em África essa minoria alfabetizada em meio a esse colosso de gente sem instrução?”.

No *Clarim da Alvorada*:

“Os negros africanos, (...) sempre se mostraram dignos de consideração pelos seus sentimentos afetivos, resignação estoica, coragem, laboriosidade. (...) mais úteis desinteressados colonizadores da nossa terra que fecundaram com o seu trabalho”.

“Durante o reinado de D. Pedro II vários descendentes de africanos mereceram condecorações e títulos nobiliárquicos”.

“Ide à África. Observe a raça e vereis. Que belos tipos! Quantos representantes da raça negra que primam pela sua beleza física e natural!”.

“Entre os canibais da Libéria vive-se melhor que nas colônias da “civilização européias””.

“escravatura nas possessões europeias na África”.

“descendentes da augusta Etiópia”.

“A história nos ensina que somos os descendentes de nossos antepassados, que foram roubados da África; o presente nos ensina que a África está sendo dividida entre as nações ladras do mundo como sua propriedade. Hoje, milhões de povos pretos de descendência africana estão se submetendo a dominação daqueles que têm roubando-lhes da riqueza, do lar, família e cultura”.

“Que há homens e mulheres de sabedoria e habilidade na África, o branco não procura dizer”.

“A Etiópia é o nosso coração”.

“valor pessoal do imperador Ras Tafari”.

“Abissínia é um território livre”.

“O mundo tem reparado que a Etiópia ainda é por sua insigne vitória, uma nação de valor”.

“vigor progressista da Abissínia”.

“E assim o negro herdeiro do africano, honra nesses característicos as tradições e hábitos que se manifestam nas danças, as canções e mesmo na arte”.

No *Progresso*:

“De todos os países africanos é a Etiópia incontestavelmente o mais curioso, o mais interessante.

Lá os costumes modernos, tomado o termo na sua verdadeira acepção, contrastam, por assim dizer, com os mais primitivos.

(...)

Entretanto, tudo leva a crer que a Etiópia dentro de alguns anos seja um país intimamente moderno.

(...)

o progresso dos etíopes é a sua religião que é católica, e não o maometismo, professado por outros povos vizinhos, cujo atraso, muitas vezes, os degrada até ao fetichismo.”

“Segundo testemunhas fidedignas monta a quatro milhões o número de pobres homens que ainda gemem sob o jugo indigno da escravatura na África. (...) Assim, por exemplo, nas ruas de Addis-Abeba vê-se muitas vezes caravanas de negros seqüestrados e carregando cadeias, para serem vendidos a quem mais oferecer. (...) Parece incrível e todavia é verdade, que no início do século vinte, nas costas da Berberia, no sul do Marrocos, em Trípoli e em outras regiões limítrofes do Saara, são coisas de cada dia a caça aos negros”.

“poderá fazer o seu governo para implantar o espírito moderno sobre as correntes básicas da tradição etiópica”.

“É na África onde se localizam as mais numerosas e variadas tribos de selvagens”

“A África, berço da humanidade”.

“a África, e não a Ásia, foi o cenário primeiro da evolução da humanidade”.

“invas florestas do Congo, o arrasta irresistivelmente pra o mistério selvagem daquelas regiões”.

“Os característicos guerreiros e a coragem dos senegaleses das tribos vizinhas do vale da Nigéria são bem conhecidos dos veteranos da guerra mundial, e os funcionários coloniais e os oficiais do exército, frequentemente elogiaram o zelo e o sangue frio desses africanos”.

“Existem atletas formidáveis no interior africano, que podem melhorar todos os tempos olímpicos das cem jardas à maratona”.

“Alheios a picuinhas, com seu trabalho, os africanos assombram a Europa”.

“barbaria africana”.

“floresta africana”.

“Escravidão na Libéria”.

“curiosas descobertas que acaba de fazer na região compreendida entre o Zambese e o Limpopo, duma civilização muito avançada”.

“É simplesmente colossal a notável ação dos descendentes de escravos transportados da África para a América, - em matéria da sua própria emancipação econômica e intelectual”.

“Antes da civilização mediterrânea, houve uma puramente negra no interior da África”.

No Voz da Raça:

“negro “caçado” nas florestas africanas”.

“O africano é um retardatário, mas não é um incapaz”.

“Os infelizes descendentes da África”.

“África, onde a necessidade dominava, devido a desorganização que ainda reinava entre os negros”.

“A. Diagne. Nascido no Senegal (África Ocidental Francesa) dotado de prodigiosa inteligência e força de vontade”.

“O africano permitiu de fato aqui a formação e estabilização das grandes propriedades agrícolas”.

“A raça histórica em formação incontestável lucrou muito com o sangue africano”.

“Amboelas, bons mineradores de ferro, aos quais deve muito o início da siderurgia brasileira nos tempos coloniais”.

“martirizada Abissínia”.

“ensanguentada África Oriental”.

“aquilo em que a gente africana foi mestra do Brasil”.

“antigo e misterioso continente negro”.

“A cidade de Ibatan destacou-se na construção do seu belo Hotel de Ville (Paço Municipal)”.

“longínquas terras africanas”.

Fica evidente que, apesar de existirem visões negativas da África – como terra de “gente selvagem”, “atrasada” etc. – não podemos ignorar que boa parte das referências busca valorizar a África e o africano. Percebamos também que a maior parte das aparições da África se refere ao continente de forma generalizada: é uma “África” pouco específica, pouco precisa. Isso não quer dizer que não existam informações mais precisas. Neste sentido ganha destaque as referências à Etiópia. Também temos referências à A. Diagne, deputado francês eleito por Senegal e que esteve envolvido na administração colonial francesa, à Libéria, aos Ambuílas, à cidade de Ibadan, etc.

O texto que se refere à cidade de Ibadan, na África do Sul, é exemplo da difusão de uma África tida como “moderna” e “civilizada”. Escrito por Silvério de Lima, o artigo diz:

(...)

O desenvolvimento progressivo que se vem operando no antigo e misterioso continente negro, mormente na sua rica e privilegiada região sul – onde se assinala a existência de numerosas cidades que surpreendem pelas suas perfeitas organizações urbanísticas. Acrescenta o autorizado gráfico londrino – a anciã e o capricho notante entre os seus organizadores negros em tudo querer imitar, aos seus irmãos-mestres europeus a começar pelos esportes. Havendo ali numerosos campos de tênis, futebol, piscina e muitos outros equipamentos para a difusão da fisicultura, entre a infância e a juventude de ambos os sexos. Comumente emprega-se ali a eletricidade, o telégrafo, radiotelegrafia, automotorização e a criologia nas suas multi-aplicações. A cidade de Ibatan destacou-se na construção do seu belo Hotel de Ville (Paço Municipal) para a reunião da edilidade e departamentos acessórios aos serviços públicos. JERBA, grande centro ferroviário agrupa 17 mil empregados especializados entre os quais apenas 330 são europeus ou desta origem. A engenharia apresenta-se nas suas maiores expressões pelas construções de modernos hospitais, notáveis edifícios públicos e particulares, ferrovias, pontes, barragens, usinas e outros serviços vultosos.

(...)

(Verdades Autênticas. *Voz da Raça*, 1936/12, n.60, p.1 e 4)

Percebe-se, mais uma vez, a modernidade ocidental como referência de “progresso”. Neste sentido, Ibatan destaca-se como um exemplo do “desenvolvimento progressivo” do continente africano pelos esportes (futebol, tênis, piscina, fisicultura), pela eletricidade, radiotelegrafia, ferrovia, engenharia, pelo telégrafo, hotel, hospitais, pontes, barragens e usinas.

África: o negro no Brasil

Das referências encontradas à África na *imprensa negra*, grande parte se fez dentro do contexto da história do negro no Brasil. Em sua absoluta maioria são citações sem qualquer aprofundamento, apenas referências muito tópicas³⁶. Sobretudo no *Voz da Raça*, onde encontramos o texto assinado por Henrique Dias, que destaco o seguinte trecho:

³⁶ No que tange o esforço do movimento negro do período em afirmar a contribuição do negro para a construção do Brasil, é curioso percebermos que Gilberto Freyre, cujo nome é malvisto em boa parte do movimento negro de hoje por ser identificado como o pai da ideologia da democracia racial, teoria que argumenta, entre outros pontos, a não existência marcante do preconceito racial no Brasil; foi bem recebido inicialmente, sendo inclusive, colaborador do jornal Quilombo, no início da década de 1950. Lembremos que a formulação do conceito e, mais precisamente, da ideologia da democracia racial se desenvolveu posteriormente a *Casa Grande e Senzala*, sobretudo ao longo e com ajuda do governo Vargas. Sem dúvida que a imprensa negra paulista, nas décadas de 1920 e 1930, contribuiu no debate sobre valorização do negro, sendo foco de difusão do nacionalismo da miscigenação, da valorização do “elemento negro” na formação brasileira, que culminou, academicamente, na publicação de *Casa Grande e Senzala* em 1933.

A argila brásilica, unida ao sangue escravo do negro “caçado” nas **florestas africanas**, formou a argamassa robusta com que se fez o alicerce, com que se fizeram as fundações deste monumento indestrutível e infracionável Brasil! Este edifício que, até 1889 assombrou o mundo e que, em áreas muito próximas assombrará de novo!
(*Voz da Raça*, 15/04/1933, ano1, n.5, p.1)

Além de ser um exemplo de aparição da África, esta citação nos expõe não só a falta de aprofundamento com relação à África como certo estereótipo sobre o continente – o negro “caçado nas florestas africanas”.

Observando somente as informações do *gráfico 1* somos levados a crer que o *Voz da Raça* é o periódico analisado que mais preocupação teve com a África. Entretanto, como é possível perceber nos títulos e na tabela temática, é nítida a diferença no tratamento dado a África entre o *Voz da Raça* e o *Clarim da Alvorada*, o *Progresso e o Getulino*. As referências à África no *Voz da Raça* aparecem quando se trata, sobretudo, de falar sobre a presença do negro em solo brasileiro, remetendo-se a entrada de africanos escravizados no Brasil. Pouquíssimos textos fazem referência direta ao continente africano. Assim sendo, mesmo quando há referências à África no *Voz da Raça*, o que sobressai é o caráter nacionalista, típico desta publicação. Dos quarenta textos encontrados com alguma referência à África, trinta e dois tratam especificamente do negro no Brasil.

Com a leitura das edições do *Voz da Raça*, fica claro que a linha político-editorial foi de afastamento do *Atlântico negro* e investimento quase exclusivo no nacionalismo como estratégia de valorização do negro no Brasil. Como vemos no seguinte trecho, escrito originariamente no jornal *Alvorada*, de Pelotas, por um Rodolpho Xavier, onde a África – a palavra “africano”, no caso – é apenas citada:

Integrada na mesma comunhão de vistas, absorvida pelo desdobramento e cruzamento incessante de ininterruptas gerações, a raça negra tem o direito e hoje mais do que nunca de patentear aos olhos portadores de preconceitos atávicos, que foi pelo seu sangue afetivo e sentimental que dilatou-se o sangue brasileiro; que foi pelo braço **africano**, consubstanciado na lavoura, que nutriu-se o germem da nacionalidade brasileira e sem o qual jamais poderia se sustentar os primeiros colonizadores portugueses.

(*Voz da Raça*, 20/05/1933, n.10, p.4)

Portanto, percebemos que não se ignorava a origem africana do negro brasileiro, apenas não se jogava peso nessa origem em termos de mobilização política. Nem mesmo podemos dizer que se ignorasse, no *Voz da Raça*, as discussões sobre a “raça

negra”, em termos gerais, falava-se da “raça negra”, mas, em geral, em seguida, especificava-se no caso brasileiro. Como no trecho que transcrevo a seguir:

O que foi a Raça Negra

Conforme prometi na apresentação publicada no jornal anterior, venho hoje por meio destas linhas falar ao negro brasileiro.

Aos 10.000 anos antes de Cristo, existiam unicamente as 3 seguintes raças civilizadas: a Raça Vermelha que habitava na Atlântida; a Raça Amarela que habitava em Lemuria e a Raça Negra que habitava na **África**. As duas primeiras tendo atingido o máximo de civilização, foram destruídas com precipitações em abismo das águas oceânicas.

Os lêmures e os atlântidos que escolheram a materialização, foram salvos dos abismos indo habitar com outras raças, refugiados. Atlântida é hoje o oceano Atlântico e a Lemuria é o atual oceano Pacífico.

Os refugiados – os lemurianos restantes ficaram na Ásia e os Atlântides ficam, parte da América, principalmente no México; outros nas costas do sul, da Europa e no **Egito**.

[...]

Aos 6.700 anos antes de Cristo começou o circo de Ram.

Com as lutas empreendidas os negros perderam as Costas da Europa, ficando senhores da Ásia e da **África**, tendo como principais colônias o **Egito**, a Ásia Maior, o Tabé, etc.

A sua metrópole era a **Etiópia**, enquanto existia a Atlântida; depois que esta submergiu-se, os negros transferiram o centro do domínio para a Índia.

[...]

Abatidos os negros, tomadas as suas terras, ficaram estes em pequenas povoações sem ter um meio sólido e capaz de prosseguirem na pouca porção de terra da **África**.

A penúria dos negros durou 8.200 anos, quando em 1.500, na era Cristã, com a descoberta do Brasil, os negros julgaram sair da penitência que vinham fazendo. Nesta época os mamelucos tentaram escravizar os índios habitantes encontrados na terra de Vera Cruz, como os primitivos habitantes do Brasil não se conformassem com a imposição estrangeira como ainda os atuais não se conformam, os descobridores e exploradores voltaram os olhos para a **África**, onde a necessidade dominava, devido a desorganização que ainda reinava entre os negros, pela falta de um Chefe que devia estabelecer a orientação.

Aproveitando-se o fracasso entre os **africanos**, para ali foi enviada a proposta da compra de negros.

Distribuídos os mercenários nas terras africanas, estabeleceram-se propostas que muito interessavam os negros uns propunham melhora pelos matos, pelas ruas, etc., em que encontravam os infelizes e outros também pelas ruas e portos, onde os negros os encontrassem com facilidade para colherem as informações precisas, a mando de outros e ainda outros ficavam nos navios afim encaminharem os iludidos e que ali chegassem. Logo que a lotação da embarcação estava completa, seguiam com destino ao Brasil e ali eram vendidos ou trocados por missangas, pano, cachaça e facão. Esse produto era multiplicado com nova remessa de negros que se iludiam ao verem os presentes que mostravam.

[...]

Olimpio Moreira da Silva

(*Voz da Raça*, 2/09/1933, n.21, p1)

Percebe-se que ao mesmo tempo em que Silva busca valorizar o passado da “*raça negra*”, ele reafirma o estereótipos sobre a África (onde “necessidade dominava”) e os africanos que vieram forçadamente para o Brasil, reforçando uma origem escrava para o negro brasileiro. Estas rápidas referências à África, sem aprofundamento, em textos que falam do negro brasileiro (em geral para valoriza-lo) são comuns nos três periódicos.

Entretanto, há exceções. Nem todos os textos tratam a África de forma tão estereotipada e rasa, como um texto retirado da obra de Nina Rodrigues, intitulado “As Belas Artes entre os colonos pretos do Brasil: A escultura”. Vejamos algumas partes que remetem, mais aprofundadamente, ao continente africano ligado ao negro brasileiro:

As Belas Artes entre os colonos pretos do Brasil: A escultura.

O natural menosprezo que votam aos escravizados as classes dominadoras constituiu, sempre e por toda a parte, perene ameaça de falseamento para os propósitos mais decididos de uma estimativa imparcial das qualidades dos povos submetidos.

E foi por não ter cerrado ouvidos às sugestões desses preconceitos que escritores patricios conseguiram dar proporções de uma crença geral a de que os escravos negros, que com os portugueses e os índios colonizaram o Brasil, pertenciam todos aos povos **africanos** mais estúpidos e boçais.

Era uma injustiça, mas era antes de tudo um erro.

(...)

Em verdade, nas levas de escravos que, por quatro longos séculos, o tráfico negreiro, de continuo, vomitou nas plagas americanas, vinham de fato numerosos representantes dos povos **africanos** mais avançados em cultura e civilização.

(...)

Pouco sabemos da pintura negra que, mesmo na **África** não parece ter ido além de toscos desenhos utilizados na ornamentação de seus edifícios, palácios, igrejas ou pegis. Todavia, assim rudimentar este esboço de arte permitiu a criação no **Dahomey** de uma escritura ideográfica análoga senão idêntica aos hieróglifos. Seria uma língua sagrada de cuja escritura a Europa foram ter exemplares na reprodução dos frisos com que ali se decoravam os palácios reais; língua privativa, no seu conhecimento e uso, dos sacerdotes de **Ifá**, depositários das tradições nacionais em povos dos mais conhecidos da **Costa dos Escravos**.

(...)

Estão ainda bem vivas na memória dos contemporâneos as peripécias das lutas com que em nossos dias, as pretensões conquistadoras da França completando pelas armas as extorsões iniciadas pelas intrigas das casas comerciais do **Golfo da Guiné**, acabaram destruindo em 1890, o poderio do seu aliado o **rei Behauzin, do Dahomey**, por fim vencido e exilado no Tahiti. Ao aponderar-se de **Caná** e **Abomey**, capital do reino **africano** que **Behauzin** entregou as chamas antes de abandonar, o general Dodds pode salvar do incêndio curiosos espécimes da escultura negra, que por ele foram enviadas ao Museu Etnográfico do Trocadero. Compunham essas relíquias três estátuas dos últimos **reis dahomeanos**, duas portas do palácio real e um trono régio. (...)

Pois bem, o povo **africano** cuja aptidão artística se revela nessas produções, pertence a uma família da **Costa dos Escravos**, os **Geges**, de que nos espaço de dois séculos, recebemos no Brasil número elevadíssimo de escravos. São fatos estes por nós

demonstrados à luz de documentos irrecusáveis. Os negros **Ardras**, que já no período das guerras holandesas do século XVII, se fizeram notados em Pernambuco provinham do **reino D'Ardra**, de **lingua gege**, como os **dahomeanos**, que mais tarde o destruíram, anexando-o ao **Dahomey** sob o nome de Hollanda. Mas afora os Ardras, recebemos no Brasil escravos **geges** do próprio **Dahomei**, de **Whidah**, os João d'Ajuda dos portugueses dos **Mahis dos Popos**, etc.

(...)

Reunidas em grupo vimos peças diversas do culto **gege-yourubano** dos **orichás** ou vodus tomadas às práticas dessa religião sobreviventes nos nossos negros (...).

Dr. Nina Rodrigues

(*Getulino*, 20/12/1924, n.64, p. 10)

Mesmo no *Voz da Raça* há alguns textos que trazem informações mais aprofundadas sobre a África ligada ao Brasil pelo comércio de pessoas e sobre os africanos para cá vindos forçadamente. Como os seguintes, respectivamente de F. Lucrécio e de Arlindo Veiga dos Santos:

Aproxima-se o cinquentenário da independência do Brasil.

F. Lucrécio

A entrada de negros no Brasil data da sua colonização. O comércio de escravos iniciou-se quarenta e poucos, quase cinquenta anos, após o descobrimento do Brasil. Vieram essas pobres criaturas enriquecer o grande solo brasileiro. Diz o ilustre mestre baiano Nina Rodrigues: ente 1812 e 1820, da **África Setentrional: Castelo da Mina, Costa da Mina, Ajudá, Bissáu. Oorin, Calabar**, entraram na Baía 68 navios carregando 17.691 escravos. E procedentes da **África Meridional: Angola, Cabinda, Moçambique**, etc, 69 navios com 20.844 negros, e no ano de 1828, o Brasil recebeu 430.601 e nos seus primeiros meses de 1820, 23.310 negros para servir de escravos.

(*Voz da Raça*, 03/1937, n.63, p.4)

Os negros e o comércio

Arlindo Veiga dos Santos

Antigamente, antes das grandes imigrações que vieram **ARIANIZAR** o Brasil por iniciativa dos ilustres estadistas da estupidez, o comércio do país estava nas mãos ou de portugueses nacionalizados ou seus filhos, e de negros livres, que livres vieram da **África** ou negros forros.

Esses podiam ser de muitas das raças africanas mas, cremos com boas razões, serem principalmente das raças maometanas ou maometizadas na cultura: **sudanesas, haussás** ou os terríveis **nagôs** que deixaram na história não escrita do Brasil o selo violento da resistência nos processos da escravidão ou da proletarização miserável que se seguiu a liberdade.

Na Baía e noutras províncias em que predominaram os estos e o orgulho **nagô** ou **haussá**, o instinto mourisco ou semita de comércio predominou por muito tempo, e, assim, vimos ainda neste século as tendas comerciantes dessa gente africana [??]peando, orgulhosamente, às vezes com inscrições em línguas **yorubá** ou outras dos últimos falantes delas.

[...]

(*Voz da Raça*, 08/1936, n.56, p.1)

Fica claro que, também no *Clarim da Alvorada* e no *Getulino*, do universo de textos que fazem referência à África, a incidência de textos referentes ao negro no Brasil é alta. No *Getulino*, esses são os textos com maior número de aparições; no *Clarim* é a terceira maior incidência, perdendo para os textos com referência direta à África e ao Pan-africanismo/Marcus Garvey e empatando com o número de textos que tratam da “raça negra”. A nosso ver, este fato expõe o já bastante comentado caráter nacionalista desta *imprensa negra*, sobretudo no *Voz da Raça*, mas também no *Getulino* e, em menor grau, no *Clarim da Alvorada*. Entretanto, sobretudo no *Clarim da Alvorada* e no *Getulino*, fica evidenciado também o grande número de referências à África ao se tratar da “raça negra” e do pan-africanismo.

África: o negro estadunidense e o pan-africanismo

Como vimos no capítulo anterior, verifica-se que em alguns jornais desta *imprensa negra* circulavam informações sobre certo *Atlântico negro*, formado muito mais com referências aos negros estadunidenses e em muito menor número a África. Já foi consolidada pela historiografia, por exemplo, a articulação, pelo menos ao nível da troca de informações, entre o *Clarim da Alvorada* e os jornais *Chicago Defender* e *Negro World*, que resultou na publicação, no *Clarim da Alvorada*, da coluna *Mundo Negro* (PEREIRA, 2010).

Algumas das referências à África na *imprensa negra paulista* estão em textos que têm o negro estadunidense como objeto central. Da mesma forma como nos textos que têm o negro brasileiro como objeto central, a África aparece de forma pontual, como uma referência à origem. Como no texto em que Evaristo de Moraes critica o projeto de lei de Fidelis Reis valorizando a “raça negra” e comparando a situação do

negro nos EUA e no Brasil. Moraes termina seu artigo com os seguintes dizeres e a seguinte citação ao continente africano:

Lá, quem provoca a luta é o que se julga, até agora, mais forte; aqui, o mais forte, a maioria nacional, inegavelmente composta de mestiços e não imbuída de preconceito racial, não dará motivos para a repulsa, nem para a má vontade dos adventícios.

A menos que os nossos poucos preconceitistas (da escola do autor de um parecer que o Instituto dos Advogados rejeitou) convençam o povo de serem “indesejáveis” todos os homens de cor que imigrarem dos Estados Unidos para o Brasil, fazendo acreditar do que diz, lá, contra eles, a imprensa dos seus adversários.

Mas a estes poderíamos retrucar com o que documenta a imprensa – diária e periódica – dos pretos, refletindo o valor moral, intelectual e industrial daqueles admiráveis **descendentes de africanos escravizados**.

(*Getulino*, 13/01/1924, n. 25, p.1).

Fica óbvia a consciência diaspórica e a conseqüente atitude de identificação e comunhão com o negro dos EUA. São todos “descendentes de africanos”. Algo perceptível, também, em um texto pelo qual Lacerda Werneck reage ao que considerou um “ataque à raça negra” do jornal católico *A União*. Werneck busca provar a capacidade da “raça negra” com passagens como a seguinte, citando Havry Johnston:

É preciso não esquecer que a França possui um exército negro de 40.000 homens, que a Grã-Bretanha e a Alemanha contam cada vez mais com a **África** para as necessidades de seu comércio e para obter as matérias primas das suas indústrias; que dez milhões de negros e mulatos ocupam nos Estados Unidos posição assaz importante nas indústrias e na agricultura.

(*Getulino*, 24/02/1924, n.31, p.1)

Werneck defendeu a “raça negra” usando como argumento a importância da África e dos africanos para os países europeus e a existência de negros em “posição importante” nos EUA.

Já vimos, no capítulo 2, o contato de parte da *imprensa negra* com os negros dos EUA e que selecionava-se exemplos de negros de sucesso na sociedade estadunidense para serem utilizados como prova da capacidade da “raça negra”. Na citação acima, encontramos ainda uma tentativa de valorização do continente africano.

Outro caso de citação à África, num texto sobre o negro estadunidense, é um interessante artigo de WM. H. Trott, do *Negro World*, publicado no *Clarim*. Irônico, o texto busca defender a Etiópia dos “ataques” de um articulista do *New York Times*, chamando atenção para a situação do negro nos EUA. Vejamos:

UM AFRICANO NO ESTRANGEIRO DESCREVE A VIDA NORTE AMERICANA AO EDITOR DO “NEGRO WORLD”

No “Negro World” de 2 de março o Sr. Reproduziu um artigo do “New York Times” por Herman Norman. Ele é um estrangeiro e está vociferando sua opinião sobre a **Etiópia**. Posso, do mesmo modo, expor o que um **africano** no estrangeiro podia dizer da América do Norte?

Acabo de chegar da Califórnia depois de uma excursão extensa na América onde todos os negros são tratados com desprezo. Cada estado é semelhante a um compartimento impermeável à água. Se pode considerar casado em um estado e bigamista em um outro, e os poderosos chefes políticos ignoram a constituição federal. Os passaportes nas mãos dos negros não têm valor. Toda a semana muitas pessoas são assassinadas à bala nas ruas da Chicago e outras cidades. Os negros que alcançam posições de importância são processados e sentenciados por muito tempo. Os negros são linchados em certos lugares e escravizados nas plantações. São tais governos da idade média dignos de assinar pactos de paz para dominar as nações pequenas e mandar missionários para o estrangeiro?

WM. H. Trott.

Percebam que o articulista do *Negro World* busca transferir para os EUA o estereótipo sobre a África de terra selvagem.

No tocante ao pan-africanismo, *Getulino* e *Clarim da Alvorada* são os periódicos que têm explicitamente textos sobre o tema. Já o *Progresso*, apesar de não termos achado textos se referindo explicitamente ao pan-africanismo, pensamos que a opção editorial do periódico, ao dar constante espaço às notícias e informações envolvendo o continente africano, se aproxima, de certa forma, do pan-africanismo. Apenas o *Voz da Raça* parece manter distância das ideias pan-africanas, pois não encontramos qualquer texto que remete a tal ideologia.

Os dois nomes que lançaram o termo e a ideia do pan-africanismo foram o advogado Sylvester Willians (em 1900), de Trinidad Tobago, e o historiador e filósofo norte-americano W. E. B. Du Bois (em 1919). Estes intelectuais formularam ideias que giravam em torno da conquista da igualdade de direitos para os negros nos EUA e dos africanos a sua própria terra e de serem tratados como homens. Mais tarde, pan-africanismo ganhou também o sentido de unidade africana (ILIFFE, 1995: 195).

Os militantes pan-africanistas organizaram diversas conferências, alguns institutos de pesquisa e companhias comerciais que buscavam difundir o ideal pan-africanista, estimular a ida de afro-descendentes para a África e o intercâmbio entre negros das Américas e da África (MAZRUL, 2010: 902-903). Os principais encontros foram os Congressos Pan-Africanistas de Paris (1919), Londres (1921), Londres-Lisboa

(1923) e Nova Iorque (1927). Portanto, cabe destacar que as discussões pan-africanistas estavam a pleno vapor exatamente no período tratado aqui.

Três grandes nomes de destaque ligados à elaboração e difusão das idéias e práticas pan-africanistas foram Booker T. Washington, W. E. B. Du Bois e Marcus Garvey (MAZRUL, 2010: 900-901).

Du Bois frisava a ligação entre a problemática dos negros nos EUA e outras partes da América e a dominação colonial na África (ILIFFE, 1995: 196). Booker Washington (1856-1915) foi um dos que pregavam a ida dos negros estadunidenses para a África em resposta à segregação e às ondas de violência que atingiam a população negra no sul dos EUA. Um dos “discípulos” de Washington foi Marcus Garvey, militante que teve mais atenção de alguns jornais da *imprensa negra paulista*, sobretudo no *Getulino* e no *Clarim da Alvorada*³⁷.

Um dos principais ícones do pan-africanismo e primeiro herói nacional jamaicano, Marcus Garvey nasceu em 1887, na Jamaica, e morreu em 1940, em Londres. Em 1914, ainda na Jamaica e com 28 anos, Garvey funda a *Universal Negro Improvement Association (UNIA)*. Inicialmente concebida como uma instituição para oferecer oportunidades de trabalhos e educação à “raça negra”. Fundada na Jamaica, a UNIA tinha já em 1920 cem divisões presentes nos EUA, Caribe, América Central, Canadá e África. No ano de 1916, Garvey sai da Jamaica e vai morar no Harlem, em Nova Iorque.

Em 1918 Garvey funda o famoso periódico *The Negro World*, órgão oficial da *Universal Negro Improvement Association*, que circulou pelas Américas, Europa e África e pregava a consciência negra, a auto-ajuda e a independência econômica da “raça negra” – o que ficou conhecido como *nacionalismo negro*. O *Negro World* dedicava suas páginas a notícias cotidianas, política e a situação do povo negro nos EUA e no exterior³⁸.

Cremos que cabe aqui também destacar que Marcus Garvey visitou algumas vezes a Etiópia e é considerado um dos profetas-fundadores do rastafarianismo, religião muito difundida na Jamaica a partir da década de 1920 e que tem a Etiópia como referência central. O rastafarianismo tem a África (e o ideal de retorno à África) como

³⁷ Entretanto, não podemos deixar de citar a utilização de pseudônimo Booker em três artigos no *Clarim da Alvorada* (números 13, 15 e 16) que buscam provar a capacidade da “raça negra”.

³⁸ Para informações, documentos, etc. sobre Marcus Garvey ver o sítio <http://www.pbs.org/wgbh/amex/garvey/index.html> (acessado pela última vez em julho de 2012).

elementos centrais de sua crença e o Ras Tafari seria o Deus vivo na terra. Marcus Garvey foi um dos formuladores de tal ideologia. Para nós é interessante observar a ligação entre Marcus Garvey, a ideia de retorno à África e a Etiópia como a “terra prometida”.

Apesar do rastafarianismo não ter repercutido na *imprensa negra*, a relação identitária próxima à Etiópia e a visão daquele país como um símbolo internacional do negro, um lugar de resistência do povo negro, parece ter se difundido rapidamente pelo Brasil. Pois, como veremos, apesar da ideia de “retorno a África” não ter criado raízes na *imprensa negra paulista*, a Etiópia aparece como um elemento importante em determinadas identidades negras em São Paulo e em outras regiões brasileiras. Bastante popularizado posteriormente pelo *reggae*, “braço musical” do rastafarianismo, este elemento de valorização da Etiópia parece ter sido comum em muitas partes do *Atlântico negro*. Aprofundaremos esta valorização da Etiópia na *imprensa negra paulista* mais adiante.

Voltando ao pan-africanismo, alguém no *Clarim da Alvorada* (n.19) assina com o pseudônimo Booker (o que já evidencia certa identificação com as ideias do famoso pan-africanista Booker T. Washington) e escreve para valorizar a “raça negra” abarcando o negro na África, nos EUA e no Brasil um artigo em 26/07/25 (n.13) em um artigo publicado em 3 partes (*Clarim da Alvorada*, 27/09/25, n.13; 15/11/25, n.16 e 21/03/26, n.19). Vejamos um trecho desse artigo que exemplifica o que estamos falando:

Ser negro é um simples acidente da carne. E o que tem isso? A carne sendo negra? é por ventura mais feia? Não. Por que? Ide à **África**. Observe a raça e vereis. Que belos tipos! Quantos representantes da raça negra que primam pela sua beleza física e natural! Por ventura não há lindas donzelas de cor preta do Brasil? O que nos falta? O cultivo da beleza. Pois não têm os brancos, apesar de se considerarem mais lindos, os seus institutos de beleza? Pois criemos os nossos, como fizeram os negros da América do Norte... Intelectualmente quantos negros brilhantes nas letras e nas artes! Assim como o branco busca os seus exemplos no meios mais adiantado da sua raça, também o faço voltando as minhas vistas para os pretos norte americanos brilhantemente se desenvolveram em todos os pontos de vista.
(*Clarim da Alvorada*, 27/9/1925, n.15)

Se a existência de pseudônimo Booker nos mostra certa aproximação com ideias pan-africanistas, por onde chegaram referências à África, temos ainda notícias diretas a

movimentos pan-africanistas, como a de uma reunião do *Clube dos Negros Conscientes*, sendo Lúcio a figura central (*Clarim da Alvorada*, 21/10/28).



Figura 17: **Booker T. Washington**



Figura 18: W. E. B. Du Bois

Como já vimos no capítulo anterior, onde mais encontramos o contato com o movimento negro internacional, e especificamente com o pan-africanismo, é no *Clarim da Alvorada*. Entretanto, também no *Getulino* e no *Progresso* é perceptível a circulação do pan-africanismo. Nesses textos, que remetem de alguma forma ao pan-africanismo, também encontramos referências ao continente africano:

Os arraigados preconceitos contra a raça negra vêm desde os tempos diluvianos, segundo nos rezam as sagradas escrituras. Pois os descendentes da Cham, foram para a **África**, os de Japhet, povoaram a Europa e a posteridade de Sem, estendeu-se pela Ásia. Destas três raças, dizem as escrituras, foi a de Cham, a raça maldita, a primeira que teve preponderância, indo estabelecer-se no **Egito**. Ora, deste modo dir-se-ia que somos amaldiçoados até hoje e que portanto não temos razão de lamentar a nossa sorte. (*Clarim da Alvorada*, 26/07/1925, ano 2, n.13)

Neste texto, assinado por pseudônimo Booker, a África aparece como origem, bíblica, da “raça negra” e o Egito como o primeiro lugar onde esta “raça” se estabeleceu. No texto busca-se negar a inferioridade do negro, questionando a suposta “maldição” bíblica: “A raça maldita foi a primeira que teve preponderância, isto é, foi a mais civilizada, a que dominou as outras raças”. “Até hoje os negros dão o que beber às outras raças, pois não é necessário lembrarmos do cimento armado, do auto-piano, novidades químicas etc.”.

O outro artigo assinado pelo pseudônimo Booker, intitulado “Negro!” (aquele dividido em 3 partes) também faz referência a África para enaltecer a “raça negra”:

Ide à **África**. Observe a raça e vereis. Que belos tipos! Quantos representantes da raça negra que primam pela sua beleza física e natural!
(*Clarim da Alvorada*, 27/09/1925, ano 2, n. 15)

Alguns dos seus mais importantes trabalhos são: “A dançarina”, “Os lutadores”, “Carregando o morto” etc. Na poesia, também existiu outrora o poeta latino Jaun, mencionado em Dom Quixote por Cervantes.
Nascido na **África do Norte**, foi levado para Sevilha onde foi vendido para uma família do famoso Gonzalo de Cordova. Tendo grande habilidade para aprender foi-lhe permitido estudar. Pois bem. Liberto que foi, tornou-se professor de Gramática, Latim e Grego na Universidade de Granada.
(*Clarim da Alvorada*, 15/11/1925, ano 2, n. 15)

A África aparece, no conjunto dessas três últimas passagens destacadas, duas vezes de forma generalizada – a “África” – e duas vezes mais específica. A “África”, generalizada, é evocada primeiramente como referência à origem da “raça negra” e, posteriormente, para chamar atenção dos “belos tipos” da “raça negra”

O Egito e a África do norte aparecem como referências mais específicas em relação à África nestes textos assinados por “Booker”. O Egito, pela origem da “raça negra”, por se considerado o primeiro lugar em que tal “raça” se estabeleceu. E a África do Norte como origem do símbolo “poeta latino Juan”. Note-se que o negro valorizado é o “poeta Juan”, que tem sua origem no continente africano exposta, mas é um homem no contexto da sociedade ocidental, com formação educacional em Sevilha.

O outro texto a que me referi, a notícia sobre o encontro do *Clube dos Negros Conscientes* (*Clarim da Alvorada*, 21/10/1928, n.9), também traz certa referência à África: Josi Tchangana Gumede, o Lunion, é chamado de “o terrível agitador africano”. E, novamente, a África é citada de forma superficial e num contexto de valorização da “raça negra”:

Existe em Paris, muitos homens de cor que moram nas inúmeras possessões **africanas** da grande República; todos os pretos trabalham nos bares, cafés e restaurantes, desenvolvendo nas orquestras e Jazz-Bands um labor musical verdadeiramente hercúleo. Vivem bem como qualquer outro cidadão verde ou amarelo; - na França tem se visto alguma coisa de bom em proveito da raça negra, basta citarmos o triunfo do negro escritor René Maram e Paul-Jean Baptista o grande mutilado da guerra.
(*Clarim da Alvorada*, 21/10/1928, n.9)

Ao apresentar Lunion, a notícia diz:

Lunion é um preto bastante inteligente, e muito conhecido na Europa. No congresso das nacionalidades oprimidas, reunido em Bruxelas, no ano passado; Lunion tomou parte saliente e fora um dos mais eloqüentes oradores, representava então, nessa grande reunião, onde se encontravam 274 delegados de toda parte do mundo, a sociedade negra, - **The Sout African Trade Union**. O terrível **africano** foi o que encaminhou maior número de protestos, quase todos relativos aos bárbaros processos de castigos corporais, que ficou provado diante aos inúmeros testemunhos trazidos ao seio do congresso. – Essas coisas são tão comuns em diversas colônias de países prezados como Líderes da civilização.

(*Clarim da Alvorada*, 21/10/1928, n.9)

Note que essas referências não trazem muita informação sobre a África ao leitor do *Clarim da Alvorada*, mas há, neste último trecho citado, a denúncia à violência colonial. Fica cada vez mais claro que não há desconhecimento por parte do movimento negro paulista de certa realidade africana, sobretudo a partir do contato com o movimento pan-africanista. Entretanto, não há um posicionamento crítico mais forte compondo as estratégias de valorização do negro por parte desses militantes. A impressão passada, na seleção de textos do *Clarim da Alvorada*, do *Getulino* e do *Progresso*, é que a colonização europeia não é vista como um problema, pois não se encontram textos que vão contra a colonização europeia na África.

Um exemplo curioso de certa visão sobre uma potência colonial europeia vem da notícia: “A FRANÇA, MELHOR AMIGA DA RAÇA NEGRA”. Em primeiro lugar, como um parêntese, cabe salientar que a notícia trás informações mais específicas sobre a África – o Daomé, no caso. Mas, voltando à visão sobre a França, é interessante como uma das maiores potências coloniais é vista como “melhor amiga da raça negra” por ter punido o proprietário de um Café por este ter expulsado um príncipe do Daomé:

Quando as portas do ruidoso “Café El Garron” se abriram nas horas da madrugada o outro dia, e sua **Alteza Real o Príncipe Kojo Tovalou Houenou** foi atirado no passeio, uma nova situação, mui extraordinária na vida do cabaret de toda a noite em Paris chegou a um clímax.

O príncipe é sobrinho de sua Magestade o **Rei Behanzim**, de **Daomé, África**, e é negro. O seu irmão, **Príncipe Mark**, lhe acompanhava, e quando eles se levantaram do solo chamaram a polícia e exigiram das autoridades a prisão do proprietário do Café.

(...)

Príncipe Kojo e seu irmão, **Príncipe Mark**, pertencem à família de **Daomé** – e **Daomé** é a mais importante colônia **africana** que a França possui. Quando Sua Alteza o Príncipe se queixou ao delegado de polícia, a gravidade da situação tornou-se imediatamente óbvia.

(*Clarim da Alvorada*, 25/01/1920, n.23)

Esta notícia deixa claro que a colonização europeia na África não era, em muitos momentos, um problema. A França é tida como “a melhor amiga da raça negra” e os estadunidenses como racistas. Inclusive, há notícias que relatam “normalmente” (sem referências ao caráter opressor da colonização) a colonização europeia na África. Apesar de não haver críticas profundas ao colonialismo, existem notícias que expõem conflitos, como o seguinte, encontrado no *Progresso*, sobre a África do Sul:

Novos encontros entre policiais britânicos e forças indígenas

Telegramas da **África do Sul** dão notícias de novos encontros entre policiais britânicos e forças indígenas de tendências nacionalistas e comunistas. Durante esses combates que foram violentíssimos as forças britânicas viram-se obrigadas a pedir os serviços da Aviação Militar que bombardeou acampamentos e trincheiras indígenas.
(*Progresso*, 15/02/1930, n.21.)

Voltemos mais uma vez, para finalizar, à análise das diferentes formas em que a África aparece nos textos que tratam do pan-africanismo. Citemos um texto proveniente do *Negro World*, presente no *Clarim da Alvorada*:

As mudanças que temos experimentado durante o grande período de trezentos anos, nos farão compreender e pensar na regeneração e consolidação de ideias a que devemos chegar aos filhos órfãos e deserdados, os descendentes da augusta **Etiópia**.
(*Clarim da Alvorada*, 3/02/1929, n.16)

Na passagem acima há referência à África como origem dos negros, só que, ao contrário da passagem anterior, que demarca como ponto de origem o Egito, esta demarca na “augusta Etiópia”. O mais presente nesses textos era a Etiópia como referência.

No *Getulino*, seis dos vinte e oito textos com referências à África tratam do movimento pan-africanista. Além do *Clarim da Alvorada*, o *Getulino* parece ter acompanhado com certa atenção o desenrolar do movimento pan-africanista. Mesmo assim, quando a África aparece nestes textos também é de forma superficial.

Estas reflexões foram-nos sugeridas pela notícia de que em Lisboa se encontravam, encarregada de uma missão importante e delicada, o Sr. Logan, secretário adjunto da “Association **Pan-Africaine**”. O nosso informador, um homem de cor, com influência indígena, numa das colônias portuguesas da **África Oriental**, explicou-se assim:

- Sabe você de que se trata? Eu lhe digo: os negros espalhados pelo mundo unem-se.
- Para que?...
- Para a conquista da **África!**

(*Getulino*, 20/01/1924, n.26, p.1)

Este artigo, proveniente de Portugal, noticia a organização de um Congresso pan-africanista. Neste contexto, África aparece quando se faz referência à *Associação Pan-africana*, à origem do Sr. Logan (secretário adjunto da Associação e um dos organizadores do evento) e ao objetivo do Congresso: a “conquista da África!”.

No artigo seguinte, que continua a notícia anterior, cita-se a Libéria como um governo que estava apoiando a causa pan-africanista:

“(...) **Libéria**, a progressiva república da **África Ocidental**, fundada por negros da Norte-América e por eles livremente administrada. Este governo tem-se feito representar por delegados especiais em todos os nossos congressos e segue, com muita atenção, os trabalhos de emancipação dos homens de cor espalhados pelo mundo”.
(*Getulino*, 3/02/1924, n. 28, p. 2)

O que queremos reforçar aqui é que essas aparições da África nos textos que tratam diretamente do pan-africanismo citam a África de forma superficial. Entretanto, é preciso destacar que as referências diretas à África, como veremos, contidas no *Progresso*, no *Clarim da Alvorada* e no *Getulino*, podem ser atribuídas direta ou indiretamente ao contato com o movimento pan-africanista. Como é o caso mais evidente do *Clarim da Alvorada* e suas publicações do *Negro World*.

Notícias da África na *Imprensa negra paulista*

Apesar de ser residual, é inevitável perceber que há, circulando em parte dos intelectuais da *imprensa negra*, certa identidade negra transnacional, da qual a África tem seu espaço. Vejamos a seguir quês notícias sobre a África circularam pelas páginas da *imprensa negra paulista* analisada.

Gráfico 6



A primeira conclusão evidente é que o *Progresso* mostra grande interesse direto para com o continente africano, enquanto o *Clarim da Alvorada*, o *Voz da Raça* e o *Getulino* demonstram muito menos interesse. Cabe lembrarmos que o *Clarim da Alvorada* e o *Getulino* se destacam por terem maior abertura a certo *Atlântico negro*, sobretudo o movimento pan-africanista e menos a África. Entretanto, este *Atlântico negro* incorporava, mesmo que em geral de forma superficial, a África. Já no *Voz da Raça*, a África merece menção sobretudo quando se trata do negro em território brasileiro. É interessante notarmos o fato de o *Voz da Raça* ter, em nossas contas, mais notícias da África que o *Clarim* e o *Getulino*.

Notícias sobre a África no *Progresso*

O *Progresso* é de longe o periódico analisado por nós que mais espaço dá ao continente africano. Encontramos ali vinte e sete textos que tratam diretamente da África. São eles:

- 1) “A coroação do novo rei da Etiópia: quem é hoje o soberano que ocupa hoje o trono do famoso Menelick.” (*Progresso*, 16/12/1928, n.7).
- 2) “Tafari, o Imperador Negro da Abissínia descendente da rainha de Sabá e do rei Salomão” (*Progresso*, 13/01/1929, n.8).
- 3) “Na África – as línguas que ali se falam”. (*Progresso*, 13/01/1929, n.8)
- 4) “Será garantido aos negros o trabalho nas minas da África do Sul. (*Progresso*, 24/03/1929, n.10)
- 5) “Em pleno século XX quatro milhões de escravos, vítimas de desumanas crueldades”. (*Progresso*, 24/03/1929, n.10)
- 6) “Bushman” (*Progresso*, 2/04/1929, n11)
- 7) “O trono do famoso Menelick”. (*Progresso*, 28/04/1929, n.11)
- 8) “Em Roma: Uma Igreja Abissínia”. (*Progresso*, 23/06/1929, n.13)
- 9) “Visita ao Negus da Abyssínia”. (*Progresso*, 28/07/1929, n.14)
- 10) “A África, berço da humanidade: afirma um ilustre geólogo”. (*Progresso*, 31/08/1929 n15)
- 11) “Ras Tafari”. (*Progresso*, 31/01/1930, n.20)
- 12) “Bloco Africano” (*Progresso*, 31/01/1930, n20)
- 13) “Continente Negro” (*Progresso*, 31/08/1930, n.20)
- 14) “Novos encontros entre policiais britânicos e forças indígenas” (*Progresso*, 15/02/1930, n.21)
- 15) “Um perigo que ameaça a França” (20/04/1930, n.23)
- 16) “A Imperatriz Negra”. (*Progresso*, 20/04/1930, n.23)
- 17) “Trono Preto: O Rei Tasfari tomará posse em janeiro”. (*Progresso*, 31/07/1930, n.26)
- 18) “O nascimento da questão racial na África do Sul”. (*Progresso*, 31/07/1930, n.26)
- 19) “A conversão ao catolicismo de dez milhões de Abissínios”. (*Progresso*, 20/08/1930, n.27)
- 20) “Rei da Etiópia”. (*Progresso*, 12/1930, n.31)
- 21) “A participação dos atletas negros africanos nas Olimpíadas” (*Progresso*, 12/1930, n.31)
- 22) “Curiosa confederação econômica dos negros africanos” (*Progresso*, 02/1931, n.33)
- 23) Prevenindo o mal. (*Progresso*, 31/05/1931, n.36)
- 24) “Alheios a picuinhas, com seu trabalho, os africanos assombram a Europa” (*Progresso*, 31/07/1931, n.38).
- 25) “Escravidão na Libéria” (*Progresso*, 20/09/1931, n.40)
- 26) “Quem escraviza seu semelhante é condenado a morte” (*Progresso*, 04/10/1931, n.41)

27) “Antiga civilização africana” (*Progresso*, 04/10/1931, n.41)

O que nos chama mais atenção é a presença maciça de notícias sobre a Etiópia. Dos vinte e sete textos encontrados, treze fazem referência àquele país; ou seja, praticamente a metade.

Dos treze textos sobre a Etiópia, dois fazem referência à escravidão; cinco ao catolicismo (além dos dois com referência ao catolicismo já no título, o que informa “A coroação do novo rei da Etiópia” diz ser o catolicismo um dos pilares do progresso da Abissínia; o que informa a “Visita ao Negus da Abissínia” refere-se à visita do arcebispo de Adis-Abeba ao rei da Abissínia; e o texto “Ras Tafari” informa sobre uma missão papal que visitou a Abissínia e se encontrou com o Ras Tafari); seis fazem referência à dinastia que governava a Etiópia (contando o texto “A coroação do novo rei da Etiópia” que também faz referência ao catolicismo) e o texto “Raymond de Sarka é um grande artista negro”, que apesar de ser sobre o filme “O preto que tinha alma branca”, começa dizendo: “Raymond de Sarka é um preto autêntico da Abissínia, cujo talento de artista de escol Paris já consagrara. Além de artista de grande valor, Sarka é um homem fino e elegante, um verdadeiro *gentleman* (...)”.

Subtraídas as referências à Etiópia, os dezesseis textos que sobram, com notícias sobre a África, fazem referência à questão racial, África do Sul, Escravidão, Libéria, civilização, barbárie, africanos na Europa, atletas africanos nas olimpíadas, serviços e política colonial, embate entre britânicos e “indígenas”, língua e cultura.

É bem evidente que há a intenção, por parte dos editores do *Progresso*, em difundir para seus leitores certo conhecimento sobre a África. As notícias abarcam a história africana, a África como berço da humanidade, a diversidade cultural e o desenrolar político no continente africano. Percebe-se que as notícias, de modo geral, vão no sentido da valorização do negro/africano, tanto quando remete-se ao passado quanto ao presente.

Em “Na África: as línguas que ali se falam”, o *Progresso* apresenta brevemente alguns dos “vastos domínios lingüísticos” do continente africano, citando o “árabe ao norte”, “o haussá no Sudão ocidental”, “o suahol na África oriental até o congo”. Em “Será garantido aos negros o trabalho nas minas da África do Sul”, é noticiado o fim da proibição ao trabalho de negros nas minas daquele país. Em notícia de 1931, é informado que pela primeira vez um negro – Blaise Diagne, deputado, pelo Senegal, do partido republicano socialista – assumiu um cargo no ministério francês (no caso, subsecretário das Colônias).

Apenas duas notícias tratam da colonização europeia: em “Bloco Africano” é citado um artigo de Henri Jouvenel, publicado na *Revue des Vivents*, onde o autor fala da necessidade de uma associação entre França e Inglaterra para uma harmoniosa colonização do continente africano. Já em “Prevenindo o mal” é informada uma campanha de vacinação que estava sendo feita pela França no Senegal.

Também apenas duas notícias difundem uma visão depreciativa do continente africano. A primeira fala da persistência da escravidão em solo africano e é intitulada “Em pleno século XX quatro milhões de escravos, vítimas de desumanas crueldades”. A segunda, intitulada “Bushman”, ressalta a África como o continente “onde se localizam as mais numerosas e variadas tribos de selvagens”, sendo a tribo cujo nome dá título a notícia citada como um exemplo.

Notícias sobre a África no *Clarim da Alvorada*

São seis os textos encontrados no *Clarim da Alvorada* que trazem notícias da África:

- 1) O único povo livre do Ocidente africano (*Clarim da Alvorada*, 01/07/1928, n.6)
- 2) Ainda há juízes (*Clarim da Alvorada*, 21/10/1928, n.9)
- 3) Congresso eucarístico na África Meridional (*Clarim da Alvorada*, 14/07/1929, n.18)
- 4) Monumento descoberto. (*Clarim da Alvorada*, 25/01/1930, n.23)
- 5) O novo imperador da Etiópia vai ser coroado em 2 de novembro. (*Clarim da Alvorada*, 28/09/1930, n.30)
- 6) A Etiópia é o nosso coração (*Clarim da Alvorada*, 26/07/1931, n.34)

Não parece ter havido muito interesse dos editores do *Clarim da Alvorada* pelo continente africano. Como podemos perceber, não são muitos os textos que tratam diretamente da África, apesar desses textos existirem e aparecerem de tempos em tempos durante todo o período em que o *Clarim* foi editado.

O primeiro texto trata da Libéria e o veremos com mais detalhe mais tarde. Aqui cabe somente ressaltar que o texto busca valorizar a Libéria.

O segundo texto sobre a África que aparece nas páginas do *Clarim da Alvorada* é intitulado “Ainda há juízes” (*Clarim da Alvorada*, 21/10/1928, n.9). Noticia-se uma “reunião da Liga das Nações para tratar da escravatura nas possessões europeias na África”. Segundo o *Clarim*, a reunião aboliu a escravatura no protetorado inglês de Serra Leoa – “graças ao excelente trabalho desenvolvido pelo governo inglês”, que libertara 200 mil escravos. Por fim, o *Clarim* comenta que “Felizmente a Liga das Nações tiveram olhos para esses infelizes, que só agora tiveram seu 13 de maio”.

Em seguida encontramos o texto intitulado “Congresso eucarístico na África Meridional” (*Clarim da Alvorada*, 17/07/1929, n.18), que anuncia a realização do Congresso Eucarístico da África Meridional, em Durban, trazendo informações sobre o catolicismo na região e sobre a cidade de Durban. Segundo o *Clarim* “Encontra-se ali a Igreja em frente de graves conflitos de raças” e acrescenta que a África Meridional tem sete milhões de católicos, divididos em vinte “circunscrições eclesiásticas”, dez vigaristas apostólicos e dez prefeituras. Sobre Durban, a notícia diz ser “a mais bela cidade da União Sul-Africana”, com 200 mil habitantes, sendo, em 1925, 70 mil brancos, 86 mil negros e mulatos e 25 mil asiáticos; tendo um total de 40 mil católicos.

O texto “Monumento descoberto” (*Clarim da Alvorada*, 25/01/1930, n.23) noticia a inauguração de um monumento, em Dakar (Senegal), aos soldados senegaleses, que lutaram no exército francês, mortos durante a Primeira Guerra Mundial.

Em “O novo imperador da Etiópia vai ser coroado em 2 de novembro” (*Clarim da Alvorada*, 28/09/1930, n.30) noticia-se a coroação no Negus Tafari. Na notícia frisa-se sobretudo a situação de independência da Etiópia: “

“Este Império **africano** que desde os tempos bíblicos de Salomão, tem se mantido independente, graças a heroicidade de seu povo, e a inteligência de seus governos, como foram a famosa **Rainha de Sabá** e o glorioso **Menelick** até a **imperatriz Judith**, recentemente falecida (...)”

A notícia ainda comenta a presença de representantes da França, Inglaterra, Itália e EUA na coroação, dizendo que a razão para tais presenças era o fato desses países terem possessões que cercam a Etiópia, o que era fato de preocupação para este país:

“Daí nota-se bem com que dificuldade o vasto e rico território independente, deve lutar para com tamanho cerco. Essa é a verdadeira razão da amizade dessas potências que dispõe de toda a passagem livre, comercial e militar, da nação **etiópica**, para o resto do

mundo. Essa amizade é tão perigosa que, a **Etiópia** alistou para sua garantia a Liga das Nações... Mas, ao nosso ver, essa liga pouco garante a liberdade dos povos oprimidos”.

O último texto diretamente sobre a África encontrado no *Clarim da Alvorada* também é sobre a Etiópia e foi intitulado “A Etiópia é o nosso coração” (*Clarim da Alvorada*, 26/07/1931, n.34). Segundo nota do *Clarim* este texto foi retirado do *Negro World* e escrito pelo colunista negro Andronicus Jacobé. Nele a Abissínia é identificada como um “território livre” e é destacada a vitória de Menelick II sobre os italianos. A partir daí, segundo o artigo, “o mundo tem reparado que a Etiópia é por sua enseigne, uma nação de valor”. Por fim, o texto alerta que a Etiópia deve manter-se “vigilante em respeito as astúcias do homem branco” e em alerta para as intenções dominadoras de Mussolini.

Notícias sobre a África no *Getulino*

São três os textos encontrados no *Getulino* que tratam diretamente da África.

- 1) Um grande homem da raça negra. (*Getulino*, 28/10/1923, n.14)
- 2) O tráfico de escravos no Mar Vermelho – Em pleno século XX. (*Getulino*, 9/12/1923, n.20)
- 3) A Abissínia: Menelick e seu sucessor – o passado e o presente. (*Getulino*, 20/01/1924, n.26)

A primeira notícia traz a informação do falecimento do “preto Khama”, “chefe dos bamanguatos” habitantes da Colônia do Cabo da Boa Esperança. A notícia diz que “os jornais ingleses classificam o saba[??] como um grande homem” com “valor físico e moral”. Destaca também a ida de Khama a Londres em 1895, onde conseguiu, junto à rainha Vitória, a independência de seu povo frente a Companhia do Cabo. A notícia ainda traz a informação de que os bamanguatos “tem sua sede em Seroga, cidade com uma população de 17.000 habitantes” e que este povo pratica a poligamia – pratica que foi alvo, segundo a notícia, de “uma tenaz propaganda” por parte de Khama.

A segunda notícia dá conta da existência do tráfico de escravos no Mar Vermelho e que esses escravos eram “geralmente apanhados entre as tribos da costa e vendidos aos árabes”. O texto ainda informa sobre os “empenhos” da marinha inglesa no combate a este comércio naquela região.

A última notícia sobre a África encontrada por nós no *Getulino* faz referência à Abissínia. Como a maioria dos textos que encontramos na *imprensa negra* sobre a Abissínia, o primeiro ato é frisar a independência do país. No caso, a Abissínia é apresentada como “a única nação livre e independente em toda África, fora o Egito e Libéria”. Em seguida, o texto expõe a existência maciça da escravidão naquele país, sobretudo na capital, Adis Abeba e faz-se um elogio ao “tempo de Menelick”: comenta-se o “espírito progressista” de Menelick e a segurança do país “naquele tempo” – “uma criança podia conduzir uma vaca da capital ao mais remoto ponto da Abissínia”, da construção da capital Adis Abeba, “bancos, escola, saneamento, abastecimento d’água, hospitais e um regime definido de direito e de ordem”. Compara-se o “tempo de Menelick” ao “atual” abandono de sua infra-estrutura e da insegurança. Por último, o texto frisa que a Etiópia é uma nação cristã desde o século IV.

Notícias sobre a África no *Voz da Raça*

- 1) De Além-mar. (*Voz da Raça*, 18/03/1933, n.1)
- 2) A Voz da Raça. (*Voz da Raça*, 30/09/1933, n.22)
- 3) In memorian. (*Voz da Raça*, 23/06/1934, n.39)
- 4) A arte negra na Civilização Contemporânea. (*Voz da Raça*, 11/08/1934, n.41)
- 5) O Lobo e o Cordeiro. (*Voz da Raça*, 23/11/1935, n.49)
- 6) Uma tradição que se destruiu. (*Voz da Raça*, 07/1936, n.55)
- 7) Verdades autênticas (*Voz da Raça*, 12/1936, n.60)

Em “De Além mar” (18/03/1933) noticia-se uma carta proveniente de Lourenço Marques (Moçambique) na qual o autor diz ter chegado àquela cidade a informação de que foi fundada no Brasil a “Frente Negra”. Em seguida, pede-se que se envie pelo correio “publicações que contivessem os objetivos desta empresa”.

O texto seguinte, de 30/09/1933, informa sobre uma carta escrita pelo professor Magalhães Salgado sobre sua viagem à África do Norte. Diz Salgado que, após ir à Inglaterra, foi “conhecer a terra de meus avós” e que visitou o túmulo do “grande Marabá”, no Bosque Sagrado e o poço de Mãe nagóo, no Qed Kebir.

O terceiro texto encontrado no *Voz da Raça* que trata diretamente da África é a notícia da morte de A. Diagne, em 23/06/1934. Senegalês, deputado no Parlamento francês, diz a notícia que Diagne era “grande colaborador da raça negra universal” e que

“desde muito moço revelou o maior pendor pela política e negócios administrativos da sua região”.

O texto seguinte é também uma notícia, de 1/08/1934, da existência de um museu “criado pelo saudoso Leopoldo II, rei dos Belgas, na pitoresca cidade de Talveurem (Congo Belga)”. A notícia busca valorizar as criações artísticas da raça negra: diz que no dito museu foram reunidas “todas as criações da raça negra, o que constitui verdadeiro tesouro de coleção preciosa que a noite dos séculos só lhe aumentou o valor”.

O quinto texto fala sobre a “pendência Ítalo-Etiópe”. Silvério de Lima protesta, em 23 de novembro de 1935, contra a invasão da Etiópia pelos italianos e diz: “A conquista da Etiópia pelos processos tão ostensivos e violentos além de ser uma verdadeira iniquidade, atenta diretamente contra os brios de uma razão de raízes fundadas no convívio universal”. O texto seguinte também é de Silvério de Lima. Agora Lima, em julho de 1936, reforça o protesto contra a dominação da Etiópia pelos italianos.

O sétimo e último texto encontrado no *Voz da Raça* que se refere diretamente à África é mais um escrito por Silvério de Lima. Neste artigo, Lima fala sobre o “desenvolvimento progressivo que se vem operando no antigo e misterioso continente negro, mormente na sua rica e privilegiada região sul”. São citados como exemplos o desenvolvimento de esportes, da eletricidade, do telégrafo, da radiotelefonia, da automotorização e da criologia. Lima, por último, destaca a cidade de Ibadan que

“destacou-se na construção do seu belo Hotel de Ville (Paço Municipal) para a reunião da edilidade e departamentos acessórios aos serviços públicos. JERBA, grande centro ferroviário agrupa 17 mil empregados especializados entre os quais apenas 330 são europeus ou desta origem. A engenharia apresenta-se nas suas maiores expressões pelas construções de modernos hospitais, notáveis edifícios públicos e particulares, ferrovias, pontes, barragens, usinas e outros serviços vultosos”.

Uma das primeiras referências à África encontrada no *Voz da Raça* nos faz pensar que existiam contatos entre membros do *Voz da Raça* com o continente africano, especificamente, no caso, com Moçambique, então colônia portuguesa. O documento é uma carta, noticiada em 18 de março de 1933, na primeira edição do *Voz da Raça*, cujo autor, Mário Ferreira, redator do jornal de Lourenço Marques (capital Moçambicana, atual Maputo), cumprimenta pela formação da *Frente Negra Brasileira*, dando conta de

que a criação da FNB foi noticiada em alguns jornais e pedindo que seja enviada pelo correio “publicações que condensem os objetivos desta empresa”.

DE ALÉM-MAR

Do Sr. Mário Ferreira, redator do jornal “Tribuna D’África que se dedica em Lourenço Marques, África Portuguesa, recebeu a Diretoria da Frente Negra Brasileira a seguinte carta.

Lourenço Marques, 23 de janeiro de 1932.
Exmos. Snrs.

Diretores da “Frente Negra”.

S. Paulo – Brasil

Noticiam os jornais desta cidade que acaba de ser fundada em S. Paulo a “Frente Negra”, cujos objetivos em suas linhas gerais é a defesa de todos os direitos da Raça Negra.

Como nativo e no intuito de contribuir com a minha cota parte para o progresso da Raça, venho rogar a V. Excias, a subida fineza de me enviar pelo primeiro correio publicações que condensem os objetivos desta empresa. Os jornais que publicam essa notícia não explicam se se trata dum jornal ou duma agremiação.

Na esperança todavia de que V. Exias, acolherão este meu pedido, gentileza que muito antecipadamente agradeço, firmo-me com toda a consideração, desejando à empresa a que V. Excias. Abraçam mil prosperidades.

Fé e União.

(a) Mario Ferreira

(*Voz da Raça*, 18 de março de 1933, n.1, p.4)

Quase dois anos depois, encontramos outro texto que nos indicam um possível contato com a “África portuguesa”. O “Discurso oficial pronunciado pelo Dr. Arlindo Veiga dos Santos na sessão solene de 22 de setembro”, publicado em novembro de 1935, nos faz crer que algumas pessoas de algum lugar da África portuguesa estabeleceram contatos mais consistentes ou mesmo visitaram a *Frente Negra Brasileira*. Diz Arlindo dos Santos na parte final de seu “Discurso”:

“E a vós, negros da **África Portuguesa** que comungastes conosco a hóstia da esperança, a vós, negros do outro lado do mar que obedecéis às leis da mesma língua e civilização nossas, a vós a saudação dos frentenegrinos do Brasil!”

(*Voz da Raça*, 23/11/1935, n.49, p.4)

Esses “negros da África portuguesa” a qual se refere Arlindo dos Santos podem ser os mesmos que fizeram contato por carta em 1933. Entretanto, não temos mais informações a esse respeito.

Seja como for, estes documentos nos mostram que houve possibilidades de contato desta militância negra paulista com partes do *Atlântico negro* – Moçambique, no caso – que poderia ser ativado ou não. No caso, parece que não houve maiores aproximações, pois não encontramos nenhum documento, além dos dois textos acima citados, e nenhuma referência na bibliografia especializada que indiquem tal aproximação. Esta carta parece representar, sobretudo, interesses de moçambicanos em estabelecer contato com movimentos negros internacionais e demonstra que eles estavam antenados com o que acontecia no mundo e que pudesse ser alvo de alguma solidariedade racial.

Fica evidente na leitura do conjunto das notícias sobre a África nos quatro jornais que o grande destaque é a Etiópia, ou Abissínia, como também era chamado aquele Estado africano independente. Vejamos com mais vagar as referências à Etiópia a seguir.

África: Etiópia/Abissínia

Antes de apresentarmos as referências à Etiópia e Libéria na *imprensa negra*, é importante realizarmos uma rápida contextualização sobre a situação desses dois países na década de 1920 e 1930, o que certamente ajudará a entender como eles emergiram como símbolos internacionais no *Atlântico negro*, sobretudo a Etiópia.

Como já foi dito, a vitória da Etiópia de Menelick em 1896 frente aos italianos alçou este país e seu líder ao patamar dos grandes símbolos internacionais dos negros durante as primeiras décadas do século XX. Num contexto de feroz avanço imperialista europeu no continente africano, a vitória de uma nação africana contra uma potência europeia tornou-se símbolo de ancestralidade, liberdade e resistência entre diversos grupos afro-descendentes pelo mundo. Afinal, a Etiópia conseguiu, naquele momento, se manter como um Estado africano independente. Além da Etiópia, apenas a Libéria conseguiu manter este status (MAZRUL, 2010: 2).

Negros na Europa, Estados Unidos, Caribe e Brasil voltaram-se para a Etiópia. O haitiano Benito Sylvain, uma das primeiras lideranças do pan-africanismo, realizou quatro viagens à Etiópia, entre 1889 e 1906, como mensageiro do presidente Alexis, do Haiti. Willian H. Ellis norte-americano de origem cubana, visitou o país duas vezes, em

1903 e 1904, com o intuito de estabelecer projetos de desenvolvimento econômico e de entrada de negros norte-americanos (MAZRUL, 2010: 307). No Brasil, Etiópia e Menelick tornaram-se referências dentro de populações afro-descendentes. Na Bahia, no Rio Grande do Sul, em São Paulo, blocos carnavalescos faziam referência à Etiópia. Como já foi dito, os fundadores do primeiro jornal da *imprensa negra paulista* (1915) homenagearam o rei etíope recém falecido (1913) ao intitular o jornal de *O Menelick*. José Correia Leite afirmou que muitos italianos em São Paulo, no começo do século XX, chamavam, pejorativamente, os negros de Menelick.

A Itália era uma das potências europeias mais interessadas no controle da região conhecida como o *chifre africano* – seguida por Inglaterra e França. Durante as últimas décadas do século XIX houve algumas tensões e operações militares na região e a Itália se estabeleceu no que ficou nomeada Eritréia – região antes pertencente à Etiópia e que, com o controle italiano, acabou por separar a Etiópia do mar.

Até a década de 1930, a Itália realizou diversas tentativas diplomáticas e militares para controlar a Etiópia. De 1894 a 1896 ocorreu um grande e decisivo conflito entre os dois países, cujo resultado foi a primeira grande vitória militar de um país africano contra o avanço imperialista europeu. A vitória militar contra os italianos e a consequente manutenção de sua independência, num contexto de controle crescente das potências europeias na África, gerou grande prestígio ao país e alçou a Etiópia e Menelick, então o Ras da Etiópia, que comandou a rechaça à tentativa italiana, a símbolos internacionais dos movimentos negros espalhados pelo mundo (MAZRUL, 2010: 299-307). Isso explica a presença da Etiópia em periódicos da *imprensa negra*. Como vemos na notícia sobre a coroação do novo Imperador da Etiópia em 1930, publicada no *Clarim da Alvorada* e que começa destacando a independência daquele país “desde os tempos bíblicos”:

Este **Império africano** que desde os tempos bíblicos de Salomão, tem se mantido independente, graças a heroicidade de seu povo, e a inteligência de seus governos, como foram a **famosa Rainha de Sabá** e o **glorioso Menelick** até a **imperatriz Judith**, recentemente falecida, vai celebrar com toda a solenidade, em 2 de novembro, conforme as últimas notas telegráficas, a coroação de seu novo imperador – O **Negus Tafari**. (...) (*Clarim da Alvorada*, 28/09/1930, n.30)

Ou ainda, num texto publicado originalmente no *Negro World* pelo colunista Andronicus Jacob e levado às páginas do *Clarim da Alvorada*, em que vemos a Etiópia

como símbolo neste mundo negro e o destaque dado a sua permanência como Estado independente, mesmo sob constante pressão europeia:

(...)

Graças aos céus, a **Abissínia** é um território livre, apesar de desprotegido, o seu chefe sabe dirigir os seus negócios internos e externos da nação.

A **Abissínia** veio a proeminência sob a chefia do genial negro que foi **Menelick II**, derrotando a Itália, a exemplo do Japão que chegou a séria consideração pelas potências brancas que pensam que Deus todo poderoso fe-los chefes exclusivos do globo terrestre, quando ele (Japão) rechaçou o imperialismo arrogante da Rússia, com o seu Tsarismo.

O mundo tem reparado que a **Etiópia** ainda é por sua insigne vitória, uma nação de valor.

O Mundo Negro, nos seus editoriais, tem feito observações à nação **etiópica**, nesse encaminhamento de uma política de expansão, o dever de sempre se manter vigilante com respeito as astúcias do homem branco.

(...)

(*Clarim da Alvorada*, 26/07/1931, n.34, p.3)

Menelick buscou, na tentativa de manter sua independência frente ao avanço italiano, se aproximar de França e Inglaterra e, a partir daí, promover certa modernização do país através, por exemplo, da construção de ferrovias, modernização das forças armadas, ligação por telégrafo e telefone da capital com as sedes provinciais. Melelick morreu em 1913 e se tornou um mártir.

O viés “modernizador” de Menelick era um dos destaques da Abissínia na *imprensa negra*. O único texto sobre a Abissínia presente no *Getulino* foi publicado em janeiro de 1924 e tem o título *A Abissínia, Menelick e seu sucessor: o passado e o presente*. Um dos trechos do artigo diz o seguinte:

Poucos países revelam, como a **Abissínia**, tão assinalada mudança em tão curto período que são os dez anos decorridos desde a morte do seu “velho grande homem”, **Menelik**, cujo espírito progressista era por tal forma notável que a Itália achou acertado conceder a independência ao seu antigo império da **Etiópia**.

No tempo de **Menelik**, uma criança podia conduzir uma vaca da capital ao mais remoto ponto da Abissínia, sem ser molestada; mas hoje, essa mesma criança, agora homem, seria arrebatada antes de ter caminhado muito e vendida como escravo em alguma cidade distante.

Durante o seu reinado de um de quarto século, o velho rei construiu a sua capital, abriu estradas, construiu linhas férreas, instalou telefones, promoveu a criação de bancos, escolas, saneamento, abastecimento d'agua, hospitais e em regime definido de direito e de ordem. Hoje, a sua estrada de ferro está sob direção francesa e depende da França financeiramente, as ruas encontram abandonadas e as próprias ligações estrangeiras são constrangidas a se barricarem contra os salteadores. (*Getulino*, 20/01/1924, n.26, p.1)

Outro ponto importante de frisar é a forte presença e importância da Igreja Ortodoxa na Etiópia. Cercada por Estados islâmicos, a Etiópia mantinha-se como um Estado Cristão e utilizava-se disso em suas aproximações com o Ocidente. No *Progresso* vemos destaques à relação da Etiópia com o cristianismo e a valorização disto como mais um elemento positivo daquele país. Como vemos em notícias como “Em Roma: Uma Igreja Abissínia” (*Progresso*, 23/6/1929, n.13) e “A conversão ao catolicismo de dez milhões de Abissínios” (*Progresso*, 20/8/1930, n.27).



Membros da guerrilha etíope durante a luta contra a invasão italiana (Fonte: *Revue Noire*, 1998, p.146).

Figura 19

Em 1935, a Itália, agora Fascista, sob o comando de Mussolini, voltou à tentativa de dominação militar da Etiópia. Em 1936 o exército italiano ocupou a capital Adis Abeba e a dominação na região se manteve até 1941, quando a Etiópia, com a ajuda da Inglaterra, já no contexto da Segunda Guerra Mundial, retomou sua independência (MAZRUL, 2010: 867-870).

O *Voz da Raça*, único dos quatro periódicos analisados que ainda circulava nos anos de 1935 e 1936, não deixou de registrar o novo avanço e conquista Italiana na Etiópia em dois artigos de Silvério de Lima, já mencionados nesse capítulo. O primeiro, de 21/11/1935, intitulado “O Lobo e o cordeiro”, fala da “pendência Ítalo-etíope” e é um grito contra o novo avanço italiano:

(...)

Essa luta que se desenha sob traços tão sóbrios, manteve-se a perspectiva de uma honrosa desgraça com deslocação universal, porque, não é crível que o mundo se deixe algemar para assistir prélio tão fulminante e – simplesmente desigual; que se seria fatalmente a derrocada da justiça, o predomínio da força bruta em opressão ao direito do mais fraco, barbarismo que não deve prevalecer em plena civilização de nossos dias; princípio contra os quais insurgiu-se valorosamente o espírito do inolvidável apóstolo do direito: Rui Barbosa, quando na representação do Brasil em Haia. A conquista da **Etiópia** pelos processos tão ostensivos e violentos além de ser uma verdadeira iniquidade, atenta diretamente contra os brios de uma raça de raízes fundadas no convívio universal; prevalecerá sobre tudo, um precedente perigoso equivalendo constante inquietação para todos os povos pequenos e os não militarizados que desse modo serão resumidos a **Abissínia**, tantas e quantas vezes as necessidades e os apetites dos mais fortes assim entenderem e exigirem. (...)

(*Voz da Raça*, 23/11/1935, n.49)

Oito meses depois, em julho de 1936, Silvério de Lima volta ao *Voz da Raça*, agora para lamentar a conquista da Etiópia pelos Italianos. Em “Uma tradição que se destruiu”, Lima diz:

Com ou sem a sua homologação o mundo inteiro assistiu o desenvolvimento para o golpe mais violento e épico que se desferiu no longo curso da sua história. Impulso de ordem inteiramente e sentimental induziu-nos a voltar a este assunto de extrema delicadeza, e, o fazemos não para comentá-lo na sua contextura política simplesmente para lastimá-lo em toda a sua dolorosa trajetória de aflições e de martírio, mormente no seu desfecho final o que não se quis ou procurou-se evitar. Sabia-se perfeitamente que a **Etiópia** prendia à cauda da sua civilização incompleta velos costumes antagônicos aos tempos que vivemos. Certo é também que não deve existir ninguém na ignorância de que fora esse o móvel principal para que se lhe levasse a guerra e conseqüente destruição porquanto se tal “zelo” prevalecesse, não teriam existência as tantas civilizações bem próximas que ainda adotam nos seus códigos e leis penais castigos tais, cuja execução horrorizam e revoltam, revivendo o triste ressaibo dos tempos da barbárie. O maior crime que se lhe acusavam era o da prática e manutenção do comércio de gado humano, entretanto, a história mostra-nos em todas as idades que poucos foram os povos que não se aproveitaram desse “mercantilismo” repugnante e iníquo para formação básica e estabilidade das suas economias, e não faz a mínima alusão de que fosse a **Etiópia** o seu último reduto sobre a terra. Seja finalmente como for – os meios dos quais lançou mão para destruição do Império mais velho do mundo, foram dos tais que ultrapassam todos os sentimentos de justiça humana para atingirem as raias da mais requintada crueldade dilatando-se na mais flagrante ameaça a todas as soberanias que se fundamentam menos no direito da força que na força do direito.

RELIQUIA DA FAZENDA

Devemos á escravidão, a pagina de dores que se encontra na nossa historia.

Esses relatos de angustias e torturas, desapareceram, devido a liberdade, que aqui desfructam, os tyrannizados de ontem. O Brasil, que fora apontado a dedo, como o unico paiz que via indifferente, seres humanos, escravizados, expia assim uma culpa que lhe impuzeram.

Os que soffreram as consequencias da lei iniqua, sao os primeiros a concorrer para o desenvolvimento da Republica trabalhando harmoniosamente com todos que nella morejam os quaes, desvotando-lhes as prerogativas de cidadãos, abrio-lhes tambem os braços considerando-os irmãos.

Qualquer coisa que occorrer com a «reliquia da fazenda», está claro que ella sempre tem razão...

Pedro Maia está em perfeito uso de todas suas faculdades.

Homem virial e destorcidos, mais guapo que muita gente de 60 e até 50 annos.

Contaram a Pedro Maia aquella descoberta de Voronoff.

E elle riu-se a valer do sabio russo, cuja sapiencia, por enquanto, de nada lhe apraz...

Ras Tafari

Partiu no dia 26 de Novembro para Etiópia uma missão papal extraordinaria, chefiada pelo bispo titular de Seleucia, Monsenhor Francesco Marchetti, a qual apresentou ao Ras Tafari os cumprimentos de Sua Santidade, no palacio de Adis-Abeba.

O legado papal entregou á Imperatriz Zeditou um bello collar de estylo e trusco e uma carta do pontifice fazendo votos pela sua felicidade.

Entre outros presentes que

Pio XI enviou ao Ras Tafari conta-se um magnifico quadro a oleo, representando as duas creanças Rastamés (Chari e Gino Gaevoli, as quaes, fazendo buraco na terra, provocaram um derruimento de terras, ficando sepultadas vivas.

Cotegipe

Celebrou-se em 1915 o centenário do nascimento do Barão de Cotegipe, um dos estadistas de maior nomeada do Brasil imperial e aquelle, depois de Rio Branco pae, cujo nome se acha vinculado a extincção do captivo, de quem a memoria melhor se conserva entre as classes menos esclarecidas, mercê da tunda e geral impressão causada pelo seu vaticinio do desaparecimento do regimen monarchico, motivado pelo modo por que o llano levou a cabo, sem respeito nos interesses conservadores, a grande reforma economica e social da abolição do elemento seruil. Cotegipe foi de facto um homem de Estado dotado de argucia, de descortino e de previsão, e foi especialmente um diplomata no sentido mais largo da palavra, não na de mero executor com mais meudo geito de ordens recebidas, mais no de inspirador de actos e gestos de que se avoca a responsabilidade.

Anno Bom

Anno novo! A esperança resurge. Em todos os corações ha alegria e todos os espiritos se concentram na ansia de descontinuar, através do incognito dos dias que hão de vir, o que o destino lhes reserva no futuro.

Por mais que o progresso penetre a razão das coisas e a civilização se esforce por desfazer, uma por uma, as lendas que o povo, na sua grande superstição, guarda dentro em sua alma, ainda perdura a certeza de que um anno é differente do outro. A uns os annos impares são synonymos de paz e de conforto. A outros os impares é que são virtuosos, repletos de acontecimentos salvadores mensageiros de felicidades completas. Estes esperam ansiosos os primeiros raios da aurora do 1.º de Janeiro para adivinhar, através da nuvem, de uma gotta de chuva, de uma estrella cadente, conforme os seus conhecimentos planetarios-supersticiosos, o grau de riqueza ou de bem estar, de tristeza ou de desventuras que os trezentos e sessenta e cinco dias reservam para si os para o seu lar. Aquelles preferem não ver o passar dos annos; deitam-se cedo, cobrem bem a cabeça, tapam os ouvidos, fazendo o questão, apenas de, ao levantar, dar o primeiro passo com o pé direito...

Clarim da Alvorada

Passou no dia 6 de Janeiro o 6.º anniversario do «Clarim da Alvorada» nesse longo espaço de tempo, aquella folha pelos seus cultos dirigentes, tem orientado a opinião publica, guiando por claras veredas a mocidade negra brasileira, de quem é orgam legitimo.



Tirando aérea no Rio Tietê

Figura 20 : Uma página do Progresso contendo uma notícia sobre a Etiópia – Ida de missão papal ao país para encontro com o Ras Tafari e a Rainha Zeditou (Progresso, 21/01/1930, n.20, ano2, p.3).

Libéria

Outra referência que aparece, não tanto quanto a Etiópia, na *imprensa negra* analisada é a Libéria.

Colonizada em 1822 pela *American Colonization Society*, ligada à empresa *Firestone*, a Libéria se torna independente em 1847 (ILIFFE, 1995: 282; MAZRUL, 2010: 285). Como a Etiópia, a Libéria conseguiu atravessar o período de avanço imperialista europeu sem se tornar uma colônia ou protetorado (apesar de ter perdido parte de seu território). Este fato tornou também a Libéria uma referência para alguns militantes negros. Foram encontrados dois textos, nos quatro periódicos, que noticiavam a Libéria. O primeiro texto, encontrado no *Clarim da Alvorada*, é intitulado “O único povo livre do continente africano”, como diz o título do artigo que começa ironizando o estereótipo que circulava sobre a Libéria: “Entre os canibais da Libéria vive-se melhor que nas colônias da “civilização européia” para expor o desconhecimento que se tem sobre aquele país na maior parte do Ocidente. Diz ainda, A. H. Mattar, autor do texto:

Dos países **africanos** independentes, governados por negros, a **Libéria** e a **Abissínia** são muito desconhecidos principalmente na América do Sul. A sua cultura, o seu comércio, a sua indústria, a sua civilização, e a sua educação permanecem ignorados. (*Clarim da Alvorada*, 01/07/1928, n.6)

Destaca-se no texto o fato da Libéria ser “o segundo país da África governado por gente africana”; que este país faz “o possível para acompanhar a marcha do progresso”; que a Libéria não adota a “política dos empréstimos”, temendo perder sua independência política; e que guerras e revoluções não figuravam no horizonte liberiano “como em outros países bafejados pela civilização das potências”. Mattar busca passar um pouco de informação sobre a Libéria valorizando este país.

Mas, notícias sobre a Libéria não eram selecionadas visando somente enaltecê-la. O outro texto encontrado sobre a Libéria vem do *Progresso* e é uma notícia sobre o retorno de uma Comissão da Sociedade das Nações que foi à Libéria checar a existência da escravidão naquele país:

Escravidão na Libéria

A comissão de peritos nomeada a pedido da comissão encarregada de dar parecer sobre a Libéria, em consequência do relatório internacional da existência da escravidão naquele país africano, regressou a Genebra depois de investigar sobre o assunto de que foi investida.

A comissão vai apresentar agora o seu relatório que será submetido a comissão especial da Sociedade das Nações, presidida pelo Sr. Henderson, ministro dos Negócios Estrangeiros da Inglaterra.

(*Progresso*, 20/09/1931, ano 4, n.40, p.2)

A Libéria não foi uma referência tão importante quanto a Etiópia dentro da *imprensa negra*, seu aparecimento se restringe a esses dois textos expostos. Entretanto, são textos que expõe visões sobre aquele Estado independente. O primeiro, um artigo autoral, buscava enaltecê-la. O outro, uma notícia vinda de Genebra, relata a investigação sobre a escravidão na Libéria.

Os interessados pela África e fontes de informação

Neste tópico pretendemos destacar os nomes que parecem ter maior interesse pela África nos quatro jornais analisados.

No *Progresso*, principal jornal no que diz respeito à aparição de textos que tratam diretamente do continente africano, nenhum dos textos é autoral. Todos são notícias vinculadas no periódico. Portanto, parece ser o caso mais evidente dos responsáveis pela produção deste periódico terem diretamente responsabilidade pela aparição desses textos. O *Progresso* tinha como diretores Argentino de Celso Wanderley e Euclides S. dos Santos, como gerentes Manoel Conceição e Horácio Cunha e como editor Lino Guedes. De fato, não sabemos como, na prática, se dava a escolha do conteúdo do jornal, entretanto, parece-nos correto pensar que Lino Guedes, por ser o editor, era o maior responsável.

Domingues também afirma a responsabilidade de Lino Guedes pela existência de certa perspectiva transnacional no *Progresso* (DOMINGUES, 2010: 146). Fato que parece se comprovar ao constatarmos que em outro periódico em que Lino Guedes era editor, o *Getulino*, também tinha as portas abertas a determinado *Atlântico negro*. É

possível que Lino Guedes seja o autor dos textos com pseudônimo Booker no *Getulino*. Heloisa Gomes comenta a aproximação das ideias de Lino Guedes e Booker Whashington, que “exortava a população negra dos Estados Unidos ao trabalho, à educação, à prosperidade e conferia o acesso a propriedade o estatuto de respeitabilidade” (GOMES, 2011: 353). Dos três textos do *Getulino* que tratam diretamente da África, nenhum é autoral. O que nos faz colocar essas aparições na conta de seus redatores: Gervásio de Moraes e Lino Guedes.

A partir da leitura dos textos com referências à África no *Progresso* percebemos o contato com agências internacionais de notícias, além de outras referências que podem ter se originado dessas agências de notícias ou pegadas em outras fontes, como outros jornais locais ou nacionais, ou mesmo estudos acadêmicos.

A notícia “Será garantido aos negros o trabalho nas minas da África do Sul” (*Progresso*, 24/03/1929, n.10) começa com o seguinte trecho: “um despacho de Londres para a Agência Americana informa...”. Também outros dois textos deixam transparecer as fontes: a notícia “Novos encontros entre policiais britânicos e forças indígenas” (*Progresso*, 15/02/1930, n.21) começa afirmando que “Telegramas da África do Sul dão notícias...”; assim como “Prevenindo o mal” (*Progresso*, 31/05/1931, n.36) cujo texto afirma que “comunicam de Dakar (Senegal)...”.

Com referência aos nomes que encontramos junto a informações, ou apenas citações, sobre a África temos: Marco Polo e seu “Milione”, Padre Claire e o historiador Boagatti – esses são citados no texto “Em Roma: uma Igreja Abissínia” (*Progresso*, 23/06/1929, n.13) cujo conteúdo traz informações sobre as relações da Etiópia com o Vaticano. A notícia “África, berço da humanidade: afirma um ilustre geólogo” (*Progresso*, 31/08/1929, n.15) faz referência à expedição geológica Cameron-Cable. Outro texto que traz notícia de expedição é o “Continente Negro” (*Progresso*, 31/01/1930, n.20) que se refere à expedição feita pelo inglês H. R. Cope Morgan. Já o artigo “Bloco Africano” (*Progresso*, 31/01/1930, n.20) contém uma transcrição de um artigo de Henri de Jouvenel, publicado na “Revue des Vivants”, em Paris. O professor Leo Frobenius, “eminente especialista do folclore pré-histórico africano” é citado em “Antiga civilização africana” (*Progresso*, 04/10/1931, n.41).

No *Getulino* são vinculados diversos textos de Evaristo de Moraes em que encontramos referências à África. Advogado trabalhista, jornalista e intelectual³⁹, Evaristo atuava como advogado sobretudo para pobres e operários (BARCELOS, 2006: 15). Foi colaborador do *Getulino* e um dos destaques no que se refere a textos com referências à África (em textos que não têm a África como objeto central). Quatro dos vinte e cinco textos com referências à África foram assinados por Evaristo de Moraes: “Um abolicionista de primeira hora”; “O negro nos Estados Unidos e no Brasil”; “A raça negra e a gratidão nacional” e “O papel do escravo na civilização brasileira”. Os textos de Moraes vinculados no *Getulino* apontavam para a valorização do negro. São constantes as citações à Sílvio Romero quando se trata de frisar a importância e o valor do africano na formação brasileira. Evaristo também cita Eunápio Deiró, Frederic Von Martius, Fr. Camillo de Monteserrate, General Conto de Magalhães, Tobias Barreto, Arthur Orlando, Clóvis Bevilacqua, Martins Júnior. Negativamente, Moraes cita Conde de Gobineau e Georges Vacher de Lapouge.

Em “A raça negra e a gratidão nacional”, Evaristo de Moraes começa citando uma passagem tirada do “Jornal do Brasil” sobre a ausência histórica de direitos por parte dos negros brasileiros. Em seguida, cita Martius (“Como se deve escrever a História do Brasil”, presente na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro) e Fr. Camilo de Montesenrat (citado a partir de sua biografia, escrita pelo Barão de Ramiz de Galvão e constante nos Anais da Biblioteca Nacional, vol. XII, págs.204 e 398-400). Ambas as obras são citadas na tentativa de exemplificar autores que buscaram dar foco ao negro brasileiro.

Em “O papel do escravo na civilização brasileira” (*Getulino*,12/08/1923, n.3), Evaristo de Moraes fala da escravidão como “fator irrecusável da nacionalidade brasileira”. A “África” aparece quando o autor cita Sílvio Romero e Eunápio Deiró. De Sílvio Romero é retirada a seguinte passagem: “O negro fruto da escravidão africana, foi o verdadeiro elemento, econômico, criador do país e quase o único” (extraído do “Compendio de Literautura”, de Romero). Já de Eunápio Deiró é extraída a seguinte: “Os africanos civilizaram campos, enriqueceram o Brasil; cultivando os senhores, opulentaram a herança das famílias; criaram a riqueza, facilitaram a programação da

³⁹ Antônio Evaristo de Moraes é uma figura interessante que merece ser melhor estudada. Destacamos que foi fundador do Partido Operário em 1890, do Partido Socialista em 1920 (primeiro partido político brasileiro a se filiar à Internacional Socialista) e advogou em favor dos marinheiros rebeldes na Revolta da Chibata.

instrução, foram os obreiros reais da prosperidade da nação, quer sob o domínio português, quer sob a nova forma política” (Revista Brasileira, vol. VIII, pag. 312). Sílvio Romero, agora com sua “História da Literatura Brasileira” é citado mais uma vez em “O negro nos Estados Unidos e no Brasil” (*Getulino*, 13/01/1924, n.25).



Figura 21: **Evaristo de Moraes**

Já Lacerda Werneck em “Os negros norte-americanos” (*Getulino*, 24/02/1924, n.31) cita M. Urbains Gopier, Buffon, Prichard, Lacerda de Almeida e quando a África é citada, Havrym Johnston aparece como referência:

Os negros se extinguirão provavelmente na Ásia, deixando entre os povos novos da Polinésia, da Malásia e da Índia, traços indelévels da sua antiga passagem por esses países.

Mas na **África** e na América eles terão que representar um papel importante e até possível é que cheguem eles nos séculos futuros, a influir na vida da Europa.

Em “Os pretos em São Paulo” (*Getulino*, 28/09/1924, n.54) Benedito Florêncio polemiza com o periódico “A Gazeta”, expondo, mais uma vez, que esses intelectuais negros estavam atentos aos jornais de maior circulação. Questiona Florêncio, sobre o tratamento dispensado aos negros, colocando a “raça africana” como referência: “Mas será razoável essa repulsa, essa perseguição clandestina no Brasil, contra os descendentes da infeliz raça africana?”.

O texto mais denso, no que se refere a informações sobre o negro brasileiro e a África, é de Nina Rodrigues intitulado “As Belas Artes entre os colonos pretos do Brasil: a escultura” (*Getulino*, 20/12/1924, n.64). Por último, temos no “Monumento simbólico à mãe preta” (*Getulino*, 13/05/1926, ano 3, n.1) a citação a um poema de Castro Alves, onde a África aparece no título – “Vozes d’África”.

As fontes de informações sobre a África no *Clarim da Alvorada* parece-nos ser o já comentado contato com o *Atlântico negro*. O *Clarim* como já foi dito, recebia regularmente exemplares dos periódicos *Chicago Defender*, de Robert Abbott e o *Negro World*, de Marcus Garvey, por onde vinham informações sobretudo ligadas ao pan-africanismo. Como já disse Thales Ribeiro (2010: 128) é provável também que algumas informações presente no *Clarim da Alvorada*, e nos outros periódicos, tenham como fonte jornais de grande circulação na cidade de São Paulo, como *O Estado de São Paulo*.

Como já vimos no tópico “Notícias sobre a África no Voz da Raça”, dos sete textos que tratam diretamente da África um é uma carta escrita por Mário Ferreira, de Lourenço Marques, capital de Moçambique, enviada a sede da FNB e reproduzida no *Voz da Raça*. Um segundo texto também é uma carta, esta enviada pelo professor Magalhães Salgado. Os outros cinco textos são de Silvério de Lima e fazem parte de uma série de textos que Lima teve publicado no *Voz da Raça*. Como fica evidente, Silvério de Lima é a única voz dentro do periódico a, de alguma forma, se interessar pelo continente africano um pouco mais de perto.

O *Voz da Raça*, número 10, reproduz um artigo de Rodolpho Xavier publicado no jornal negro *Alvorada*, de Pelotas, sobre a FNB.

Arlindo Veiga dos Santos inicia um artigo com uma citação a Conde Afonso Celso, que diz “No terreno social o nacionalismo quer de todo extinguir o preconceito de “raça” ou de cor, conferindo ao índio e sobretudo ao africano e ao mestiço o ponto de honra que lhes compete na evolução brasileira”.

Já na edição número 27 foi transcrito um artigo de Humberto Campos publicado no *Diário de São Paulo* intitulado “O destino da raça negra no Brasil”. Neste artigo encontra-se uma citação a Nina Rodrigues e seu “Os africanos no Brasil”. Diz o texto que “Na introdução ao seu livro “Os africanos no Brasil”, Nina Rodrigues assinalava, já, as dificuldades que surgiram para o estudo dos problemas referentes à raça negra”.

Na edição número 32, foi publicada uma “Carta Aberta”, escrita por João Francisco de Araújo, ao diretor de “O Dia” por este ter ofendido “netos, bisnetos, tataranetos ou descendentes mais afastados de africanos” por seu repórter ter perguntado à uma moça branca se ela casaria com um sujeito “mesmo sendo ele preto”.

Ao escrever uma série de artigos buscando mostrar a capacidade do negro que para o Brasil vieram, Arlindo Veiga dos Santos cita, no número 41 do *Voz da Raça*, Vicente Licínio Cardoso e Sílvio Romero, respectivamente:

A Portugal teria sido impossível colonizar o Brasil sem o negro. O **africano** permitiu de fato aqui a formação e estabilização das grandes propriedades agrícolas, o desenvolvimento da indústria do açúcar, da mineração do ouro e do diamante, e, finalmente, da agricultura do café, maiores fontes que foram, sucessivamente, da economia nacional... Sem o africano teria sido impossível a Portugal fazer crescer e conservar depois ainda a sua grande colônia americana.

Ainda hoje, os mais lindos tipos de nossas mulheres são essas moças ágeis, fortes, vividas, de tez de um doce amorenado, de olhos negros, cabelos bastos e pretos, sadias jovens, de cujas veias circulam, por certo já diluídas, muitas gotas do sangue **africano**.

No número 46, dos Santos cita o Dr. Herbert Parentes Fortes e Delgado de Carvalho:

Foi no cruzamento familiar dos portugueses com as **africanas** que resultou no Brasil um bem, que eles estavam longe de prever, quando as procuraram.
(Dr. Herbert Parentes Fortes, Anuário da Congregação Mariana, Baía)

Nem todos os **africanos** que desembarcaram no Brasil chegaram aí como escravos. Vieram muitos como homens livres, passageiros e especialmente como marinheiros. Dava-se esse fato em particular com os **Krus** e os **Daometanos**, confundidos sob o nome genérico de **Minas**. Outros **Minas** cativos conseguiram cedo libertar-se e formaram com seu compatriotas corporações distintas. Os **Minas** são robustos, inteligentes, as negras são belas e o vocabulário é um pouco diferente.
(Delgado de Carvalho, Geografia do Brasil, Alves, 1931).

Mesmo Arlindo Veiga dos Santos, tido como um exemplo de nacionalista radical dentro deste movimento negro, não silenciava sobre as origens africanas do negro brasileiro. No mais, fica evidente que esses intelectuais-militantes-editores estavam conectados ao que se passava em seu tempo em termos de produção e difusão de conhecimento sobre a “raça negra” em geral e sobre o negro brasileiro em particular.

Seja através de outros órgãos da imprensa mais comercial seja através de estudos acadêmicos.

CONCLUSÃO

Vimos que a *imprensa negra paulista* se insere no conjunto de mobilizações de *homens de cor* ocorridas no período pós-abolição em São Paulo. A crescente racialização das ideias e práticas sociais conjugadas com o intenso ingresso de imigrantes europeus (sobretudo italianos) acabou por gerar no Estado de São Paulo em geral, e na capital paulista especificamente, uma situação geral de exclusão dos “homens de cor”. Esta exclusão acabou por criar “meios negros”, de onde surgiu o conjunto de periódicos que chamamos *imprensa negra paulista*.

Analizamos quatro periódicos – o *Getulino*, o *Clarim d Alvorada*, o *Progresso* e o *Voz da Raça* – que representam o aumento do nível de politização do meio negro, por lutarem de forma mais declarada contra a desvalorização e exclusão do negro. Dialogando com discursos racialistas de superioridade do branco e inferioridade do negro, esses militantes-intelectuais-editores viam como estratégias para a valorização e para a luta contra o “preconceito de cor” a união e a organização dos negros em prol da educação formal e moral, do trabalho e da disciplina. A valorização do negro também passava, na visão desses militantes, pela afirmação de sua importância histórica para a construção da sociedade e da nacionalidade brasileira. Buscava-se integrar o negro a sociedade brasileira.

Entretanto, vimos também que, se boa parte da *imprensa negra* se voltava mais para os problemas nacionais do negro dentro das fronteiras nacionais, houve os que iam para além das fronteiras brasileiras e buscavam diálogos e exemplos em certo *Atlântico negro*, sobretudo nos EUA. Ao mesmo tempo em que se diferenciavam as relações raciais dos EUA da do Brasil – por aquela ser, supostamente, mais violenta – o negro estadunidense no boxe, nas artes, nas ciências, era muitas vezes tido como um exemplo a ser seguido e um exemplo da capacidade da “raça negra” em “progredir”.

Vimos que a ideia de “raça negra” estava presente de forma entrecruzada com uma visão “nacional”. Ou seja, “somos todos negros”, porém há especificidades nacionais. Há assim, o debate em torno da “raça negra” e o debate em torno da “raça negra” no Brasil. Pontos que por vezes se tocam e por vezes se separam. A ideia de diáspora, de uma “raça negra” transnacional, estava implícita em muitos casos. Portanto, percebemos que há sim uma “solidariedade de raça” presente entre militantes

dessa *imprensa negra*. Entretanto, esta solidariedade não é automática e se articula com outros elementos como a nacionalidade, a política e a modernidade.

Retomando as duas perguntas feitas no início do trabalho: existiam relações entre este movimento negro e a África? Como a África e os africanos aparecem nesta *imprensa negra*?

Não parece que existiam relações concretas entre este movimento negro e a África. Não por falta de condições materiais para este contato. Inclusive parece ter existido certas aproximações, como o contato com pessoas de Moçambique na FNB. Com os EUA houve maior contato, apesar de não muito intenso, como mostra a troca de materiais entre o *Clarim da Alvorada* e o *Chicago Defender* e *Negro World*, ou a remessa da coleção do *Getulino* para um congresso pan-africanista.

No que se refere às aproximações identitárias, aí sim, encontramos certa presença da África na *imprensa negra*. Podemos notar que a presença de textos com referencia a África ou aos africanos é regular e não é pouca. Não se ignorava a África como origem do negro brasileiro, a origem africana do negro brasileiro não era silenciada, pelo contrário, era bastante difundida, como vimos no *Clarim da Alvorada*, no *Getulino* e no *Voz da Raça*. Mas a valorização dessa origem como elemento da mobilização política foi pequena, para não dizer nula.

É interessante notarmos também que a África não era somente vista como o continente da barbárie. Havia certo esforço em valorizar o continente africano, sempre no sentido de aproximá-la da “civilização”. Neste sentido, ganha relevo a notícia da descoberta de uma civilização africana antiga, “anterior às civilizações mesopotâmicas”, textos que falam da África do Sul, ou, com mais destaque, as notícias sobre a Etiópia.

Não era todo o continente que era valorizado, muito menos as áreas responsáveis pela maior migração forçada de africano para o Brasil durante o tráfico de escravizados mas sim uma África tida como “moderna”, como, por exemplo, a Etiópia, símbolo de uma África não derrotada pelo colonialismo europeu. Ou ainda, aquela África que poderia provar que a *raça negra* era capaz de “progredir”.

Fica claro também que o único dos periódicos analisados que tinha uma sistemática divulgação de informações sobre a África foi o *Progresso*. Foram encontrados, neste periódico, 27 textos que tratam especificamente do continente africano. No *Voz da Raça*, segundo em número de aparições de textos que tratam especificamente da África, encontramos apenas 7.

A conclusão que chegamos é que havia a circulação de identidades transnacionais nesta *imprensa negra*. E a África tinha seu lugar nessa identidade. Essa identidade era exposta seja na hora de se referir à origem do negro brasileiro, seja na hora de noticiar a Etiópia. Tal identidade não marcou o discurso político das personagens e movimentos envolvidos, como irá acontecer décadas mais tarde no movimento negro brasileiro, quando certas identidades africanas se consolidam como um guia importante dentro da valorização do negro e de suas reivindicações. Creio que podemos dizer, porém, que já havia uma semente plantada nas décadas de 1920 e 1930.

Anexo I

Títulos dos textos encontrados no *Getulino* (1923-1926) que fazem alguma referência à África:

- 1) O papel do escravo na civilização brasileira (Ano 1 , 12 de agosto de 1923, n.3)
- 2) Um grande homem de raça negra. (28 de outubro de 1923, n14, p3)
- 3) A raça negra e a gratidão nacional. (n.15)
- 4) Proibição do Tráfico. (25 de novembro de 1923, n.18, p.1)
- 5) O tráfico de escravos no Mar Vermelho – Em pleno século XX. (9 de dezembro de 1923, n20, p.1)
- 6) O tenor negro. (9 de dezembro de 1923, n.20, p.2)
- 7) O negro nos Estados Unidos e no Brasil (Ano 1 13 de janeiro de 1924, n 25, p.1)
- 8) O Pan-Latinismo e os negros (20 de janeiro de 1924, n.26, p.1)
- 9) A Abissínia- Menelik e seu sucessor – o passado e o presente. (20 de janeiro de 1924, n.26, p.1)
- 10) Os negros de todo o mundo preparam-se para fazer a guerra aos brancos?... – Se isso não é um perigo, é uma aspiração e pode vir a ser uma realidade. (n.27, p.1)
- 11) Os negros de todo o mundo preparam-se para fazer a guerra aos brancos?... – Se isto não é perigoso, é uma aspiração e pode vir a ser realidade. [continuação] (3 de fevereiro de 1924, n. 28, p. 2)
- 12) Os negros norte-americanos. (24 de fevereiro de 1924, n.31, p.1)
- 13) Um abolicionista de primeira hora (16 de março de 1924, n. 34, p.1)
- 14) Negro retintos - No parlamento francês um advogado raça exalta a liberdade na grande República. (8 de junho de 1924, n.43, p.1)
- 15) Lino Guedes (22 de junho de 1924, n.45, p.2)
- 16) Um congresso de pretos ilustres. (17 de agosto de 1924, n.49, p.1)
- 17) Luiz Gama (24 de agosto de 1924, n.50, p.2)
- 18) Negre spirituals (7 de setembro de 1924, n.51, p.3)
- 19) Cenas do cativo – A boa Severina. (21 de setembro de 1924, n.53, p.2)
- 20) Os pretos em São Paulo (28 de setembro de 1924, n.54, p.2)
- 21) Um congresso monstro de negros. (26 de outubro de 1924, n.58, p.2)
- 22) A República dos Palmares (2 de novembro de 1924, n.59, p.2)
- 23) A raça negra e o seu próximo congresso internacional. (30 de novembro de 1924, n.63, p.1)
- 24) A raça brasileira. (20 de dezembro de 1924, n.64, p.4)
- 25) As belas artes entre os colonos pretos do Brasil: a escultura. (20 de dezembro de 1924, n.64, p. 10)
- 26) Cartas Negras (20 de dezembro de 1924, n.64, p.13)
- 27) Monumento Simbólico a Mãe Preta (13 de maio de 1926, ano 3, n.1, p.3)
- 28) Pelo mundo. (13 de maio de 1926, Ano 3, n.1, p.4)

Títulos dos textos encontrados no *Progresso* (1928-1931) que fazem alguma referência à África:

- 1) “A coroação do novo rei da Etiópia: quem é hoje o soberano que ocupa hoje o trono do famoso Menelick.” (n.7, 16 de dezembro de 1928, ano 1).
- 2) Tafari, o Imperador Negro da Abissínia descendente da rainha de Sabá e do rei Salomão” (n.8, 13 de janeiro de 1929, ano 1).
- 3) “Raymond de Sarka é um grande artista negro”. (n.8, 13 de janeiro de 1929, ano1)
- 4) ““Na África – as línguas que ali se falam”. (n.8, 13 de janeiro de 1929, ano 1)
- 5) “Será garantido aos negros o trabalho nas minas da África do Sul. (n.10, 24 de março de 1929, ano 1)
- 6) “Em pleno século XX quatro milhões de escravos, vítimas de desumanas crueldades”. (n.10, 24 de março de 1929, ano 1)
- 7) “O trono do famoso Menelick”. (n.11, 28 de abril de 1929, ano1)
- 8) “Bushman” (n.11, 28 de abril de 1929, ano 1)
- 9) “Em Roma: Uma Igreja Abissínia”. (n.13, 23 de junho de 1929, ano2)
- 10) “Visita ao Negus da Abyssínia”. (n.14, 28 de julho de 1929, ano 2)
- 11) “A África, berço da humanidade: afirma um ilustre geólogo. (n.15, 31 de agosto de 1929, ano 2, p.2)
- 12) “Ras Tafari”. (n.20, 31 janeiro de 1929, ano 2)
- 13) “Bloco Africano” (n.20, 31 de janeiro de 1930, ano 2)
- 14) “Continente Negro” (n.20, 31 de janeiro de 1930, ano 2)
- 15) “Novos encontros entre policiais britânicos e forças indígenas” (n.21, 15 de fevereiro de 1930, ano 2)
- 16) “Um perigo que ameaça a França” (n.23, 20 de abril de 1930, ano2)
- 17) “A Imperatriz Negra”. (n.23, 20 de abril de 1930, ano 2)
- 18) “O nascimento da questão racial na África do Sul”. (n.26, 31 de julho de 1930, ano 3)
- 19) “Trono Preto: O Rei Tafari tomará posse em janeiro”. (n.26, 31 de julho de 1930)
- 20) “A conversão ao catolicismo de dez milhões de Abissínios”. (n.27, 20 de agosto de 1930, ano 3)
- 21) Passou mais um aniversário dessa útil medida. (n.30, 30 de novembro de 1930)
- 22) “A participação dos atletas negros africanos nas Olimpíadas” (n.31, dezembro de 1930, ano 3)
- 23) Rei da Etiópia”. (n.31, dezembro de 1930, ano 3)
- 24) “O sub-secretário das colônias de França é o primeiro negro incluído em um governo”. (Número 32, Janeiro de 1931, Ano 3)
- 25) “Curiosa confederação econômica dos negros africanos” (n.33, fevereiro de 1931, ano 3)
- 26) “Prevenindo o mal”. (n. 36, 31 de maio de 1931, ano 3)
- 27) “Alheios a picuinhas, com seu trabalho, os africanos assombram a Europa” (n.38, 31 de julho de 1931, ano 4, p.2).
- 28) “Escravidão na Libéria” (n.40, 20 de setembro de 1931, ano 4, p.2)
- 29) As verdes pastagens. (n.40, 20 de setembro de 1931, ano 4, p.2)
- 30) Economia política de Salteador (n.41, 4 de outubro de 1931, p.2)
- 31) ““Quem escraviza seu semelhante é condenado a morte” (n.41, 4 de outubro de 1931)

- 32) “Antiga civilização africana” (n.42, 4 de outubro de 1931, ano 4, p.2)
- 33) Povo que não se abate. (n. 42, 15 de novembro de 1931, ano 4, p.3)
- 34) O Negro. (n. 42, 15 de novembro de 1931, ano 4)

**Títulos dos textos encontrados no *Clarim da Alvorada* (1924-1932/1940)
que fazem alguma referência à África:**

- 1) A raça maldita (Ano 2, 26 de julho 1924 n.13)
- 2) Os negros (Ano 2, 26 de julho 1924 n.13)
- 3) Negro! (de Booker, Ano 2 – 27 de setembro de 1925 – n 15)
- 4) Negro! (de Booker, continuação – 15 de novembro de 1925 – n.16)
- 5) O africano (de Mário de Alencar, ano 1, 5 de fevereiro de 1928, n.1)
- 6) O único povo livre do ocidente africano (ano 1, 1 de julho de 1928, n.6)
- 7) Cousas Sérias. (ano 1, 1 de julho de 1928, n.6)
- 8) Não há questão de raças no Brasil. (28 de agosto de 1928, n.7)
- 9) Ainda há juízes. (21 de outubro de 1928, n.9)
- 10) Tumultuosa Assembléia de Negro (Ano 1, 21 de outubro de 1928, n.9)
- 11) Eduquemos nossas massas. (ano, 6, 3 de fevereiro de 1929, n.16)
- 12) Congresso eucarístico na África Meridional. (14 de julho de 1929, n.18)
- 13) Ideia errônea da raça oposta (Ano 6 – 18 de agosto de 1929, n.19)
- 14) A França, melhor amiga da raça negra (Ano 6 25 de janeiro de 1930, n.23)
- 15) A escravidão (25 de janeiro de 1930, ano 6, n.23)
- 16) Monumento descoberto (25 de janeiro de 1930, n.23)
- 17) Um africano no estrangeiro descreve a vida norte americana ao editor do “negro world” (de WM. H. Trott)
- 18) Marcus Garvey, o famoso líder negro, foi eleito para ser um membro do governo e foi preso.
- 19) Educação (por Abantu Batho, ano 7, 13 de maio de 1930, n.26)
- 20) Composição de Leola Washington a Marcus Garvey (ano 7, 13 de maio de 1930, n.26)
- 21) O que devemos fazer para nos libertar. (23 de agosto de 1930, n.29, p.4)
- 22) Sem título. (23 de agosto de 1930, n.29, p.4)
- 23) Grupo de Revista Afro-brasileiro)Ano 7 – 28 de setembro de 1930 – n.30)
- 24) O novo imperador da Etiópia vai ser coroado em 2 de novembro (28 de setembro de 1930, n.30).
- 25) Dittle Ester, a menor pérola afro-americana. (ano 8, 26 de julho de 1931, n.34, p.3)
- 26) A Etiópia é o nosso coração. (ano 8, 26 de julho de 1931, n.34, p.4)
- 27) A ignorância é um pecado. (Ano 8, 28 de setembro de 1931, n.36, p.4).
- 28) Para onde vai a afrologia (ano 1, terceira fase, 28 de setembro de 1940, n.1)

Títulos dos textos encontrados no *Voz da Raça (1931-1937)* que fazem alguma referência à África:

- 1) De Além-Mar (18 de março de 1933)
- 2) Irmãos Negros! (15 de abril de 1933, ano1, n.5)
- 3) Discurso que eu não disse!!! (15 de abril de 1933, ano1, n.5)
- 4) O concurso da Raça negra na grandeza do Brasil – Um Mucio Jcévola de cor preta – Henrique Dias.(13 de maio de 1933)
- 5) 13 de maio! (poesia. 13 de maio de 1933)
- 6) Frente Negra Brasileira (20 de maio de 1933, n.10, p.4)
- 7) Papagaios Negros. (17 de junho de 1933, ano1, n.13, p.1)
- 8) Castro Alvez. (17 de junho de 1933, ano1, n.13, p.2)
- 9) O que foi a Raça Negra. (2 de setembro de 1933, p1)
- 10) O que foi a Raça Negra. (30 de setembro de 1933, n.22, p.1)
- 11) A Voz da Raça. (30 de setembro de 1933, n.22, p.2)
- 12) Um campanha justa. (28 de outubro de 1933)
- 13) HISTÓRIA QUE PASSOU-SE (25 de novembro de 1933, ano 1, n.26)
- 14) O DESTINO DA RAÇA NEGRA NO BRASIL (Humberto de Campos 25 de novembro de 1933, ano 1, n.27)
- 15) O que nós os pretos devemos saber (Horácio Cunha, 20 de janeiro de 1934, ano 1, n.30)
- 16) O que foi a raça negra (3 de fevereiro de 1934, ano 1, n.31, p. 3)
- 17) CARTA ABERTA (17 de fevereiro de 1934, ano 1, n.32)
- 18) O jornal “O Menelik”. (31 de março de 1934, n.34, p.4)
- 19) In Memoriam (23 de junho de 1934, n.39)
- 20) Quando se iniciou a escravatura no Brasil. (23 de junho de 1934, n.39, p.1)
- 21) Banzo! (23 de junho de 1934, n.39, p.2)
- 22) Os negros – e algumas afirmações de brancos. (11 de agosto de 1924, n.41, p.1)
- 23) A Arte Negra na Civilização Contemporânea (11 de agosto de 1924, n.41, p.1)
- 24) Que o negro brasileiro não se iluda! (15 de dezembro de 1935, n.47, p.1)
- 25) Liberdade... Liberdade... (11 de maio de 1935, n.45, p. 4)
- 26) O que se tem dito sobre o negro. (29 de junho de 1935, p.1)
- 27) Os últimos serão os primeiros. (29 de junho de 1935, p.1)
- 28) O lobo e o cordeiro. (23 de novembro de 1935, p.4, n.49)
- 29) Discurso oficial pronunciado pelo Dr. Arlindo Veiga dos Santos na sessão solene de 22 de setembro (23 de novembro de 1935, p.4, n.29)
- 30) Pelos foros de Pelotas (Março de 1936, n.51, p.4)
- 31) Uma tradição que se destruiu. (Julho de 1936, n.55, p.1 e 4)
- 32) Os negros e o comércio. (agosto de 1936, n.56, p.1)
- 33) Canto da Gente Negra (agosto de 1936, n.56 [e 66], p.3)
- 34) Verdade autênticas. (Dezembro de 1936, n.60, p.1 e 4)
- 35) Em defesa da raça mártir. (Janeiro de 1937, n.61, p.1)
- 36) Colegas. (Fevereiro de 1937, n.62, p.1, n.62)
- 37) A Castro Alves. (março de 1937, n.63, p.4,)
- 38) Aproxima-se o cinquentenário da abolição da escravatura no Brasil. (março de 1937, n.63, p.4)
- 39) Frente Negra Brasileira está organizando um grande congresso nesta capital. (Agosto de 1937, n.68, p.1)

Anexo II

Temáticas tratadas nos textos em que há referência à África no *Getulino* (1923-1926):

- 1) Valorização do negro/africano na civilização brasileira
- 2) Notícia de falecimento do “preto Khama”, chefe dos Bamangatos.
- 3) Valorização do africano na história do Brasil.
- 4) Evolução legal do tráfico de escravos 1826-1850.
- 5) Tráfico de escravos no mar vermelho.
- 6) Sucesso do tenor Roland Hayes na Europa.
- 7) Discussão sobre o projeto Fidélis Reis – valorização do negro nos EUA e no Brasil.
- 8) Discussão sobre o projeto Fidélis Reis – importância do africano no Brasil.
- 9) Abissínia.
- 10) Pan-Africanismo.
- 11) Pan-africanismo.
- 12) Valorização do negro norte-americano.
- 13) Sobre abolicionista Sandro de Barros Pimental.
- 14) Representante africano (Senegal) no parlamento francês.
- 15) Sobre Lino Guedes.
- 16) Pan-africanismo.
- 17) Sobre Luiz Gama.
- 18) Sucesso da “arte negra” na Europa.
- 19) Conto: coisas do cativo – escravidão.
- 20) Sobre o atraso do negro brasileiro/valorização do negro brasileiro.
- 21) Pan-africanismo.
- 22) Palmares.
- 23) Pan-africanismo.
- 24) Valorização da “raça africana” na formação do Brasil.
- 25) Origem e valorização (artística) do negro Brasil.
- 26) Contra o pan-africanismo.
- 27) Origem do negro brasileiro/comércio de escravos.
- 28) Notícias sobre presença europeia na África.

Temáticas dos textos encontrados no *Clarim da Alvorada* (1924-1932/1940):

- 1) Valorização da raça negra e 13 de maio.
- 2) Valorização dos “negros africanos importados”, escravidão no Brasil é menos violenta comparada ao EUA, negros com “condecorações e títulos nobiliárquicos”.
- 3) Valorização da raça negra: resisitência física, moral beleza, intelectual.
- 4) Valorização da Raça Negra: escultura, Edmonia Lewis, Fullor, JAnn, Alexander Sergetevicth.
- 5) Dificuldade escravo numa fazenda.
- 6) Libéria. Países africanos independentes. Valorização da Libéria.
- 7) Luiz Gama. Valorização do negro. Crítica a ideia de desaparecimento do negro no Brasil. Privação do negro de suas quaildades.
- 8) Conferência missioário indiano Stanley Jones. Compara relações raciais na América do Norte, Ásia e União Sul Africana. Diz que no Brasil não há conflito racial.
- 9) Reunião Liga das Nações. Abolição da escravidão no protetorado britânico de Serra Leoa.
- 10) Reunião Club dos Negros Conscientes. Lunion. Oposição a Lunion no Comitê dos Negros Conscientes.
- 11) Manifesto negro world. Para o levantamento da raça negra.
- 12) Congresso Eucarítico em Durban, na União Sul Africana. Catolicismo na África. Cidade de Durban.
- 13) Jornal The Star, de Johanesburgo, discurso de Edgar Brooke. União entre negros e brancos. Problema racial a África do Sul.
- 14) Punição a dono de bar em Paris por ter expulsado, por ser negro, o príncipe Kojo, do Daomé (Benin) a pedido de americanos. França é colocada como “amiga da raça negra” e os americanos como racistas.
- 15) Escravidão nos Descobrimentos. Escravidão na idade Média em Espanha e Portugal.
- 16) Inauguração de Monumento em Dakar (Senegal) ao soldados senegleses mortos lutando pela França na Primeira Guerra.
- 17) Defesa da Etiópia. Crítica a situação do negros no EUA.
- 18) Prisão de Marcus GARvey após ser eleito membro de governo.
- 19) África para os Africanos, educação como meio de conscientização das massas para o problema do negro.
- 20) Exaltação a Marcus GARvey.
- 21) Doutrina Gerveysta. Origem africana do negro. Divisão da África. Necessidade de mobilização dos negros.
- 22) Valorização da África. Marcus Garvey.
- 23) Apresentação grupo de teatro de revista afro-brasileiro.
- 24) Coroação do Imperador da Etiópia, o Negus Rafari. Relação da Etiópia com as potências europeias.
- 25) Valoriza o Imperador da Etiópia, Ras Tafari. Menelick. Progresso da Etiópia. Crítica a Mussolini.
- 26) Little Esther como um exemplo a ser seguido. “Garveysticamente”. Negro herdeiro do africano.

- 27) Marcus GARVEY. Associação Universal para o Levantamento da Raça Negra. Orgulho e coesão Racial. Liga das Comunidades Africanas.
- 28) Crítica à orientação aos estudos afro-brasileiros.

Temáticas de cada texto encontrado com referência à África no *Progresso* (1928-1931):

- 1) Coroação do rei da Etiópia, Ras Tafari.
- 2) Línguas faladas na África.
- 3) Sobre o Ras Tafari. Viagem diplomática de Tafari à Europa.
- 4) Elogio ao ator Raymond de Sarda e crítica ao filme “O negro de alma branca” pelo nome.
- 5) Fim da proibição do trabalho de pretos nas minas da África do Sul.
- 6) Existência da escravidão na Abissínia, Berbéria e Trípoli.
- 7) Sucessão do trono de Menelick,
- 8) Tribo “bárbara” na África – “Bushman”.
- 9) História das relações entre a Abissínia e a Igreja Católica.
- 10) Visita do Arcebispo de Adis Abeba e bispos da Etiópia ao Negus da Abissínia.
- 11) Conculsão da expedição Cameron-Cable – África origem da humanidade.
- 12) Missão papal à Etiópia.
- 13) Comentário sobre artigo de Henri de Jouvenel intitulado “O Bloco Africano” – prega harmonia entre as potências (França e Inglaterra) para melhor colonização da África.
- 14) Excursões turísticas para a África – Sul e Congo.
- 15) Confronto entre polícia britânica e “forças indígenas de tendências nacionalistas e comunistas”.
- 16) Despovoamento da África Ocidental Francesa – Melhores salários nas colônias britânicas.
- 17) Falecimento da Imperatriz Judith, da Abissínia.
- 18) Situação do negro na África do Sul – Avanços e conflitos.
- 19) Coroação do Imperador Tafari, na Abissínia.
- 20) Relações do Vaticano com a Abissínia.
- 21) Tráfico de escravos. Aniversário da Proibição. Histórico da Proibição.
- 22) Interesse da França por potências atléticas em suas colônias africanas.
- 23) Coroação do Negus Tafari. Festa. Presença de representantes europeus e dos EUA.
- 24) Blaise Diagne, deputado francês por Senegal, nomeado sub-secretário das colônias.
- 25) Valorização dos africanos – “curiosa confederação econômica”.
- 26) Campanha de vacinação do “Serviço de Higiene colonial” francês no Senegal.
- 27) Exposição colonial francesa.
- 28) Comissão de Peritos da Sociedade das Nações volta da Libéria, onde investigou a existência de escravidão.

- 29) Transcrição de trecho de um comédia de teatrólogo (estaduniense) negro – Escravidão e liberdade.
- 30) Escravidão.
- 31) Abissínia. Ras Tafari. Pena de morte a comerciantes de escravos.
- 32) Leo Frobenios. Especialista em folclore pré-histórico africano. Descoberta de “civilização avançada” entre Zambese e o Limpopo – 9.000 a. C..
- 33) Escravidão. Negro no Brasil
- 34) Valorização do negro – Arte moderna – civilização no interior da África “antes da civilização mediterrânea”.

Temática de cada texto com referência à África no *Voz da Raça* (1931-1937):

- 1) Contato de São Lourenço (Moçambique) com FNB.
- 2) Valoração do negro brasileiro.
- 3) Importância do sangue escravo para a formação do Brasil.
- 4) Capacidade da raça negra em progredir.
- 5) 13 de maio.
- 6) Importância da raça negra a nacionalidade brasileira.
- 7) Importância do africano na evolução brasileira (epígrafe do artigo).
- 8) Homenagem a Castro Alves: cita o poema Vozes D’África.
- 9) Origem da raça negra e escravização do africano para o Brasil.
- 10) Comércio de escravos para o Brasil.
- 11) Carta do professor Magalhães Salgado direto do Norte da África.
- 12) Origem do negro brasileiro.
- 13) Comércio de escravos e o negros no Brasil.
- 14) Raça negra no Brasil. Citação do livro “Os africanos no Brasil” de Nina Rodrigues.
- 15) Comércio de escravos e o negro no Brasil.
- 16) Comparação da situação vivida pelos imigrantes europeus no início do século XX e os africanos escravizados.
- 17) Origem do negro brasileiro e importância do africano para a formação do Brasil.
- 18) Sobre o jornal “O Menelick”.
- 19) Texto “in memoriam” a A. Diagne.
- 20) Comércio de Escravos para o Brasil.
- 21) “Lemento” do Negro (poema).
- 22) Valorização do africano e do negro brasileiro.
- 23) Arte africana.
- 24) Importância do sangue africano para a formação brasileira.
- 25) 13 de maio. Valorização da raça negra. Congresso Afro-brasileiro.
- 26) Importância e valor do africano na história do Brasil.
- 27) Desenvolvimento dos “afro-ianques” do norte dos EUA.
- 28) “Pendência” Ítalo-Etíope.
- 29) Importância da “raça negra” para a formação da “raça brasileira”.
- 30) Crítica ao bloco carnavalesco que iria fazer críticas a Abissínia.
- 31) Sobre a derrota abissínia para a Itália.

- 32) “Raças” africanas que vieram para o Brasil.
- 33) Hino da FNB
- 34) Desenvolvimento do “continente negro”
- 35) Sobre o problema do álcool entre a “raça negra” no Brasil. Anuncia a breve instalação do II Congresso afro-brasileiro.
- 36) Origem do negro brasileiro.
- 37) Sobre Castro Alves: cita o poema Vozes D’África.
- 38) Importância do negro para o Brasil.
- 39) Congressos afro-brasileiros de Pernambuco e Bahia.
- 40) Castigo em fazendas ao africano escravizado.

Anexo III

Nomes referentes à África e quantidade de aparições no *Getulino* (1923-1926)

África	30
Africano(s)	26
Menelick	8
M. Logan	8
Mr. Diagne	7
Dr. José Antônio de Magalhães	6
Africana (s)	5
Dr. João de Castro	5
Mar Vermelho	4
Abissínia	3
Libéria	3
Geges	3
Senegal	3
Dahomey	5
África Ocidental	2
Egito	2
Costa dos Escravos	2
Reis Dahomeanos	2
Rei Behauzin	2
Association Pan-Africaine	2
Africanismo	1
Raça africana	1
Reino africano	1
África do Norte	1
África Oriental	1
Abissínia (s)	1
Etiópia	1

Etíopes	1
Addis Abeba	1
Waizern Zaudite	1
Ras Tafari	1
Congo	1
Serra Leoa	1
Angola	1
Whidah	1
Ifá	1
Golfo da Guiné	1
Ajudá	1
Mahis dos Popos	1
Caná	1
Abomey	1
Khama	1
Bamangantos	1
Cafres	1
Colônia do Cabo da Boa Espeança	1
Serogua	1
Egito	1
Jimma	1
Kenya	1
Gege-yorubano	1
Orichás	1
Sudan Bitânico	1
Federação Africana de Lisboa	1
Candece	1
M. Boisenf	1
Goréia , pequena ilha Senegalesa	1
Argélia	1
“República Provisional de África”	1
“Odem Sublime do Nilo”	1
Marco Aurelie Garvez	1
“Cavaleiro da Grande Ordem Etiópica”	1
“Nobres Empenachados do Nilo”	1
Ené Maran	1
Ardras	1
Reino de Ardras	1
Sultão de Rabat	1
Abd-El-Krim	1
Somália	1
Nogal	1
Riff	1

Nomes referentes à África e quantidade de aparições no *Clarim da Alvorada* (1924-1932/1940)

África	21
Africano(s)	22
Libéria	11
Josi Tchangana Gumede (Lunion)	9
Abissínia	8
Africana(s)	7
Etiópia	7
Afrologistas	5
Príncipe Kojo Tovalou Houenou	4
Afro-brasileiro(s)	4
África meridional	3
Daomé	3
Senegaleses	3
Senegal	3
Afrologia	2
Presidente King	2
Serra Leoa	2
Durban	2
Johanesburgo	2
Príncipe Mark	2
Sr. Maginet	2
Ras Tafari	2
Nação etiópica	2
Egito	1
África do Norte	1
Ocidente africano	1
Liberianos	1
Etiópicos	1
União Sul Africana	1
Mr. Dumurie	1
The Sout African Trade Union	1
Congresso Eucarístico da África Meridional	1
União Sul-Africana	1
The Star	1
África do Sul	1
Universidade de Transvaal	1
Transvaal	1
Sul da África	1
Rei Behanzim	1
Colônias africanas	1
Dakar	1
Sr. Blaise Diagne	1
Comunidade Sul Africana	1
Jones H. Pim	1
Jack Allen	1
Liga africana	1
Pretória	1

Congressos afro-brasileiros	1
Rainha de Sabá	1
Menelick	1
Menelick II	1
Imperatriz Judith	1
Negus Tafari	1
Império africano	1
Libéria	1
Afro-americana	1
Liga das Comunidades Africanas	1

**Palavras referentes à África e quantidade de aparições no *Progresso*
(1928-1931)**

Etiópia	20
Abissínia	18
África	15
Ras Tafari	14
Africano(s)	12
Menelick	8
Abissíno (s)	8
Tafari	8
Adis Abeba	6
Africana(s)	5
África do Sul	4
Costa de Ouro	4
África ocidental	3
Etíope(s)	3
(Rei) Salomão	3
Rainha de Sabá	3
Imperatriz Seoditu	3
Saara	3
Continente negro	3
Worcester	3
Menelick II	2
Congo	2
Zauditú	2
Bushman	2
Egípcios	2
Deserto de Kalahi	2
Negus Tafari	2
Bloco Africano	2
Negus da Abissínia	2
Costa da África	2
Dakar	2
Senegal	2
Blaise Diagne	2
Somália Inglesa	1
Haussá	1
Sudão Ocidental	1
Suahol	1

África Oriental	1
Etiópica	1
Johanesburgo	1
Berbéria	1
Sul do Marrocos	1
Tripoli	1
Ras Makonnen	1
Jassu	1
Ras de Harrar	1
Makonnen	1
Negus	1
Gianni	1
Média Índia	1
País de Abase	1
S. Estevão dos Abissínios	1
Negus Makonnes	1
Arcebispo de Adis-Abeba	1
Alexandria	1
Bispos Etíopes	1
Extremo sul da África	1
Sul da África Inglesa	1
Ocidente da África	1
Nigéria	1
África Equatorial	1
Senegaleses	1
Imperatriz Judith da Abissínia	1
União Sul-Africana	1
Sr. Pirow	1
General Smuts	1
Levante de Worcester	1
Conselho Geral Transkerano	1
[Ra]sutolandia	1
Conselho Lahon	1
Banco Abissínia	1
Ras Tafari Malkomen	1
Imperatriz Zauditusi	1
Costa africana	1
Marrocos	1
Chella	1
Madagascar	1
Libéria	1
Zambese	1
Limpopo	1
Egito	1
Nilo	1
Senegalês	1
Batting Siki	1
Confederação Econômica dos Negros Africanos	1
cidade de Daienné	1

**Palavras referentes à África e quantidade de aparições no *Voz da Raça*
(1931-1937)**

África	19
Africano(s)	18
Menelick	8
Africana(s)	7
Etiópia	5
Abissínia	4
Etíope(s)	3
Congresso(s) afro-brasileiro(s)	3
Minas	3
Haussá	2
Nagô(s)	2
Abissínios	2
África Oriental	2
Egito	2
Moçambique	2
Angola	2
Lourenço Marque	2
África portuguesa	2
África do Norte	2
Blida	2
Argélia	2
Tribuna da África	1
Zanguear	1
Congo	1
Bosque Sagrado	1
Poço de Mãe Nagóo	1
Qued Kebir	1
Império Afro-Oriental	1
Império Salomanico	1
Amboelas	1
Afro-ianques	1
Yourubá	1
Ibatan	1
Jerba	1
África Setentrional	1
Castelo da Mina	1
Costa da Mina	1
Ajudá	1
Bissáo	1
Oorin	1
Calabar	1
África Meridional	1
Cabinda	1
Marabá	1
Sudanesas	1
Seium	1
Sallasié	1

Abdulkrim	1
Príncipe Tuam	1
Krus	1
Daometanos	1
A. Diagen	1
Senegal	1
África Occidental Francesa	1
Costa d'África	1
Talveuren	1
Congo Belga	1
Abissínico	1

BIBLIOGRAFIA

- ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amilcar Araújo. *Histórias do Movimento Negro no Brasil: depoimentos ao CPDOC*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2007.
- _____. *Qual África? Significados da África para o movimento negro no Brasil*. In: Estudos Históricos, n. 39, jan-jun de 2007, pp.25-56.
- ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro de. *Esperanças de Boaventura: construções da África e Africanismos na Bahia (1887-1910)*. In: Estudos Afro-Asiáticos, ano 24, n.2, 2002, pp.215-145.
- AZEVEDO, Francisco Thales. *Fronteiras em definição: identidades negras e imagens dos Estados Unidos e da África no jornal O Clarim da Alvorada (1924-1932)*. USP, Dissertação de Mestrado, 2010.
- ALVES, Henrique L.. *Bibliografia afro-brasileira*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Cátedra, 1979.
- BASTIDE, Roger. *A imprensa negra do Estado de São Paulo*. Estudos Afro-Brasileiros, Ed. Perspectiva, 1973.
- BARCELOS, Ana Paula . *Evaristo de Moraes: subjetividade, pobreza urbana, direito e trajetória individual*. In: Achegas.net, v. 32, p. 2, 2006.
- BARCELOS, Luiz Cláudio. *Mobilização racial no Brasil: uma revisão crítica*. In: Revista Afro-Ásia, n.17.
- BENOT, Yves. *Ideologias das Independências Africanas*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1981, volume 1.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- BOAHEN, A. Adu (Coord.). *História Geral da África*. São Paulo: Ática/Unesco, 1985, volume VII.
- CARVALHO, Gilmar Luiz de. *A imprensa negra paulista entre 1915 e 1937: características, mudanças e permanências*. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2009.
- CAMPOS, Maria Consuelo Cunha. *Cruz e Souza*. In: DUARTE, Eduardo de Assis(org.). *Literatura e afro-descendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, pp. 223-253, volume 1.
- DANTAS, Carolina Vianna, *O Brasil café com Leite: mestiçagem e identidade nacional*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2010.

- DOMINGUES, Petrônio. *A “Vênus negra”: Josephine Baker e a modernidade afro-atlântica*. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 23, n.45, jan.-jun. de 2010, pp.95-124
- _____. Lino Guedes: de filho de ex-escravo à “elite de cor”. In: Revista Afro-Ásia, n.41, 2010, pp.133-166.
- _____. “Um templo de luz: Frente Negra Brasileira (1931-1937) e a questão da educação”. In: Revista Brasileira de Educação v. 13, n. 39, set./dez. 2008.
- _____. “Constantemente derrubo lágrimas”: o drama de uma liderança negra no cárcere do Governo Vargas. In: Revista Topoi, v.8, jan.-jun. 2007, pp. 146-171.
- _____. *O “messias” negro? Arlindo Veiga dos Santos (1902-1978)*. In: Varia História, Belo Horizonte, vol. 22, n.36, jul/dez 2006, pp.517-536.
- _____. *A Visita de um afro-americano ao paraíso racial*. In: Revista de História, n.155, 2º/2006, pp. 161-181.
- _____. *A insurgência de ébano: a história da Frente Negra Brasileira*. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo: 2005.
- _____. *Uma história não contada*. São Paulo: SENAC, 2004.
- _____. *Negros de Almas Brancas? A Ideologia do Branqueamento no Interior da Comunidade Negra em São Paulo, 1915-1950*. In: Estudos Afro-Asiáticos, ano 24, n.3, 2002, pp.563-599.
- _____. *Movimento negro: alguns apontamentos históricos*. In: Revista Tempo, n.23. Departamento de História da UFF.
- GOMES, Heloisa Toller. *Lino Guedes*. In: DUARTE, Eduardo de Assis(org.). *Literatura e afro-descendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, volume 1, pp. 349-364.
- FARIA, Sheila de Castro. *Sinhás Pretas, damas mercadoras. As pretas minas na cidade do Rio de Janeiro e São João D’El Rey*. Universidade Federal Fluminense, 2005 (tese de concurso para Professor Titular de História da UFF).
- FERRARA, Miriam Nicolau. *A imprensa negra paulista (1915-1963)*. FFLCH/USP, 1986.
- _____. *A imprensa negra paulista (1915-1963)*. In: Revista Brasileira de História, vol.5, n.10, mar.-ago. 1985, pp.197-207.

- FERRO, Antonio. *A Idade do Jazz-Band*. Off. Graph. São Paulo: Monteiro Lobato, 1923.
- FERNANDES, Florestan. *Consciência negra e transformação da realidade*. Pronunciamento e emenda constitucional do deputado Florestan Fernandes. Centro de Documentação e Informação. Coordenação de publicações. Brasília: 1994.
- _____. *A integração do negro na sociedade de classes*. 3ª ed. São Paulo: Editora Ática, volume 1 e 2, 1978.
- _____. *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Global Editora, 2007.
- FRANCISCO, Flávio Thales Ribeiro. *Fronteiras em definição: identidades negras e imagens dos Estados Unidos e da África no jornal O Clarim da Alvorada (1924-1932)*. Dissertação de Mestrado, USP, Departamento de História: São Paulo, 2010.
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympo Editora, 1978.
- GILROY, Paul. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Editora 34, 2001.
- GOMES, Flávio. *Negros e política (1888-1937)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- GOMES, Heloisa Toller. *Lino Guedes*. In: DUARTE, Eduardo de Assis (org.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, volume 1, pp. 349-363, 2011.
- GOMES, Thiago de Melo. *Problemas no paraíso: a democracia racial brasileira frente à imigração afro-americana (1921)*. In: Estudos Afro-Asiáticos, Ano 25, n. 2, 2003, pp. 307-331.
- GRAMSCI, Antônio. *Cadernos do Cárcere: Os intelectuais. O princípio educativos. Jornalismo*. Volume 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- GUIMARÃES, Antônio Sérgio. *A modernidade negra*. Texto apresentado na reunião da ANPOCS, Caxambu, 2002.
- _____. *Notas sobre raça, cultura e identidade na imprensa negra de São Paulo e Rio de Janeiro, 1925-1950*. In: Revista Afro - Ásia, n. 30, pp. 247-269.
- _____. *Racismo e antirracismo no Brasil*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- HOBBSBAWM, Eric J.. *História social do jazz*. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- _____. *Nações e nacionalismos desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- ILIFFE, John. *Os africanos: história dum continente*. Lisboa: Terramar Editora, 1995.
- JÚNIOR, Caio Prado. *Formação do Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1973.
- JÚNIOR, R. Magalhães. *Poesia e vida de Cruz e Souza*. Brasília: Civilização Brasileira, 1975.
- LEAL, Maria das Graças de Andrade. *Manuel Querino – Entre letras e lutas: Bahia 1851-1923*. Annablume Editora: São Paulo, 2009.
- LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: Editora Enesp, 2001.
- LOPES, Nei. *Enciclopédia brasileira da diáspora africana*, 2004.
- MARQUES, Alexandre Kohlrausch. *A questão ítalo-abissínia: os significados atribuídos à invasão italiana à Etiópia, em 1935, pela intelectualidade gaúcha*. Porto Alegre: Dissertação de Mestrado, UFRGS, 2008
- _____. *Etiópia: Um símbolo de africanidade*.
- MATTOS, Hebe; RIOS, Ana. *O pós-abolição como problema histórico: balanços e perspectivas*. In: *TOPOI*, n. 8, jan.-jun. 2004, volume 5, pp. 170-198.
- _____. *Memórias do Cativo: família, trabalho e cidadania pós-abolição*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- MAZRUL, Ali A. (editor). *História Geral da África*, vol. VIII, “África desde 1935”. Brasília: Unesco, 2010.
- MELO, Victor; BITTENCOURT, Marcelo; NASCIMENTO, Augusto (orgs). *Mais que um jogo: o esporte e o continente africano*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.
- MELO, Victor Andrade de (org). *Os sports e as cidades brasileiras*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.
- MIRANDA, Rodrigo. *Um caminho de suor e letras: a militância negra em Campinas e a construção de um comunidade imaginada nas páginas do Getulino (Campinas, 1923-1926)*. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2005.
- MOURA, Clóvis. *Organizações Negras*.
- _____. *Imprensa Negra*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado S. A., 1984

- OLIVEIRA, André Côrtes de. *Quem é a “gente negra nacional”?* *Frente Negra e A Voz da Raça (1933-1937)*. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Ciências Humanas Filosofia, 2006.
- OLIVERIRA, Laiana Lannes. *Entre a miscigenação e a multirracialização: brasileiros negros ou negros brasileiros? Os desafios do movimento negro brasileiro no período de valorização nacionalista (1930-1950) – A Frente Negra Brasileira e o Teatro Experimental do Negro*. Tese de Doutorado, Orientadora Martha Abreu Campos – UFF, Departamento de História, 2008.
- PEREIRA, Amilcar Araújo. *“O mundo negro”: a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil (1970-1995)*. Tese de Doutorado, UFF, Departamento de História: Niterói, 2010.
- PINTO, Ana Flávia Magalhães. *De pele escura e tinta preta: a imprensa negra do século XIX (1833-1899)*. Dissertação de Mestrado, UnB, Programa de Pós-Graduação em História, 2006.
- PINTO, L. A. Costa. *O negro no Rio de Janeiro: relações de raças numa sociedade em mudanças*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2ª edição, 1998.
- PINTO, Regina Pahin. *O movimento negro em São Paulo: luta e identidade*. Tese de doutorado. São Paulo: FFLCH/USP, 1993.
- PIRES, Antonio Liberac Cardoso Simões. *As associações dos Homens de Cor e a Imprensa Negra Paulista: movimentos negros, cultura e política no Brasil Republicano (1915-1945)*. Belo Horizonte: Fundação Universidade Federal de Tocantins, 2006.
- PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira*. São Paulo: Editora Schwarcz:, 1999.
- QUERINO, Manuel. *O colono preto como fator de civilização brasileira*, 1918.
- RAMOS, Arthur. *O negro na civilização brasileira*. Rio de Janeiro; Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1956.
- RECCIOPPO, Thiago. *Por uma história do sujeito: a biografia política do deputado mineiro Fidélis Reis*. Texto integrante dos Anais do XX Encontro Regional de História: História e Liberdade. ANPUH/SP – UNESP-Franca. 06 a 10 de setembro de 2010.
- REIS, João José. *Identidade e Diversidade Étnicas nas Irmandades Negras no Tempo da Escravidão*. In: *Revista Tempo*, volume 2, n°. 3, 1996
- REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

- RIOS, Flávia Mateus. *Movimento negro brasileiro nas Ciências Sociais (1950-2000)*. Sociedade e Cultura, vol. 12, n.2, p.263-274, jul./dez., Goiânia, 2009.
- RODRIGUES, José Honório. *África e Brasil: outro horizonte*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1961.
- RODRIGUES, Nina. *O animismo fetichista dos negros baianos*. Rio de Janeiro: UFRJ Editora, 2006.
- ROMERO, Sylvio Romero. *História da Literatura Brasileira*. Tomo Primeiro: Contribuições e estudos gerais para o exato conhecimento da literatura brasileira. 5ª edição. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1953.
- RUSSEL-WOOD, A. J. R.. *Escravos e libertos no Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- SALGUREIRO, Maria Aparecida e Andrade (org.). *A República e a questão do negro no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Museu da República, 2005.
- SARAIVA, Flávio Sombra. *O lugar da África: a dimensão atlântica da política externa brasileira (1945-1996)*. Brasília: Editora UnB, 1996.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Espetáculo da miscigenação*. In: Estudos Avançados, n.20, jan./abr., 1994.
- _____. *O Espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- SILVA, Alberto da Costa e. *Um Rio chamado Atlântico*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2003.
- SILVA, Luiz (CUTI). *Luiz Gama: uma trajetória além do seu tempo*. In: Estudos afro-asiáticos, n.16, 1989, pp.59-69.
- _____. *E disse o velho militante: José Correia Leite*. São Paulo: Editora Noovha América, 2007.
- SKIDMORE, Thomas E.. *O Brasil visto de fora*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- _____. *Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- SILVA, Carlos Benedito Rodrigues da. *Os sons do Atlântico*. In: Revista Brasileira do Caribe, Goiânia, vol. VIII, n° 15, 21-39, 2007.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- _____. *Formação histórica do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

VELLOSO, Mônica Pimenta. *As tradições populares na Belle Époque carioca*". Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1988.

ZAMPARONI, V. D. . A África e os estudos africanos no Brasil: passado e futuro. In: *Ciência e Cultura* (SBPC), v. 59, 2, pp. 46-49, 2007.

Fontes Primárias

- *Jornais da Raça Negra*. Biblioteca Nacional, localização: PR-SPR 818-834.
- Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (RIHGB). Edições (1839-1929) digitalizadas em <http://www.ihgb.org.br/rihgb.php>, outubro de 2009.
- Almanaque Brasileiro Garnier, Rio de Janeiro, 1904.

Sítios consultados

Informações sobre imprensa negra paulista:

- http://www.assis.unesp.br/cedap/cat_imprensa_negra/cat_imprensa_negra.html.
Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (CEDAP/UNESP)

Vídeos diversos:

- youtube.com

Sítio *American Experience* – documentos, fotos e informações sobre Marcus Garvey.

- <http://www.pbs.org/wgbh/amex/garvey/filmmore/ps.html>

Sobre a *imprensa negra paulista* (1915-1963)

<http://omenelicksegundoato.blogspot.com.br/2010/11/imprensa-negra-paulista-1915-1963.html>

Informações quantitativas sobre cotas no Brasil:

<http://www.educafro.org.br/cotas-mapa.html>

Centro de Estudos Afro-Asiáticos (UFBA):

<http://www.ceao.ufba.br/2007/apresentacao.php>

Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI/UFF): <http://www.labhoi.uff.br/>